AURELIO PINHEIRO

Gleba tumultuaria

SCENAS E SCENARIOS
do AMAZONAS

LIVRARIA CLASSICA
J. J. da CAMARA
Manãos - Amazonas — 1927

«PARECE QUE ALI A IMPONENCIA DOS PROBLEMAS IMPLICA O DISCURSO VAGAROZO DAS ANALIZES: ÁS INDUÇÕES AVANTAJAM-SE DEMAZIADO OS LANCES DA FANTAZIA. AS VERDADES DESFECHAM EM HIPERBOLES!».

Euclides da Cunha.

SUCURIJÚ

Ao norte do Valle Amazonico, por entre os contrafortes que apoiam o systema orographico *Parima-goyano,* o sólo revolto desdobra-se em alcantis e socalcos, num tumultuoso aspecto de desordem. Despenhadeiros aterradores, cerros desnudos, covões, escarpas a prumo, toda uma esphacelada, confusa gleba de schisto, quartzo, crystal de rocha e mica, assignala essa região onde nasce, nos seus limites septentrionaes, a *Hylae* maravilhosa.

Ahi, nas vertentes brasileiras da *Roraima,* em que repontam as primeiras aguas do *Cotingo,* os indios *Yaricunas* assentaram, desde seculos, a sua grande Malóca, tran-

quillos e livres, sem guerras e sem discordias, repudiando e temendo os civilisados que, por vezes, surgiam nas suas terras, vindos da Venezuela e da Guyana.

Assim viviam, fortes, alegres, felizes, caçando nas grótas e nas mattas, creando o gado, plantando na estreita planicie que se distende entre a *Sabana* e o *Quinô*.

Um dia, porem, um grupo de homens, evadidos da Guyana Ingleza, atacou bruscamente a velha taba. Na lucta feroz os indios foram quasi todos trucidados a faca e a tiros de rifle; a Malóca e os casebres em torno ruiram saqueados e incendiados; as creanças foram atiradas ás labaredas, e as mulheres, arrastadas como escravas, serviam á ululante sensualidade dos vencedores.

Jamais, naquelles ermos accidentados, desde as fraldas da *Roraima* aos pincaros do *Cuano-Çuano*, se desenrolara tão hedionda tragedia!

O bando sinistro vagou ainda por algum tempo entre essas terras agrestes do Amazonas, depredando, matando, extrahindo o ouro nos leitos dos *igarapés*, aprisionando o gado selvagem, que dos campos do Rio Branco fugira para os valles do alto *Mahú*. Na desenfreada correria arrastavam esse troço de

Yaricunas vencidos, que sob vergastadas e injurias lhes carregavam as bagagens e os trophéos.

Mas a noticia da hecatombe correra pelas tribus distantes. E os *Macuxys*, os *Aturays*, os *Uapichanas* convocaram os seus melhores guereiros, partiram para as terras barbaras do norte, começaram a perseguir os devastadores, vingando os *Yaricunas* arrasados.

Esconderam-se nas collinas e nas mattas, envenenaram as flechas, armaram emboscadas. De vez em quando, á passagem dos desalmados aventureiros, um silvo estranho e presago zunia nos ares, partido de algum esconderijo; outros silvos em resposta cruzavam-se no espaço, e logo as settas vingadoras desciam sobre os bandoleiros, que resistiam, que se entrincheiravam, atirando a esmo. Mas os tiros perdiam-se, inefficazes, nas serras e nas florestas. Os atacantes eram diabolicamente invisiveis; as descargas dos rifles resoavam nos covões e nos cerros como um aviso lugubre, mas inutil. E sempre, em todas as ciladas dos indios, algum homem do grupo tombava ferido por uma flecha, sob o terror crescente dos companheiros.

Desorientados, espavoridos, uivando de temor e de odio, os saqueadores corriam sem

destino, entre montanhas e planicies, acossados por aquelle inimigo inattingivel e incançavel.

As ciladas, os silvos, as flechas, succediam-se quotidianamente, apesar da vigilancia dos assoladores. Já poucos homens restavam, e os indios prisioneiros, mal guardados, mal vigiados, fugiam. Por fim, após um mez de marchas continuas, de privações e de angustias, existiam, apenas, da perdida caravana, dois homens guyanenses e uma india— *Yahê*, — filha de um pagé da tribu.

A belleza, a adolescencia e a docilidade da *Yaricuna*, enfeitiçavam os dois bandidos; e um ciume atroz, surdo, desesperado, ergueu entre ambos um desses odios sombrios e brutos, que crescem e se empolam e rebentam dentro do peito como uma turgida raiz de arvore que faz estalar um lagedo.

O ciume cresceu; o odio cresceu com elle, mais vivo e mais tenebroso. Os olhares dos dois homens eram chammas candentes de lubricidade e de furor, e nas palavras que rosnavam havia por vezes um rancor mais aggressivo que um rugido de tigre. *Yahê* percebera logo o intimo supplicio dos sceleRados, e sorria a ambos, serena e submissa, attenta aos silvos mysteriosos, que eram o

prenuncio das luctas e da liberdade dos seus. Mas os silvos nunca mais atravessaram os valles e as collinas, e a india, julgando-se abandonada e esquecida pela sua tribu, resignou-se ao horrendo captiveiro.

Uma noite veio o desfecho daquelle ciume e daquelle odio. Os dois homens disputaram a posse da india, jogaram palavras rapidas, recuaram, mediram-se, — e subitamente, como feras que se entreolham, atracaram-se, luctaram corpo a corpo, num decisivo recontro. Rolaram pelo sólo, arfando, resfolegando, bramindo, numa peleja de morte. Depois ergueram-se, e immediatamente, de pé, ligaram-se, os troncos premidos num abraço instantaneo e bravio.

Yahê a um lado observava a pugna selvagem, e sorria, pensando que chegara, afinal, a sua noite de liberdade, porque os dois homens rolariam na terra, ambos mortos, ambos anniquilados na horrivel compressão. Assim estiveram, talvez um minuto, rijamente enlaçados, arquejando, rugindo. Mas um delles, o mais moço, erguia os braços, asphyxiado, perdido. E inclinava para traz a cabeça, emquanto o outro o estrangulava rapidamente, os dedos cravados na garganta.

Estavam, então, nas proximidades do rio

Mahú, nos *campos geraes* do Rio Branco. Silenciosa e docil, *Yahê* acompanhava o ultimo bandoleiro, atravez dos verdes, immensos *lavrados.*

Um dia, porem, quando descançavam á beira de um *igarapé,* sob as palmas do buritysal que se elevava no extenso descampado, surgiu um grupo alegre de vaqueiros. Cercaram-n'os, interrogaram-n'os. O homem foi reconhecido; era um garimpeiro de *Berbice,* celebre pela perversidade e pela força. Os vaqueiros laçaram-n'o, escoltaram-n'o até a fronteira da Guyana, onde o deixaram sob a vigilancia da policia ingleza. *Yahê* foi conduzida para a margem do *Mahú* e entregue ao Delegado dos indios.

* * *

Decorre, ligeiro e facil, todo um anno de paz. *Yahê* civilisara-se, adaptara-se a novo meio, comprehendendo e falando a nossa lingua. Desprezara a tanga dos ancestraes, e movia-se, embora com difficuldade, dentro de uma larga saia de *riscado.* Todavia, apesar de tão ingressada na civilisação, mantinha ainda

o mesmo caracter:—séria, tranquilla, imperturbavel, sem carinhos e sem maldades, numa quieta resignação de exilada e vencida.

O Delegado dos indios confiara-a aos desvelos e á probidade da familia de um vaqueiro, o Antonio Moura. Era uma gente rude e honesta, que viera do Piauhy numa leva de emigrantes. O vaqueiro, a mulher—a quem chamavam simplesmente Sinh'Anna — e tres filhos pequeninos, viviam de uma incipiente agricultura e de algumas rezes de *meiação*, numa Fazendinha fertil — a *"Esperança"*— na margem brasileira do *Mahú*.

Ao principio receiaram a intromissão da selvagem nos seus habitos familiares, e olhavam-n'a com uma desconfiança hostil. Mas a *Yaricuna* não se apercebia dessa aversão, e trabalhava, calada, insociavel, insensivel, sem demonstrar por essa gente nenhum sentimento de gratidão ou de sympathia. Não falava, não alludia á sua tribu, á sua Malóca, á sua vida anterior, como se toda a sua existencia passada houvesse desapparecido para sempre. Apenas, em certas horas da tarde, das tardes claras de verão, viam-n'a immovel, hirta, hypnotisada, no meio do campo onde o vento do nordeste se arremessava livre e largo. Nessa attitude de espreita e de ansiedade,

fitava deslumbrada a immensa cordilheira, toda azul sob o esplendor do sól, para alem dos *lavrados*. O sól baixava, sumia-se por traz das serras longinquas, avermelhando as cristas altas dos montes, como se as adornasse uma fulgurante grinalda de fogo. A noite descia socegada e doce na tristeza dos *campos geraes*. *Yahê* voltava, devagar, absorta, silenciosa, traspassada por uma aguda melancolia.

Trabalhava. Nos serviços caseiros, no campo, nas roças, começava e terminava a longa tarefa, indifferente ao sól e á chuva. Ninguem lhe via no rosto e nos modos uma satisfação ou um protesto, e desde a alvorada ao anoitecer, fosse leve ou rude a sua lida, conservava o mesmo traço de submissão e de impassibilidade, como se a sua alma fosse um reflexo do seu corpo — um corpo de bronze olympico e humido, e mais frio e mais inerte que o bronze.

Por esse tempo, justamente um anno depois da entrega da *Yaricuna* ao vaqueiro, houve na "*Esperança*" um caso horripilante. Uma tarde em que o filhinho mais velho de Antonio Moura, uma creança de cinco annos, tomava o seu banho habitual, no rio, subitamente desappareceu. Nesse trecho o *Mahú*

era pedregoso e profundo, formando um grande poço onde as aguas remansavam. Do lado opposto, nas terras da Guyana Ingleza, a margem escura e alta erguia-se num barranco a pique, e as ingaranas deitavam sobre as aguas a sombra dos ramos inclinados. *Yahê* estava com a creança, distrahida, lavando a roupa, e não a vira afastar-se, correndo, brincando sobre o pedregulho, ora a saltar sobre os lagedos, ora a banhar-se no rio. E de repente um grito, uma horrivel exclamação de pavor; uns bracinhos que se debatiam; a agua revolta; uma commoção de catastrophe !

Aos brados da india correram o vaqueiro e a mulher, allucinados. *Yahê* explicava depressa, gesticulando, o tragico desapparecimento. E todos viram, esgazeados: — no meio do rio, mesmo no largo remanso, havia ainda um convulso torvelinho, como se no fundo do abysmo alguma cousa viva e bruta se contorcesse em desespero.

Antonio Moura arrojava para um lado, sobre as pedras, a blusa de mescla; apertava na mão a faca de ponta, e ia atirar-se á agua, quando a mulher o deteve pelo braço, implorando :

——Não ! Não ! E' sucurijú ! Você vai morrer. Pelo amor de Deus !

O vaqueiro, desvairado, repelliu-a violentamente, bradando, urrando, num rancor que o desfigurava :

—— Arreda, mulher ! Seja o que fôr; seja o diabo ! Eu vou buscar o meu filho !

Arremessou-se de um pulo, mergulhou. Veio á tona, offegante, nadou até o remanso e mergulhou de novo sobre o torvelinho que ia a pouco e pouco serenando.

Durou um minuto, um minuto que parecia sem termo, o tétrico mergulho. A mulher aos brados corria pela margem, desgrenhada, louca, ajoelhando-se nos brancos lagedos, pedindo, supplicando, levantando nos braços outro filho, num appello delirante. Emfim, Antonio Moura surgiu no meio do remanso e nadou para a terra, desorientado, vencido, a arquejar :

—— Foi se embora. Não vi mais nada... nada ... Meu filho ! Meu pobre filhinho !

E abraçou-se á mulher, tomado de soluços, gemendo, subjugado pela desventura que o anniquilava.

Sobre o triste acontecimento passaram os dias. O vaqueiro sondou o poço nefando; comprou a um garimpeiro do *Iramutã* cartuchos de dynamite e fel-os explodir no remanso; varou com arpão e haste as aguas do

rio; passou dias e noites á margem do *Mahú*, observando, os olhos cheios de lagrimas, o rifle ao lado, prompto, com a bala na agulha. Vagou por toda parte, indagando dos visinhos e dos viajantes. Ninguem vira a passagem do monstro. Apenas um caboclo do *Surumú*, que andava *mariscando*, affirmava, meio bebedo, que uma noite avistara sobre as aguas tranquillas, na muda escuridão, duas tochas que brilhavam sinistramente como um clarão gelado e branco.

E compadecido da negra dôr que atravessava a alma do vaqueiro, convencia-o num doce consolo :

—— Era a bicha ! Já tenho visto cobra grande descendo o rio, de noite. Faz medo !

—— Talvez fosse — murmurou Antonio Moura, incredulo, sentindo o halito aguardentado do companheiro.

O caboclo remava ao seu lado, e garantia com enthusiasmo :

—— Era cobra grande ! Descia pra o *Tacutú*, a toda. Nem que ver uma lancha !

Antonio Moura voltou para a casa, suspirando. Ah! Se elle a visse, essa cobra infame e monstruosa, descendo o rio, com os olhos como dois fachos rutilando na noite !

Se pudesse despejar-lhe no corpo as doze balas do seu rifle !

Mas, apesar do seu demasiado amor ao primogenito e da saudade que o amollecia, a sua attenção desviava-se para outro caso. Sinh'Anna dava-lhe, entre sobresaltos e perigos, mais um rebento. Ella que fôra sempre fecunda e forte, lançando os filhos ao mundo com uma naturalidade e uma simplicidade de india moça, tinha dessa vez embaraços e agonias que o assustavam. Atravessou, entretanto, todas as crises, reagindo, com uma serena confiança nos seus santos e no seu organismo. E numa quieta madrugada toda a casa accordou ao choro de uma pequenita roliça e vermelha.

A esses atormentados dias sobrevieram outros de paz e de ventura. Sinh'Anna continuou na sua labuta, alegre e robusta. Antonio Moura voltou ao trabalho, afogando na peleja das *campeadas* e das *ferras* a recordação e o pesar. A desmancha da roça, o gado, os *chirimbabos*, o seu ultimo descendente, tomavam-lhe as horas todas e todos os cuidados, — e sobre a "*Esperança*" passou suavemente, nesse farto verão, uma larga, illuminada felicidade.

* * *

Durou, porem, apenas um curto verão essa fortuna. Seis mezes depois do nascimento da menina, um facto doloroso e inverosimil abalou o casal. Outro filho, o segundo, desappareceu no fundo remanso do rio, numa nublada manhã em que *Yahê* lavava a roupa e a creança brincava alli perto, núa, a banhar-se.

Não é possivel explicar o desespero, o transe, a angustia desse acontecimento. Torturado, abalado pelo desgosto, Antonio Moura entregou-se a uma funebre melancolia, abandonando os serviços, a mulher, a casa, postado dia e noite á margem do *Mahú*, numa espreita cruel, perfurando com os olhos doloridos a agua que remansava. A mulher vendo a sua attitude calcou a propria magua, consolando-o, guiando-o, resando, a tremer daquella sombria obstinação.

Foi nessa época de afflicções que a india *Yaricuna*, resolutamente, sem pedidos e sem conselhos, tomou conta da Fazenda. Antonio Moura, esmagado e ensandecido, perdia-se em scismas pelo rio e pelos campos, gemen-

do, numa transfiguração de somnambulo. Sinh'Anna seguia-o, confortavo-o, apprehensiva e triste. A propriedade ao desamparo apresentava um prematuro aspecto de ruina. A india, então, ella só, num admiravel heroismo, absorveu todos os encargos, e dia e noite, pelos curraes, pelo campo, pelas roças, por toda parte onde houvesse a necessidade da sua força e do seu raciocinio, dirigia tudo, providenciava, velava, sem sorrisos e sem queixas, — muda, sóbria, infatigavel.

Encarregou-se dos mais asperos trabalhos. Campeava o gado, mugia as vaccas, torrava a farinha, matava a rez para o sustento, concertava as cercas. Muitas vezes ia terminar os serviços noite alta, exhausta, exgottada, enrolando-se para um canto do alpendre, esperando a madrugada que a encontrava de pé, agil e vigilante.

Emfim, guiado pela doçura e pela infinita paciencia de Sinh'Anna, o vaqueiro ia voltando aos seus habitos. E comprehendendo a dedicação da pobre *Yaricuna,* dizia continuamente, numa gratidão aberta e viva :

—— Foi a nossa salvação ! Foi a nossa felicidade, essa creatura !

Sinh'Anna, solicita, olhando a india com ternura, confirmava :

—— Ah! Se não fosse ella ! Que seria de nós ? !

E elle e a mulher passaram a admirar com attenção e carinho aquella india modesta, que os livrara da miseria: Antonio Moura com a vaga idéa de procurar um casamento para a selvagem; Sinh'Anna promettendo um vestido novo pelo Natal.

Veio a tranquillidade. Durante mezes a *"Esperança"*, prosperou, sob a actividade e o zelo do vaqueiro. Sinh'Anna de novo engrossava a cintura numa fecundidade risonha e facil. Antonio Moura lidava nas campeadas, com outros vaqueiros, atravessando serras e *lavrados*, numa liberdade de nómada galopando no seu deserto. Pela casa, pelos campos, pelas roças, passava novamente, nesse claro verão tropical, uma doce felicidade.

Mas a felicidade sempre foi curta e fallaz ! E certamente a *"Esperança"* fôra — por uma atroz ironia dos fados — destinada ás mais espantosas tragedias !

Antonio Moura estava nos campos do *Iê-Iê* quando recebeu a noticia que lhe trouxera um camarada: — outro filho sumira-se no remanso do rio, tragado pela sucurijú ! Correu para a casa, meio louco, e assaltado de assombro e de horror cuidou immediata-

mente de procurar outro abrigo para a familia. Levou a mulher e o ultimo filho para a casa de um amigo. A mudança socegou-o. Durante um mez lá ficou, atordoado, irresoluto, sem coragem para voltar á Fazenda, que ficou entregue á *Yahê*. Depois procurou vender a *"Esperança"*, e passou-a a um sujeito do *Tacutú*, ás pressas, por um preço insignificante.

* * *

Foi com o mais pungente sacrificio que, por uma serena manhã de Setembro, Antonio Moura resolveu ir buscar os seus pobres moveis, os seus *chirimbabos* e a india.

Chegou, e ao contrario do que esperava, viu a casa em abandono, o terreiro sujo, os animaes famintos, uma triste desordem que o confrangia. Dentro, na casa, era peior ainda. Chamou, então, a india, surprehendido. Mas vendo que ella se demorava, quiz pela ultima vez observar o execravel remanso que lhe devorara os filhos.

Para lá moveu os passos, como se partisse para o extremo supplicio. Seguiu pela

trilha aberta no capim, até o rio, escondido por uma orla de *ingaranas*. Deixou depois a trilha, e caminhava por entre essa orla de arbustos esgalhados, quando sentiu por alli passos leves de alguem que se approximava. O vaqueiro admirado occultou-se entre os ramos. De repente dois braços morenos afastam os galhos, e elle vê a india, circumvagando os olhos que brilhavam, com um sorriso na bocca — o unico sorriso que lhe vira em dois annos de convivencia !

Yahê caminhava, mais leve, mais lenta, o ouvido attento. Foi até junto a agua onde estava o lagedo em que costumava bater a roupa. Era uma lage fina, branca, de quasi um metro quadrado. Olhou ainda em torno, numa suspeita, e depois, tranquilla, segura, curvou-se e começou a erguer devagar, num esforço de todos os musculos, a pedra enorme. Levantou-a e ficou a olhar para a terra que a lage cobrira, — fascinada, risonha, feliz.

O vaqueiro approximou-se para ver tambem essa cousa mysteriosa que arrancava daquelles labios tão enlevado sorriso. Talvez estivesse alli, sob aquella fina lage, um pouco de ouro, desse puro ouro de alluvião, que desde a *Roraima* ao *Cuano-Cuano*

faiscava nos leitos dos rios e dos *igarapés !* Era bem possivel. Muitas vezes os garimpeiros da Guyana e da Venezuela percorriam essas terras escabrosas e desconhecidas do *Iramutã*, do *Uaylã* e do *Quinô*, e de lá traziam nas saccolas o ouro que vendiam no Rio Branco. Antonio Moura pensou, sorrindo tambem, que só esse ouro, com a sua seducção e o seu brilho, poderia perturbar o coração da *Yaricuna !* Certamente *Yahê* vira quando elle chegara; certamente ouvira a sua vóz, chamando-a; e sabendo que iria partir, deixar para sempre a *"Esperança"*, aproveitava esses ultimos momentos para, pela ultima vez, rever o seu deslumbrante, encantado thesouro.

Approximou-se ainda mais, collocou-se ao lado da india, emocionado, abalado, o largo peito a estalar.

E viu ! No sólo havia uma excavação, e dentro della um monticulo de ossos e um cadaver pequenino que se decompunha, disforme, viscoso, nauseabundo.

Num relampago de raciocinio Antonio Moura comprehendeu tudo — e segurando a india pela garganta, bradava, allucinado :

—— Ah ! Eras tu a infame serpente ! Eras tu que devoravas os meus filhinhos !

Eras tu ! Pois vais morrer ! Vais morrer !

Os seus dedos apertavam a garganta da *Yaricuna,* devagar, numa lentidão cruel, como se quizesse retardar a volupia da sua vingança.

Um olhar de odio, sinistro, voraz, inflexivel, fulgia nas pupillas da india, que derrubada, asphyxiada, uivava num estertor :

—— Não. A primeira foi a cobra grande. As outras, fui eu ... fui eu ... Brancos ... malditos ! ...

Coração de Caboclo

Francisco Piaba era pernambucano e morava no Paraná do Ramos.

Percorrera todo o Tapajós e todo o Sucundury, até as suas ultimas cachoeiras, e levara, durante vinte annos, uma vida singularmente agitada e incerta. Ora seringueiro, ora agricultor, ora simples jornaleiro, peregrinou duramente por todo esse vasto trecho de terras, sem pouso e sem esperanças.

Aos quarenta e quatro annos, cada vez mais desilludido e pobre, abandonou emfim, os dois rios da sua miseria. Rompeu o planalto do Tapajós, e nas argillas roxas e

fartas de Maués foi acostar-se a uma velha Malóca de indios mansos que exploravam o guaraná. Ahi, então, socegou; ahi prosperou, sob a protecção de um *Tucháua.*

Quatro annos depois, com alguns contos de réis no fundo da mala e uma remoçada alegria no fundo do coração — casou-se. Casou-se porque só comprehendia a felicidade e a vida dentro do casamento, perpetuando os Piabas com alegria e fartura. A mulher, porem, entendia a felicidade de uma forma differente, e não podia comprehendel-a dentro das paredes de uma velha Malóca, mesmo em via de civilisação. Mestiça, filha de um judeu e de uma curibóca de Barreirinha, possuindo alguma instrucção e muitos sonhos, — Nhá Cóta, esposa de Francisco Piaba, exigiu logo do marido uma situação melhor, mais desafogada e mais decente. E elle, submisso e apaixonado, deixou a Malóca, abraçou soluçando o *Tucháua* que o protegera, foi morar no Paraná do Ramos, numas terras de varzea, negras, ferteis, promettedoras.

Socegado, feliz, estabeleceu-se. Abriu uma vendinha, plantou cacáu e iniciou um *porto de lenha* para os *gaiolas* que trafegavam entre Parintins e Maués.

Nhá Cóta, ao fim de um anno de invejavel socego conjugal, teve uma filha — a Raymunda — a quem chamaram Mundica, desde que abriu os olhos para o Amazonas e o Mundo.

Sobre o casal, a vendinha, o *porto de lenha* e a Mundica passaram dezoito annos de paz campestre. Nhá Cóta não teve mais filhos, e a Mundica, por isso, cresceu, adorada e livre, com um rostinho cor de creme e uma espontada farpa de genio. Aos quinze annos teve o primeiro namoro, um namoro que, apesar de primeiro, foi ardentemente escabroso. Aos dezesete, outro, mais escabroso ainda, com um rapaz visinho, que a deixou de subito, após uma tarde inteira de atrapalhado idyllio pelas sombras do cacáual.

E Mundica, robusta, alegre, dominadora, calcou as saudades do moço e da tarde sublime, contando á mãe os seus desgostos e a consequencia do largo idyllio. Nhá Cóta chorou, desolada, sem forças, acceitando o destino amargo e observando á filha imprudente :

——E agora? Se vier um filho, que se ha de fazer ? Meus Deus !

—— Cria-se. Resolveu logo a Mundica, alçando os hombros.

—— E seu pai, coitado ? E a vergonha ?

A moça deu um muxôxo estirando o beiço :

—— Tolice, mãe. Como se um filho fosse cousa do outro mundo ! Cria-se, prompto!

Nhá Cóta calou-se, enxugando os olhos tristes numa dolorida conformação.

Isso passara-se á tarde, na sala de jantar, onde as duas mulheres costuravam, emquanto Francisco Piaba, no porto, tomava o seu banho. Da vendinha, na frente, vinha um sussurro de conversas dos lenheiros; pelo cacáual, atraz da casa, alastrava-se um silencio de floresta ao meio dia; gallinhas e patos passeiavam no terreiro catando insectos; e o papagaio da Mundica, trepado no galho de uma seringueira *de planta,* catava as pennas com furor. Um pouco distante, á frente da propriedade, o Paraná do Ramos corria manso e largo como um rio no equinoccio de Março.

Nhá Cóta, receiosa da filha, daquelles bruscos arrebatamentos da moça, que sacudiam, que abalavam toda a casa, enxugara as ultimas lagrimas e enfiava a agulha no panno, as pobres mãos a tremer.

* * *

Durante tres mezes, disfarçando um lugubre exame, a olhar a cintura da filha, Nhá Cóta permaneceu em sobresaltada espectativa. Mas não veio o filho. A moça emmagreceu um pouco, e mais agil, mais viva, perdendo os receios, cantava, sorria, corria por toda parte, numa gloriosa, saltitante alegria.

Foi nesse tempo que o Ignacio começou a olhal-a, magnetisado. Largava-se do *Paranánema,* onde morava, com a *montaria* atulhada, levando ao Francisco Piaba os seus productos á venda. Por lá ficava, rondando o balcão, espreitando o interior da casa, os montes de lenha, os tendaes do cacáu, o *porto,* com o coração a crescer e a saltar todas as vezes que a Mundica surgia, sempre a sorrir, viçosa e doce.

Ignacio era um caboclo baixo, grosso, de olhos pequenos e obliquos, o cabello negro e liso cahindo pela testa. Vivia no *Paranánema* com a mãe e a irmã, ambas viuvas, numas terras que herdara. Plantava, pescava, tinha uma ponta de gado e um cacáualsi-

nho de cem arrobas, na terra firme. Trabalhador, amando e sustentando as duas mulheres, desde os vinte annos, quando perdera o pai, jamais outra affeição viera perturbar a sua quieta felicidade.

Um dia, porem, ia fazer dois mezes, teve uma transação de gado com o Francisco Piaba, e começou a frequentar, ora comprando, ora vendendo. o seu estabelecimento. De uma das vezes o commerciante adoecera, e mandou ao balcão a mulher. Com a mulher veio a filha.

Data dessa tarde — em que as duas mulheres foram ao balcão da vendinha — a violenta impressão do Ignacio. Diante da Mundica, atordoado, fascinado, absorto, sentiu-se atravessado pela paixão — paixão inexplicavel, desmaterialisada, toda espiritual, que o impellia a prostra-se, a ajoelhar-se ante a esplendida, offuscante belleza da moça. E desde então começou a adoral-a como a um idolo, tal se della emanasse uma luz mysteriosa que o entontecia. Amou-a assim, nos gestos, no sorriso, no andar, na sombra que a seguia. Nunca o seu puro pensamento perfurou a chita do seu vestido; nunca de leve sonhou que poderia ter nos braços, entre os musculos contrahidos, o seu corpo sen-

sual e macio; e nunca no seu pobre cerebro penetrou a idéa lasciva e fremente do sexo.

Vivia assim, sob o seu vasto e illuminado sonho, a rude alma a cahir, rastejando, num extase eterno e silencioso. E um dia em que a Mundica, ao saltar uma poça dagua, arregaçara as saias até aos joelhos, Ignacio sentiu tão forte commoção que vacillou como um homem que recebe nos olhos o fulgor fulminante de um raio. No seu enternecido immaterialismo imaginava o seu idolo em conjuncto, compacto e indivisivel. E aquellas pernas repentinamente expostas, — grossas, rijas, cor de ambar, perfeitas como as das estatuas — deram-lhe a sensação exquisita de duas columnas de carne sustentando o corpo da moça, mas separadas, distinctas, isoladas desse corpo. Nesse dia teve a impressão evidente de que a sua amada começava pelos joelhos.

Mundica percebeu facilmente a adoração do rapaz. Nhá Cóta tambem. E um dia falou á filha sobre o estranho caso, no *porto*. emquanto lavava a roupa:

—— Esse namoro do Ignacio ... Cuidado, minha filha !

Mundica ergueu o rosto, a sorrir :

—— Cuidado, por que ? Ignacio é um bom rapaz; é sério; tem meio de vida. Tam-

bem pra não casar não quero namoro. Tou farta !

Nhá Cóta suspendeu o sabão, escandalisada :

—— Casar ? Você ? E' possivel que pense nisso, Mundica ?

A moça, de pé, continuava a sorrir com desplante :

—— Tola, essa mãe ! E as outras não se casam ? Que é que eu tenho differente das outras ?

—— Mas, minha filha, você não comprehende ? E' uma vergonha ! Ignacio descobre que foi enganado. E' uma vergonha que ha de matar o seu pai.

Mundica, arrebatada, deixou de sorrir, e implacavel, o olhar bravio:

—— Pois eu quero o casamento. Ouviu? Quero, quero! Vamos ver quem pode mais. Era o que faltava!

Nhá Cóta calou-se, dominada, assustada, sem coragem para affrontar a colera da filha. E duas grandes lagrimas desceram-lhe dos olhos.

Vendo-a chorar, Mundica voltou-se, deixou-a, seguiu para a casa, — alta, firme, erecta, o corpo soberbo lentamente ondulando pelo caminho entre as embaúbas ten-

ras que fulgiam ao sól. Nhá Cóta ficou a chorar, batendo a roupa, emquanto na doçura e no brilho da manhã a agua corria mansa e clara. Dos montes de lenha vinham risadas. Duas caboclas abriam um dos tendaes de cacáu, aos gritos, num esforço alegre. Numa volta do Paraná, ao longe, apparecia a *igarité do Santo,* toda enfeitada de bandeiras e flammulas, com o tambor de couro a rufar. Aqui e alli, no meio da corrente, bôtos enormes davam cambalhotas mostrando o dorso vermelho. E nessa voluptuosa e festiva claridade do dia, só a sua alma agonisava de terror, ennegrecida e presága.

Os dias passaram. A paixão idealista do Ignacio crescia serena e forte como uma arvore num descampado.

Emfim, na noite de São João — que o Francisco Piaba festejava invariavelmente desde que se casara — Ignacio poude desabafar toda a alma, no *porto,* sob o burityseiro que agitava ao nordeste as grandes palmas verdes. Convidado, viera á festa, sósinho na *montaria*. Ao desembarcar, emquanto amarrava a embarcação, viu á claridade da fogueira o vulto da Mundica que se dirigia para a margem, calada e vagarosa.

Esperou-a, palpitante, e alli mesmo, a gaguejar, a tropeçar, meio doido, despejou a sua confissão:

—— Ai! Se a senhora soubesse! Se a senhora soubesse !

Mundica, espantada, julgando que o caboclo lhe trouxesse a noticia terrivel de um desastre, recostou-se á palmeira, gelada :

—— Se eu soubesse o que, seu Ignacio?! Que foi, santo Deus?

Elle explodiu num alarido:

—— Era que eu ando doido pela senhora! Que não posso mais! Que tenha pena de um pobre !

Ella socegou, sorriu, comprimindo o seio que offegava :

—— Que susto ! Uma cousa assim, de repente. Pensei que fosse má noticia.

Ignacio, commovido, titubeava:

—— Juro que a adoro. Não me despreze, que eu morro! Não me desgrace, D. Mundica !

—— Jura ? Perguntava a moça muito séria. Jura que gosta de mim ?

—— Por Deus; pelo santo de hoje; pela minha alma.

Ella sahiu da sombra da palmeira, e en-

levada com aquelle arrebatamento, murmurou, seduzida :

—— Pois eu tambem gosto do senhor. Se quizer casar commigo fale ao papai.

—— Hoje ? Interrogava o Ignacio, esgazeado.

—— Hoje mesmo. E' melhor.

E correu para a casa, deixando o rapaz pregado á terra, interdicto, a machucar entre as mãos as folhas da cannarana, a olhar o clarão da fogueira, a casa illuminada, os montes de lenha, a floresta e o mundo, com um olhar que era ao mesmo tempo allucinado e abstracto.

Nessa mesma noite Ignacio pediu-a em casamento, soffrego, receiando um arrependimento da moça. Francisco Piaba, na sala de jantar, consultou a mulher e a filha. Nhá Cóta esbogalhou os olhos sem dar opinião. Mundica resolveu o embaraço, com impeto, ordenando:

—— Diga que sim, e marque o casamento para o fim do mez que vem.

E sahiu logo, numa rebanada, batendo os sapatos no soalho. Ficaram os dois velhos, calados, sentindo simultaneamente a perda da filha e um vago allivio por fugirem á sua tyrania. A' sala de jantar chega-

vam os sons da viola tocada no terreiro, risadas, gritos, estampidos de ronqueiras. Dos fundos, da negrura do cacáual, partiam cantos roucos de córócórós, gemidos de sapos, silvos de insectos, sons perdidos e estranhos da matta adormecida.

Nhá Cóta enxugava uma lagrima na barra da saia, e tinha desejos de dizer ao marido, alli mesmo, no socego da sala de jantar, que a filha fôra imprudente, que se perdera, que não merecia aquelle casamento. Mas veio-lhe o pudor da confissão, e teve piedade da velhice de Francisco Piaba, tão justo, tão bom, tão confiante. Disfarçou a tristeza e o acabrunhamento:

—— Estou nervosa; estou ficando velha, rabugenta. E' por isso que vivo chorando.

Houve um silencio. Francisco Piaba enrolava um cigarro, e depois, quasi sorrindo:

—— E' nervoso; é da idade. O que eu fico assim é que o Ignacio é meio molle, meio banana, comedor de *jaraquy* desde menino. Não é marido pra Mundica. Isso sim ...

* * *

O casamento foi numa alegre tarde de Julho.

Nhá Cóta passou toda a noite a chorar, a rezar de joelhos no seu oratorio, emquanto o marido resomnava alto, na rede. Pela madrugada um *rasga-mortalha* passou no telhado, grasnando, num arripiante presagio. Então, os seus terrores alargaram-se, encheram-lhe a alma, obrigaram-n'a a soluçar, a gemer pela casa escura. Logo aos primeiros clarões do dia, não se conteve mais: foi á alcova onde o casal se agasalhara, bateu, chamou a filha, numa agonia que a matava. Mundica entreabriu a porta, em camisão, estremunhando :

—— Que foi, mãe ?

Nhá Cóta nem teve forças para falar, fincando os olhos seccos, brilhantes, arregalados, no rosto pallido da moça. Essa, impaciente, friorenta, repetia :

—— Mas, que foi ? Que foi ? Diga logo. Ora essa!

A torturada senhora articulou com esforço :

—— O Ignacio ? Que houve, minha filha?

—— O Ignacio ? Murmurou a Mundica, perturbada, sem comprehender. O Ignacio está dormindo.

De repente, lembrando-se das apprehensões da mãe, disse a sorrir, pousando-lhe a mão no hombro fragil, com despudor :

—— Ora, mãe; socegue. Ignacio é um santo, coitado. Vá dormir, que a senhora está cançada, e eu tambem ...

Nesse mesmo dia o casal foi para o *Paranánema* — onde ia residir numa casa visinha a da mãe do Ignacio — juntinho, abraçado, agarrado, numa alegria illimitada e escaldante.

Passou o tempo. Ha cinco mezes que o Ignacio está casado, adorando a mulher, numa felicidade absurda. Mundica, entretanto, fatigada de tanta adoração, aborreciase. Do aborrecimento veio-lhe o desejo de emoções fortes. E teve o primeiro amante, o Zéca, um sujeito alto e claro, de olhos vesgos, que administrava uma Fazenda na margem direita do Amazonas. Mas foi uma decepção; o Zéca, tão destemido, com uma fama soberba por todos aquelles paranás e lagos de Parintins, tão valente e tão forte,

tinha creancices, baixezas, docilidades que irritavam a Mundica. E uma noite em que o viu chorar beijando-lhe a saia, despediu-o duramente, batendo-lhe a porta.

Durante esse tempo—o tempo do amante — Ignacio viveu num doloroso supplicio, sempre fóra de casa, semanas inteiras, na solidão dos lagos e da matta, a esmo, varado de maguas e adorando a mulher.

Os amores do Zéca passaram. Ignacio voltou á casa, triste, ferido, pensativo, sem poder esquecer a traição, e idolatrando a Mundica, sempre, sempre, cada vez mais. num delirio que o esmagava.

Mundica, porem, era uma creatura que trazia o seu fado, e cumpriria o seu fado mesmo no *Paranánema*. Por isso mal arrefecera o seu capricho pelo estrabismo do Zéca, (que apesar de expulso lhe rondava a casa como um cão faminto e fiel) cahiu nos braços de um Jesuino, um sujeito magro e alegre, meio fusco, que cantava modinhas e possuia uma creação de porcos no *Macurany*. Foi a sua paixão voraz, desesperada, insatisfeita. Jesuino era um forte, apesar de magro. Gostava da Mundica, sem espalhafatos, sem loucuras, sem pieguices, gosando socegadamente a sua hora de amor. Fóra disto, do-

minava-se, repudiava as suas exigencias, desprezava as ameaças de rompimento, como um domador amestrado e rude. E uma noite em que ella, furiosa, o insultou, elle empurrou-a, derrubou-a brutalmente, e esbordoou-a indignado.

Dominada, vencida, emfim, a Mundica, numa exaltação delirante, repelliu as derradeiras conveniencias, agasalhando o amante indomavel na propria casa, sustentando-o e servindo-o como a ultima escrava do ultimo deus na terra.

Ignacio raramente apparecia no *Paranánema*, e aos conselhos da mãe e da irmã para que abandonasse de vez a infame creatura, baixava a cabeça, irresoluto, a sentir sempre, mais forte, mais viva, mais vibrante, a sua desordenada, desgraçada paixão.

Durou dois mezes a felicidade da Mundica. Jesuino vendera os porcos, comprara um violão novo, installara-se risonhamente na casa da amante, cantando e engordando. Ignacio vivia por fóra, ludibriado e escarnecido, chorando na sua *montaria*, viajando continuamente, perdido na sombra dos *furos* e dos *igapós*.

Más um dia, numa negra madrugada de

Novembro, todo o *Paranánema* estremeceu apavorado. Em frente á casinha do Ignacio estalara uma estranha, incomprehensivel tragédia: — o Zéca, o primeiro amante, levara um tiro de rifle e expirara immediatamente, varado no coração. Mundica fugira. Não havia noticias do Jesuino. E o Ignacio, que fôra encontrado com o rifle na mão, encostado á parede, a tremer, entregara-se á prisão, succumbido, imbecilisado, a repetir que matara o Zéca.

Preso, desgraçado, o Ignacio na cadeia esperava o Jury, quasi com a certeza da condemnação, porque ninguem lhe perdoaria a vingança covarde sobre o amante expulso havia dois mezes, emquanto o Jesuino, de escandalo em escandalo, tomara-lhe de vez a esposa e a casa. Só o Jesuino merecia aquella morte; só o Jesuino tudo desprezara cynicamente: a sociedade, o marido, as leis, num desdem provocante. O Zéca fôra sempre um commedido, um cauteloso, quasi um timido. E toda a população tinha uma viva piedade do pobre Zéca assassinado !

Durante seis mezes rolou o processo; durante seis mezes Ignacio atravessou todos os dissabores, encarcerado, ridicularisado, silencioso, a envelhecer espantosamente como

se os dias fossem annos passando sobre o seu corpo e a sua alma.

Mas, nas vesperas do Jury deu-se um caso extraordinario que sacudiu toda a cidade: a Mundica appareceu uma tarde, abatida, magra, rota, a implorar ao juiz que a ouvisse no processo. E na audiencia, entre o assombro de toda gente, falou, aos soluços :

—— Eu não posso mais ver soffrer o meu marido. Não foi elle o assassino !

Um arrepio de emoção correu pela sala. O juiz, o promotor, os assistentes entreolharam-se, suspensos. Ella enxugou as lagrimas e proseguiu:

—— Eu estava com o Jesuino, de madrugada. Seu Zéca, que me perseguia sempre, todas as noites batia na porta, pedindo que o deixasse entrar. Eu não queria. Mas nessa madrugada elle bateu com toda a força, ameaçando arrombar a porta. Não abri. Elle, então, furioso, arrombou-a, e ia entrar, quando o Jesuino arrebatou o rifle, que estava num canto, correu, atirou. Seu Zéca rodou, cahiu morto no terreiro.

Não sei porque desgraça da sorte, nesse momento apparece o meu marido e vê o quadro: o Jesuino com o rifle na mão; seu

Zéca estirado na areia, expirando. Então, doida, sem saber o que fazia, querendo salvar o Jesuino, ajoelhei-me aos seus pés e pedi que elle nos deixasse fugir, que salvasse o Jesuino, que guardasse segredo do crime. Metti-lhe o rifle nas mãos, e fugimos pelos fundos.

No dia seguinte, quando o juiz ordenou a liberdade do Ignacio, Mundica foi á cadeia vel-o. E num arrependimento de toda a alma, cahiu de joelhos em frente ao marido, tomada de pranto.

Ignacio ergueu-a pela mão, livido, escaveirado, afflicto, a doce voz a tremer:

—— Levante-se, Mundica; não magôe os joelhos na terra. Vá buscar o que temos em casa. Nós iremos para o Acre.

Ella beijava-lhe as mãos, num delirio:

—— Ignacio ! Ignacio !

O caboclo sorria, afagava-lhe os cabellos:

—— Vamos! Vamos, Mundica. Nós ainda seremos felizes!

A Casa Abandonada

Era em Maio, ás duas horas da tarde. O vento do sul revirava as folhas das arvores e a chuva descia sibilante e gelada.

No alpendre de um barracão de seringal, no Purús, o Coronel Eustaquio Fernandes interrogava sorrindo o Engenheiro Civil Augusto Amarante :

—— O Sr. demarca, Dr. ? Demarca, abrindo a picada dos fundos e dos dois lados, assentando os marcos nas extremas?

O Engenheiro, de pé, respondia serenamente :

—— Sim senhor. E' esse o contracto.

—— Mesmo com esse tempo desesperado ?

—— Com elle mesmo, Coronel.

—— Mas veja lá que a *friagem* pode vir. *Friagem* no matto não é brincadeira !

O Dr. Amarante replicava tranquillo :

—— Não tenho medo.

—— Nesse caso, vamos ao escriptorio para o Dr. ver os papeis e combinarmos o preço da demarcação.

O seringueiro e o Dr. Amarante deixaram, então, o alpendre e caminharam para um compartimento ao lado esquerdo da casa, que servia de escriptorio, de sala de visitas e de incipiente museu de raridades. Era uma sala pequena, com duas janellas para o rio, mobilada com uma duzia de cadeiras, um sofá, duas cadeiras de embalo e uma tosca mesa de louro. Pelas paredes de cedro havia, pendurados em alturas diversas, parasitas, arcos, flechas e enfeites de indios. Do tecto pendia um candieiro de petroleo, dourado, com um immenso *abat-jour* cor de rosa. Em frente ao sofá estendia-se um tapete pequeno, onde se via um tigre formando um salto perigoso e eterno.

O Coronel Eustaquio sentou-se em frente á mesa de louro, puxou uma gaveta, tirou de lá uns papeis, abriu-os, passou-os ao Engenheiro que se derreara numa das cadei-

ras de emballo, friccionando as mãos enrugadas pelo frio.

—— O Dr. vá examinando a papelada para ver se tudo está em ordem. Foi o que me remetteram da capital. Vá lendo socegado. Eu vou lá dentro mandar preparar um *lunch*.

E concluiu, no meio da sala:

—— Casa de solteirão é assim: tenho de dar ordens para tudo.

O Dr. Amarante sorria e aconselhava:

—— Case-se, Coronel. Case-se. E' sempre triste uma casa onde não ha uma saia. E o frio torna-se maior ...

—— Casar ! Exclamava o seringueiro, de braços abertos. Mas será possivel que só haja esse conselho para os solteiros ? Não! Prefiro os meus arranjos por fóra. Sempre é melhor.

E entrou para os fundos do barracão, batendo as palmas, chamando.

O Engenheiro ficou só. Ia lendo os papeis, tomando notas na carteira, fazendo calculos, traçando linhas, numa attenção que lhe franzia a testa.

O Dr. Amarante era moço ainda, alto, magro, com um rosto secco e um olhar socegado em que se adivinhava uma vontade se-

gura. Fôra convidado em Manáos por uma grande casa commercial para fazer a demarcação daquella propriedade. Acceitou o convite e seguiu logo, apesar de o avisarem que a invernada iria tornar difficil e penosa a empreitada. Mas não quiz esperar melhor tempo, e embarcou no primeiro *gaiola*, receioso de perder o excellente negocio.

Chegara no dia anterior, debaixo da tremenda borrasca que ainda bramia lá fóra. E alli, sentado, agasalhado, examinava os documentos e scismava nos riscos e na fadiga da sua temerosa tarefa. O seringal era um Mundo! Media de frente para mais de cincoenta kilometros, com uma linha de fundos correspondente. As lateraes teriam quarenta. A demarcação da frente e dos lados seria facil — eram limites naturaes pelo rio e dois igarapés navegaveis por uns vinte kilometros. Mas os fundos ! E cogitava inquieto, a scismar nessa picada feroz em terras desconhecidas, vagas, perdidas na floresta ignota, por onde apenas haviam passado uns cáucheiros bolivianos, dando noticias horripilantes e espalhando lendas atrozes de antropophagia e de horror.

Verificados os papeis, começou a pensar ainda, a formar planos, a calcular o tempo,

os mantimentos e a bagagem, tomando notas apressadas.

Sentiu passos na sala e voltou-se. Era o Coronel Eustaquio :

—— Já viu tudo, Dr. ?

O Dr. Amarante enterrava os dedos na cabelleira annelada:

—— Já. E' muito serviço; é terra demais; é um Estado o que o Sr. deseja, Coronel !

—— Só me serve assim — dizia o seringueiro. E bem demarcado, para evitar questões com os visinhos.

O Engenheiro demonstrou o que ia fazer, em traços largos e calculos e termos technicos que faziam pasmar o proprietario. Depois, francamente, friamente, disse o preço do seu trabalho, que o seringueiro logo acceitou, sabendo por informações dos seus *aviadores* da capital que o Dr. Amarante era um moço honesto, leal, trabalhador, com uma sinceridade bravia nos negocios. Discutidos rapidamente esses preliminares, o Coronel Eustaquio convidou o seu hospede :

—— Então, tudo resolvido; e agora vamos ao *lunch.*

Atravessaram o corredor e entraram na sala de jantar, vasta e clara, quasi núa de

moveis, tendo ao centro a mesa de refeições, onde se viam pratos cobertos e um bule de esmalte.

Servia-os um rapaz moreno, grosso e baixo, cujo braço esquerdo parecia privado de movimento. O dono da casa ordenou-lhe:

—— Chame o José.

O Dr. Amarante indagava, passando a manteiga num biscouto :

—— Quem é ?

—— O capataz do seringal. Vou pedir gente de confiança para ajudal-o na demarcação. Já que o Dr. quer começar amanhã mesmo o serviço ...

Acompanhado pelo copeiro surgiu na sala um rapaz risonho, de cabellos ruivos e rosto sardento. O Coronel Eustaquio falava:

—— Mandei chamal-o para mostrar-lhe o Dr. que vai demarcar as terras. Escolha pessoal para acompanhal-o e servil-o. E' serviço demorado e importante.

O capataz pensava e enumerava os seus homens com segurança :

—— Tem o Maneco do Crato; o Raymundo; o *Pega-fogo* ...

—— Basta — interrompeu o Dr. Amarante. São trez, e com Você, quatro. Não preciso mais.

Mas o seringueiro perguntava admirado, com a chicara de café suspensa :

—— Com elle ? José é o capataz do seringal; é o meu braço direito.

O Dr. Amarante, muito sério, retorquia:

—— Tenha paciencia. Eu vou para o desconhecido, e preciso de um homem da sua e da minha confiança. O Coronel procure um substituto para o José. Elle irá commigo.

O seringueiro embaraçou-se ainda numa fraca recusa. Mas vendo a insistencia do Engenheiro, voltou-se para o capataz, acceitando a exigencia:

—— E' o geito, José. Você vai com o homem !

Resoluto, o rapaz suspendia os hombros numa decisão:

—— Por mim; estou prompto.

—— Então — concluiu o Dr. Amarante — amanhã ás cinco horas tudo preparado: *montaria* no porto; cinco ou seis remos; munição; mantimentos—tudo como eu vou determinar agora mesmo.

José sorria, applaudia o desembaraço do Engenheiro.

Toda a tarde foi tomada com os preparativos para a dura jornada. A chuva ces-

sara, e o sól apparecia de vez em quando por entre nuvens brancas alegrando a paizagem. No barracão ia um fremito de formigueiro. Eram ordens gritadas, carreiras pelo armazem de mercadorias, chamados, providencias de toda ordem, armas esfregadas, conservas empilhadas no corredor — um largo alvoroço de partida.

Assim passara a tarde, e á noite o Dr. Amarante estirado na rede, no alpendre, sob um luar amarello e triste, dizia ao Coronel Eustaquio, entre bocejos :

——Está tudo prompto, felizmente. Amanhã ás cinco horas desço na *montaria* até o igarapé de baixo, que é o limite. Tomo a velocidade e subo o *Purús* demarcando a frente do seringal. Depois irei ao igarapé de cima até onde houver agua. Tomarei o rumo para o centro, pelo matto, abrindo a picada. Demarcarei o lado de cima e os fundos, e descerei pelo igarapé de baixo.

O seringueiro ouvia attento as explicações, admirado de tanta precisão. O Dr. Amarante concluia :

——Levo um homem para devolver-lhe a *montaria,* e mande avisar os seringueiros do igarapé de baixo para aguardarem a minha volta.

Agasalharam-se. No dia seguinte, aos primeiros clarões do sól, o Dr. Amarante e os seus homens partiam descendo o *Purús*, á força de quatro remos. Ao principio o Engenheiro sentiu uma fina melancolia : era longa a jornada, desconhecida a região, e para aquella rude empreza levava mantimentos para duas semanas, alguns remedios, munições para quatro rifles e um revolver, saccos impermeaveis com roupas e utensilios, os instrumentos e uma pequena barraca de lona — tudo reduzido, tudo dividido, formando uma bagagem enfadonha e incommoda. Bastaria uma doença, um desastre, uma rebellião, para um fracasso que talvez lhe custasse a vida !

Por vezes teve impetos de voltar, de recalcar a sua ambição, de não desbaratar com tanto desprendimento a sua mocidade. Mas quando esses lugubres pensamentos o aguilhoavam, partiu da prôa da *montaria* uma cantiga sertaneja. Era o José, certamente ferido de saudades, lembrando-se da sua terra, do brejo onde nascera, das varzeas do *Cariry*.

O Dr. Amarante reanimou-se com a modinha do capataz, espancou para longe as tristezas e os presentimentos.

O sól apparecia, faiscante e vermelho, por traz de uma sumaumeira, na curva do rio. Dos altos ramos de uma abiorana vinham gritos plangentes de japiins que voavam em torno dos ninhos suspensos. Da matta escura partiam cantos, assobios, guinchos, grasnidos estranhos. Ao longe, como um sinistro batuque selvagem, resoava um côro de guaribas. Passaros minusculos voavam pelos barrancos acompanhando a *montaria,* e um mauary pensativo fitava a agua corrente, numa immobilidade que parecia eterna.

O Dr. Amarante enroscou-se sobre o banco da embarcação, repuxou a capa de borracha para o pescoço, sorriu, gosando a frescura e o encanto da manhã quieta e doce. E emquanto o José, na prôa, ensaiava outra modinha do Ceará, adormeceu serenamente.

Accordou com o choque da canôa aproando no barranco. Saltou para a terra, mandou fazer o café, e meia hora depois iniciava os trabalhos da demarcação, rio acima.

A' tardinha descobria o igarapé de cima, que limitava a frente do seringal. Passou ahi a noite, e na manhã seguinte, uma en-

nevoada manhã que promettia aguaceiro, continuou a derrota até onde o curso dagua permittia navegar, numa distancia de quinze kilometros. Despediu a *montaria* e começou a picada na matta.

* * *

Dias e dias passaram. Apesar do mau tempo, que continuamente interrompia o trabalho, o Engenheiro ia vencendo os kilometros, sem outros obstaculos além da chuva. A's vezes escalava um dos seus homens para ir á caça. Eram esses — dizia o José — os dias-santos, dias de folga, dias alegres, em que sob o *tapiry* erguido nalguma clareira da floresta, descançavam, limpavam as armas, lavavam as roupas, armavam as redes pelos ramos, sestando, emquanto a panella fervia á espera do caçador

Os quatro homens supportavam rijamente a viagem e os trabalhos, admirados da resistencia, da coragem e do bom humor do Engenheiro.

Iam terminar, emfim, as picadas do la

do de cima e dos fundos. Faltava apenas a de baixo, em terras trilhadas pelos seringueiros do Coronel Eustaquio, e onde um extenso igarapé marcava quasi todo o limite. O Dr. Amarante annunciou um dia, depois do almoço, que lhe faltavam apenas dois kilometros para concluir as duas picadas. Elle iria na frente com o José, escoteiros, tomando o rumo e collocando as balisas. Os outros o seguiriam de longe, abrindo o caminho e conduzindo as bagagens.

Mas, quasi ao crepusculo, quando o Dr. Amarante collocava a sua penultima balisa, despenhou-se uma tempestade furiosa, abalando a floresta que se retorcia num desespero de galhos revirados, partidos, atirados ao sólo numa brutalidade de revolta. E rapidamente escureceu, e veio a chuva, uma chuva feroz, retumbante, reboando por toda a matta em desordem. No espaço cruzavam-se relampagos derramando uma luz azulada, que offuscava. Os trovões estalavam seguidamente metralhando os ares num fragor de desabamento.

Os dois homens, encharcados, silenciosos, tomados de espanto, apoiaram-se a um tronco de louro, indecisos, immobilisados

ante o horrendo scenario. De subito, a uma rajada mais forte do vento, — num terrivel rumor de desastre — cahiu-lhes aos pés os ultimos ramos de uma arvore derrubada pelo furacão. Foi o José, espavorido, quem falou, ao ver á sua frente a galhada monstruosa :

—— Nossa Senhora ! E' melhor sahirmos daqui, Sr. Dr. !

O Dr. Amarante dava um passo, tentava rodear os ramos da arvore tombada, procurava uma sahida, embaraçado nos cipós. Recuou logo, num desanimo :

—— Não se pode andar; não se vê nada. E' impossivel !

José, porem, insistia, num pavor daquelle cerco de galhos :

—— Vamos. Vamos por ahi afóra. Eu prefiro morrer andando.

—— Vamos — repetia o Engenheiro, resoluto. Nunca vi um temporal assim. E' terrivel !

Seguiram, amparados um ao outro, tropeçando, rompendo a ramaria, guiados pelo fuzilar incessante dos relampagos, no meio da floresta alagada, convulsa, rugindo sob a furia da tempestade.

Andaram assim talvez uma hora, perdi-

dos, aos encontrões pelo matto, enleiados nos grossos cipós, pela terra que se abria em socalcos, sobre a agua que rojava precipitada — arrasados de fadiga e de terror, como quem procura na louca revolta dos elementos o tragico fim de um destino. Mais de uma vez o Engenheiro desejou sustar essa marcha dolorosa e macabra; mas o José, assombrado, numa obsessão de demente, supplicava-lhe que não parasse. E seguiam, oscillantes, molhados, extraviados, por entre a borrasca infrene. Afinal, sem forças, gastas as derradeiras energias, os dois homens cahiram ao sólo bruscamente, aguardando a hora do anniquilamento.

Assim estiveram muito tempo, sentados, apoiados um ao outro, hombro a hombro, num desalento que os emmudecia.

O temporal, entretanto, ia diminuindo a sanha brutal. A chuva descia verticalmente, grossa ainda. O vento acalmava-se, os relampagos succediam-se espaçadamente, e os trovões roncavam no alto rolantes e longinquos. O Dr. Amarante tiritava na terra molhada. José conseguia erguer-se, dava uns passos á frente procurando uma arvore que offerecesse um abrigo. E de repente, ao abrir de um relampago, viu pouco adiante, a

uns vinte passos, o vulto indeciso de uma pequena barraca de palha. Foi tão forte a emoção, que recuou até aonde estava o Engenheiro, num grito de pasmo :

—— Uma casa ! Uma casa aqui perto ! Jesus !

O Dr. Amarante levantava-se, agarrava-o pelo braço; e num momento de lucidez julgou que o pobre rapaz, não resistindo a choques tão crueis, enlouquecera de subito, e tinha visões maravilhosas, como as dos naufragos que vêm uma vela no oceano, ou como as dos viajantes do deserto que descobrem uma poça dagua — quando, na realidade, o oceano e o deserto têm a limpidez do inifinito e do immutavel. Assim devia estar o desgraçado José: — o frio, a fome, o terror, desequilibravam-lhe todos os nervos, e tinha allucinações e delirios. Compadecido, impressionado porque teria agora o duplo encargo de se defender da floresta e de velar por aquella triste loucura, — o Dr. Amarante acalmava-o, e tentava fazer voltar o raciocinio ao seu infeliz companheiro :

—— E' a luz dos relampagos que perturba a gente, meu amigo. Perturba e faz-nos ver cousas extraordinarias. E' impossivel uma casa neste matto virgem. Impossivel !

Acalme-se, por Deus. E' o relampago. Isso passa . . .

Mas José teimava :

—— Eu vi ! Eu vi ! Estamos salvos ! Vamos !

Procurava no chão onde se sentara exhausto, o seu sacco impermeavel, amarrava-o ás costas, repetia, tentando conduzir o Engenheiro :

—— Eu vi a casa ! Vamos !

—— Que desastre ! Que horror ! Coitado ! Exclamava o Dr. Amarante.

José comprehendendo a piedade e a tragica supposição, acalmava-se, falava serenamente :

—— Eu estou no meu juizo. Não foi a luz do relampago que me perturbou, graças a Deus. Venha commigo; é aqui perto. Vai ver tambem !

Foi arrastando o Engenheiro pela mão atravez do matto. Ao chegarem ao ponto de onde o José vira a barraca, pararam :

—— Espere aqui — dizia o rapaz, arquejando. Deixe abrir o relampago e olhe para a frente.

Um largo relampago faiscou por toda a floresta, illuminando-a sinistramente desde as frondes aos troncos das arvores. E foi o

Dr. Amarante quem bradou, num calefrio de assombro, esfregando os olhos :

—— Eu vi ! Eu vi a casa ! Vamos, José. Vamos depressa.

Correram, tropeçando nos cipós e nas raizes, como se tivessem receio de que a casa desapparecesse num momento. Chegaram, procuraram a porta apalpando no escuro a parede molhada. Encontraram-n'a, gritaram, bateram, pedindo a misericordia de um agasalho, numa alegria convulsa que os fazia chorar. A porta era de talas de palmeira, fraca, entreaberta. Nenhuma voz, nenhum sussurro vinha de dentro acudindo áquella supplica delirante. Então, o José, impaciente, abriu-a com um esforço facil, e entrou seguido pelo Engenheiro. Ficaram ambos no meio da sala, estupefactos, apalpando na escuridão. José tirava das costas o seu pequeno sacco impermeavel, abria-o, riscava um phosphoro. Estavam numa sala enxuta, de barro batido, sem outro movel a não ser um velho banco de madeira a um canto.

—— Não mora ninguem aqui, — dizia o Dr. Amarante, relanceando o olhar, já sentado no banco, tirando a blusa molhada.

E sorrindo, friccionando o rosto gelado :

—— Vamos, José, arranje uns gravetos por ahi, pelos cantos, e faça uma fogueira. Este frio nos mata.

José riscava outros phosphoros, procurava os gravetos, arrancava pedaços de palha e de madeira das paredes. Fez a fogueira no meio da sala e fechou a porta. O fogo surgiu, alegre, estalando, em labaredas vivazes. Os dois homens cercaram-n'o, tirando a roupa encharcada, aquecendo os membros áquelle doce calor que os salvava. José mettia novamente a mão no seu sacco e tirava de dentro tudo o que possuia : uma rede pequena, uma camisa de riscado, uma calça de mescla, papel para cigarros, a bolsa de tabaco. E propoz num sorriso :

—— O Dr. veste a minha roupa. E' só a calça e a camisa, mas é toda a nossa riqueza.

O Dr. Amarante, de cócoras, alimentando a fogueira com outros gravetos, hesitava :

—— E Você ? Você tambem está ensopado. Vamos dividir a riqueza.

Mas José recusava a divisão :

—— Eu não preciso. E' muito luxo pra mim. Vou embrulhar-me na rede.

Assim fizeram; assim dormiram — José junto ao fogo que se ia lentamente extin-

guindo; o Dr. Amarante sobre o banco, — ambos mortos de cançaço e de emoções, emquanto a chuva mais fina, mais triste, sussurrava mansamente no tecto de palha.

Accordaram ao amanhecer, e os seus pensamentos foram logo para os outros companheiros, perdidos, talvez mortos naquella noite infernal. E com elles, desapparecidos na enxurrada e na terra as suas armas, as suas roupas, toda a bagagem da desbaratada expedição. Possuiam apenas o sacco do José, a bussola e o revolver do Dr. Amarante. Nada mais.

Sentado no banco o Engenheiro pensava, quasi tomado de remorsos. E para o José que arranjava uma tanga com a rede :

—— Esses rapazes, onde andarão ! Arrependo-me dessa separação de hontem á tarde.

José com a rede enrolada nos quadris, calculava :

—— Quem sabe ! Mas o *Pega-fogo* é matteiro esperto como o diabo. Tenho uma cousa que elle se arranjou por ahi. E' muito esperto, conhece o matto como os bichos.

O Dr. Amarante socegava com as informações. Abriram a porta, sahiram e começaram, então, a chamal-os, aos gritos. José ap-

plicava nos troncos ôcos pancadas tremendas que resoavam na floresta lavada pelo aguaceiro. O Dr. Amarante atirava.

Durante uma hora assim procederam, e cançados voltaram á barraca, examinando-a, procurando conhecer o mysterio daquella choça perdida na matta bruta. Compunha-se da sala e de um alpendre logo em seguida, onde decerto fôra a cosinha do seu estranho proprietario, porque as paredes e o tecto estavam manchados de fuligem. Do alto pendiam numerosos ninhos de cabas, teias de aranha tomavam a porta, e sobre um grosso tóro de *macacaúba* uma *papa-ôvo* dormia enrolada.

Feito esse exame voltaram á frente da casa. Mas nesse instante ouviram tiros esparsos partidos da floresta. Novamente gritaram, bateram nos troncos. E o Dr. Amarante detonava a ultima capsula do revolver, quando surgiram os trez rapazes, lépidos, risonhos, satisfeitos, conduzindo toda a bagagem, sem fadiga, como se voltassem de um alegre passeio. O Engenheiro boquiaberto indagava :

—— Então, o temporal de hontem ? Parece que nem o viram. Tão enxutos !

Pega-fogo explicava, arreando a carga :

—— Eu vi que o tempo ia mudar e procurei logo um abrigo. Passámos toda a noite dormindo numa *sapopema* que era mesmo uma casa, toda tapada com as palhas que arranjámos. De manhã cedinho fomos atraz das balisas, e ouvimos depois as pancadas no matto. Tomei o rumo e seguimos. Foi um desespero o tempão de hontem ! Nós só pensavamos no Dr. e no José !

E examinando a barraca, num espanto :

—— Mas seu Dr. como deu com essa casa? Quem mora aqui?

Foi o José quem falou, impaciente, contando os transes da noite, entre o silencio e o pavor dos tres homens. *Pega-fogo*, admirado, murmurava para os lados :

—— Credo ! Até parece milagre !

Emquanto o Engenheiro examinava a bagagem, tomava o rumo com a bussola e mandava fazer o café, o Capataz foi aos fundos da barraca procurar gravetos. Mas voltava de lá, esgazeado, chamando :

—— Sr. Dr. venha ver isto aqui. Que horror !

Foram todos seguindo o rapaz apavorado. Nos fundos da casa amarrado ao tronco de uma *envireira,* estava um esqueleto

humano, branco, a desfazer-se, com a caveira ao sólo, a face voltada para cima :

—— Um esqueleto ! Gritaram. E iam voltar, fugir áquelle horrendo espectaculo, quando o Dr. Amarante os deteve com branda energia :

—— Rapazes, é uma covardia deixarmos aqui esses pobres ossos. Vamos enterral-os.

Em pouco tempo fizeram a sepultura, enterraram o esqueleto e puzeram-lhe uma cruz.

Almoçaram e partiram, acabrunhados, emquanto o *Pega-fogo,* apprehensivo, murmurava :

—— Essa terra ! . . . Esse Amazonas ! . . . Até esqueleto é dono de casa ! . . .

Alguns dias mais tarde, quando o Dr. Amarante contava ao Coronel Eustaquio a sua singular aventura, esse explicava-lhe :

—— Eu tive noticia desse rancho, ha tempos, por uns cáucheiros. Contaram-me que lá morava um caboclo com a mulher, uma india mansa e bonita. Trabalhavam no cáucho e o vendiam a troco. Mas uma vez um bando de bolivianos atacou a casa, levando a mulher. Amarraram o pobre homem e deixaram-n'o.

—— Barbaros ! Rosnou o Dr. Amarante, indignado.

O Coronel Eustaquio accendia um cigarro :

—— E' por isso que nunca tenho remorsos. Esses bolivianos ! . . .

OS DOIS GEMIDOS

Quando o medico terminou o exame, o Tenente Fonseca, Delegado de Policia, perguntou, curioso :

—— Prompto, Dr. ?

—— Prompto. Fractura no craneo; hemorrhagia cerebral; ecchimoses em diversas partes do corpo. As roupas estraçalhadas demonstram que houve grande lucta entre o assassino e sua victima. Demais, ha uma expressão de dor, de terror, como nunca vi. Barbaro ! Horrivelmente barbaro esse crime!

O Tenente Fonseca, um homemzarrão de quarenta annos, vermelho, de cabellos ruivos e uma grossa voz que estrondava, co-

çou a cabeça, pensativo, olhando o cadaver inteiriçado sobre a mesa, num exame lento. Depois voltou-se para o medico, serenamente, abrindo de leve os olhos cinzentos :

—— Ainda não tenho um indicio. Mas por bem ou por mal hei de descobrir os malfeitores. São dois, pelo menos: um roubou, o outro seviciou e matou a pobre mulher. Não acha ?

O medico enxugava as mãos, apressado:

—— Talvez. Você é habil; ha de descobrir. O que eu não vejo é um indicio, um vestigio, nada, nem mesmo uma suspeita. E' extraordinario !

—— Hei de encontral-os — confirmava calmamente o Delegado. Hei de encontral-os. Todo criminoso tem um ponto fraco, um descuido, um erro que o perde.

Ia desenrolar os seus vastos conhecimentos policiaes e provar a sua sagacidade, mas o medico interrompeu-o com um aperto de mão :

—— Trabalhe, Tenente; amarre essas feras. Muitas felicidades. Adeus.

—— Adeus, Dr.

Desde esse dia o Tenente Fonseca iniciou as suas pesquisas, viajando, ouvindo, prendendo, numa actividade impressionante.

Vivia pelos igarapés, pelos paranás, por todos os lagos, por toda parte onde houvesse a mais fragil probabilidade de uma suspeita. A sua *montaria* deslisava, quasi voava sobre as aguas, surprehendendo, colhendo, indagando. Dizia sempre, invariavelmente, que com perseverança e um feixe de varas tudo se descobria, até os criminosos.

O horrendo assassinio dera-se no *Paraná* do *Arary*, mesmo na bocca de cima, de onde se via o Amazonas luzente e largo como o oceano. Morava ahi o Antonio Raymundo, um paraense claro e alto, rijo, trabalhador, possuindo algumas rezes e mercadorias que negociava a troco de cacáu e pirarucú. Vivia com a mulher, uma cabocla moça, de rosto vulgar, e um filho de trez annos. Havia justamente cinco annos que Antonio Raymundo fôra morar no *Arary*, após ter vendido o seu sitio no *Paraná do Espirito Santo*. E desde então prosperava desafogado, entre o seu campo de varzea e o seu pequeno negocio.

Nessa noite, na desgraçada noite do crime, Antonio Raymundo achava-se fôra, no *Cabory*, numa festa de anniversario do seu compadre, o Pedro Flôr. A mulher, indisposta, preferira ficar em casa com o filho.

Pela manhã, muito cedo, ao chegar á sua casa, Antonio Raymundo viu logo a porta escancarada, e admirou-se do silencio que envolvia a sua sempre alegre morada. Entrou, já assustado, notou a desordem que ia por toda parte; correu á alcova, tomado de angustia. Então, o seu sobresalto não teve limites: os moveis estavam rebentados, espalhados pelo soalho; as gavetas arrombadas, papeis voando, e a um canto, o cadaver da mulher numa posição e numa nudez que o fez estremecer de horror e de vergonha. O filhinho, unica testemunha da infame tragédia, dormia ao lado da mãe, no soalho, aconchegado e sereno. Antonio Raymundo accordou-o, desvairado, aos gritos :

—— Meu filho ! Meu filhinho ! Que foi isto ? !

A creança estremunhando, não comprehendia, não respondia. O pobre homem estendia um lençol sobre a mulher, e beijava-a chorando, gemendo. Levantou-lhe a cabeça, chamou-a, soluçando; mas a cabeça desprendeu-se-lhe das mãos, rigida, batendo no soalho. A creança ao lado choramingava, ouvindo aquelles urros que reboavam pela casa. Antonio Raymundo abraçou o filho, mimou-o, pediu de joelhos ;

—— Conta; conta tudo ao papai, meu filhinho. Tu viste alguem, alguma cousa, de noite ? Conta; conta, meu filhinho ! Meu Deus, eu enlouqueço !

Procurava conter a allucinação que o tomava, e vendo num relance que só o filho poderia dar-lhe uma pequenina idéa daquelle drama sinistro, beijava-o, promettia-lhe brinquedos e guloseimas, numa caricia impaciente. A creança, consolada, sorria, murmurava, entre os joelhos do pai que tremia :

—— Veio . . . Dois homens . . . Quem era, papai ?

Antonio Raymundo continha o seu pranto e a sua dor, na esperança de uma informação :

—— E que fizeram; que queriam os dois homens ?

O pequenito beijava-o; respondia mais alegre :

—— Nada. Um barulho . . .

O Fazendeiro, agarrado ao filho, gemia alto. De subito teve uma pergunta :

—— E a mamãe ? Onde estava a mamãe?

—— Mamãe deu um grito grande, grande ! Depois dormiu. Eu fui dormir com a mamãe. Um frio !

Elle largou a creança, e pelo quarto, num desatado desespero, bramia, rosnava, de punhos erguidos :

—— Bandidos ! Infames ! Assassinos !

Foi ao *porto,* lançou-se na *montaria,* remou para a casa dos visinhos, louco, bradando a sua colera e a sua afflicção.

A manhã, limpida naquelle fim de inverno, fulgia maravilhosa. Da matta em torno vinham cantos de passaros, risadas de *carriças,* trinados de japiins, cochichos alegres de canarios, grasnidos de marrecas atravessando o *paraná,* voando alto, numa enfiada sinuosa. O Amazonas, manso, largo, cheio, desapparecia no horisonte, na immensa costa de *Urucurituba.* Ao longe uma vela azulada tentava a travessia, procurando as terras vermelhas do *Redondo.* E mais longe ainda o fumo de um *gaiola* manchava o espaço diaphano.

Antonio Raymundo remava, remava. O visinho mais proximo, o Luiz Peixoto — que fôra tambem á festa do Pedro Flor — morava a meia hora de remo. Ah ! Se adivinhasse, não teria encostado a *montaria* no *porto* do Luiz, onde o deixara, com as duas filhas. Mas ao sahir do baile, pela madrugada, não tivera o mais leve presagio, e durante

a viagem, elle, o visinho e as duas moças remavam, sorriam, entre galhofas, numa continua alegria. Se adivinhasse ! Se soubesse daquella desgraça !

Luiz Peixoto dormia, fatigado. A mulher e as duas filhas receberam-n'o, impressionadas, vendo o seu aspecto desvairado, os cabellos revoltos, o rosto livido cortado de agonia. E gritaram logo, alvoroçadas :

—— Meu Deus ! Seu Raymundo ! Que foi isso ?

Elle, esbaforido, recostou-se ao portal, esgazeado, urrando :

—— Mataram a minha mulher ! Mataram a Thereza ! Hontem á noite !

As trez creaturas recuaram, espavoridas, uma surpreza que as emmudecia. Aos brados do Fazendeiro, Luiz Peixoto despertou, ergueu-se da rede num pulo, e em frente ao Antonio Raymundo, seu compadre, seu amigo, estacou, esfregando os olhos, obtuso :

—— Mas, que foi, minha gente ? Que foi ? Quem morreu ?

Antonio Raymundo, mais descançado, tomando o folego, sentindo o conforto daquellas amisades, levava as mãos á cabeça :

—— Mataram a Thereza ! Cheguei, en-

contrei-a morta, no chão, e tudo escancarado, tudo roubado. Nem sei como não endoideci. Minha pobre mulher !

Engasgou-se num soluço, as mãos nos olhos, o peito sacudido num pranto arrebatado, abraçando-se ao amigo que o apertava, mudo de pasmo.

As trez mulheres rompiam pelo terreiro num alarido. Chamaram outros visinhos, partiram todos para a casa do Antonio Raymundo.

* * *

O Tenente Fonseca inquiria, prendia, indagava, desnorteado com o absurdo mysterio que ameaçava desmoralisar para sempre o seu tirocinio policial. Os assassinos não haviam deixado o mais insignificante vestigio, procedendo com a sagacidade diabolica de antigos profissionaes. O proprio instrumento que servira para o arrombamento e para a morte, fôra uma velha mão de pilão, grossa, de sapupira, que os bandidos encontraram junto á casa, e lá mesmo a deixaram, entre a cannarana. Durante a noite chuviscara, e nenhum rasto se percebia no longo caminho da morada ao *porto*.

Havia uma semana que andava nessa amargurada peregrinação, sem dormir, quasi sem comer, almoçando um *chibé* miseravel pela manhã, e jantando, ao anoitecer, outro indigno *chibé*. Na cidade a cadeia transbordava de prisioneiros de todos os typos e feitios, e muita gente sorria, gosava, chasqueava do tino policial do Delegado. Apparecera mesmo um começo de chula, que a garotada cantava baixinho pelas esquinas do Mercado. O Tenente sentia em torno a tristeza da sua desvalorisação, porém mantinha á distancia a audacia dos detractores, executando, aqui e alli, pelas barracas dos caboclos, o seu methodo contundente, como um aviso opportuno.

Um dia, porem, o Delegado teve uma idéa, um presentimento, uma brusca desconfiança. Morava por alli, na costa do Amazonas, um caboclo moço, solteiro, doido por festas. Era o Anselmo Pintado. E caso estranho: sem motivos, sem razões, deixara de ir ao baile do Pedro Flor, um baile annunciado, desejado, falado, que arrastara toda a gente daquelles sitios.

— Tem cousa ! Resmungava o Tenente Fonseca, remando para a casa do caboclo, acompanhado pelos seus agentes.

Desembarcou, varou pela barraca a dentro, rosnando, quasi feroz. O rapaz recebeu-o com uma amabilidade servil, o coração aos saltos.

A's primeiras perguntas, grosseiras, brutaes, imperativas, do Delegado, o Anselmo empallideceu, perturbou-se, gaguejou, como se o colhessem numa emboscada. O Tenente não se satisfez, e seguindo o processo de que tanto se vangloriava, arrancou um mólho de galhos de cuieira, amarrou o Anselmo a um tronco — e terrivel, mudo, implacavel, justiceiro a seu modo, vibrou-lhe pelo corpo chicotadas que reduziam a fiapos as vergonteas flexiveis.

O rapaz gemia, torcia-se sob as vergastadas arrasadoras :

—— Eu não sei de nada. Não me mate, pelo amor de Deus. Eu não fui á festa porque estava doente. Não sei de nada !

Fonseca alçava o braço cabelludo, grosso como uma estaca :

—— E por que ficou todo atarantado quando entrei ? Porque gaguejou ? E' mentira. Você não estava doente. E' mentira !

—— Eu juro !

—— E' mentira — repetia o Tenente. Ou Você descobre ou morre !

O seu braço subia e descia, inexoravel. A blusa do Pintado voava em tiras, e pelo seu corpo moreno cruzavam-se sulcos vermelhos. Por fim, o caboclo, escalavrado, cortado, ensanguentado, supplicou que suspendesse o castigo. E falou, confessou :

—— Eu ia para a festa, seu Tenente. Quando me arrumava, appareceu aqui em casa o Chico Bahia. Disse que tinha um negocio na casa do seu Antonio Raymundo, e pediu que eu o levasse na minha *montaria*, porque a delle era muito pequena. Eu queria ir á festa, por isso disse que não. Elle, então, me garantiu que era um negocio urgente, muito sério, e me pagava pelo favor dez mil réis e um córte de panno. Fiquei tonto com a promessa do pagamento, e fui.

O Tenente Fonseca sorria, triumphante:

—— Vamos ! O resto ! Quero toda a historia, já, depressa.

Anselmo sorvia uma cuia dagua. Os agentes desamarram-n'o. Continuou, entre gemidos :

—— Sahimos, eu e seu Chico, para o *porto*. Lá encontrei a *montaria* delle, e nella, sentado na prôa, João Pedro, que ia tambem, para remar. Chegámos, tarde da noite á casa do Antonio Raymundo. Elles dois

mandaram que eu ficasse na *montaria*, um pouco longe da casa, e desembarcaram no meio das cannaranas. Eu estranhei aquillo. Porque não desembarcaram no porto ? Calei-me. Dahi a pouco ouvi uma pancada, um barulho, um grito medonho que me arripiou. Deixei a *montaria* e corri para a casa; mas na porta da frente encontrei o João Pedro, que me intimou, de cara fechada :

—— "Volte. Não foi nada. Espere lá que nós já vamos".

Anselmo anhelava, desenrolando a tragica narrativa. Bebeu outra cuia dagua, e proseguiu, sob o olhar cinzento e faiscante do Tenente Fonseca :

—— Voltei, esperei. Elles vieram depois, carregados com peças de fazenda e outras cousas. Arrumaram tudo na *montaria*, e ouvi seu Chico Bahia dizer para o João Pedro: "Perdi a minha bolsa de tabaco". O outro, assustado, falou: "Isso é o diabo Chico ! Vamos procural-a". Entraram pela cannarana, caçando, procurando a bolsa. Não a encontraram. O Chico, então, sorriu e disse: "Ella é de panno; ficou ahi, enterrada na lama. Vamos embora". Embarcaram. Eu, scismando com aquelles modos dos dois, disse que se soubesse não os tinha acompa-

nhado. O Chico pagou-me alli mesmo, dizendo :

—— "Prometti. Paguei. Se Você falar nisso, seja a quem fôr, eu o mato".

—— Patife ! — rosnou o Tenente Fonseca, indignado.

Anselmo concluia :

—— Vim para a casa, e nem dormi mais. Elles deixaram a minha *montaria* e foram na do Chico, que mora perto daqui. Depois, no outro dia, é que soube da desgraça toda. Tive vontade de ir á cidade e contar tudo, mas á noite o Chico veio aqui com o João Pedro, e repetiu, mostrando-me a sua faca de ponta :

—— "Se falar, morre ! "

Respirou, levou a mão aos olhos cheios dagua :

—— Tive medo, um medo horrivel daquella faca; e não falei. Mas só Deus sabe como tenho vivido !

A alegria do Tenente Fonseca era tão grande, que nem prendeu o caboclo. Deu-lhe as costas, foi ao *porto,* tomou a sua canôa e dirigiu-se ao *Arary,* numa arrancada. Remexeu pelas cannaranas e encontrou a bolsa de tabaco.

* * *

Chico Bahia era um mulato escuro, forte, o nariz esparramado e immenso cahindo sobre os beiços grossos. Tinha a testa estreita, os cabellos em carapinha e uns oïhos pequenos, redondos, inquietos, que brilhavam vivamente. Temido pelo genio violento, nunca entretanto, commettera um delicto notavel. Vaqueiro de profissão, afamado, jamais se aggregara a qualquer daquellas Fazendas que se estabeleceram por toda a margem esquerda do Amazonas, desde o *Espirito Santo* ao *Mucambo*. Vivia prestando serviços avulsos, um mez aqui, outro alli, ajudando, ganhando por dia ou por empreitadas curtas.

Ia fazer um anno que o Antonio Raymundo o contractara para pequenos serviços de campo, no *Arary*. Trabalhara, vencera a empreitada com presteza e facilidade. Antonio Raymundo gostou dos seus modos: o dia inteiro no serviço, calado, satisfeito, sem exigencias nas refeições. Nova empreitada, nova demora. Mas um dia o Fazendeiro, que andava pelo campo, observou uma scena

que o perturbou: — agachado, escondido entre as moitas altas do *miúm,* Chico Bahia tinha os olhos dilatados, a bocca cerrada, toda a face escura numa violenta contracção. Olhava para o lado do *porto* onde se lavava a roupa, hypnotisado, deslumbrado, immovel. Antonio Raymundo chegou-se pé ante pé, a ver o que tanto fascinava o vaqueiro. E estacou horrorisado ! Chico Bahia fitava em extase a margem do paraná, onde a Thereza, mulher do Fazendeiro, se banhava, — núa, esplendida, magnifica, os longos cabellos soltos ás costas, o corpo moreno e humido a brilhar docemente á luz da manhã.

Antonio Raymundo, cego, desvairado, agarrou o mulato pela garganta, derrubou-o, esmagou-o a punhadas pela cara e pelos peitos, numa vertigem de ferocidade. Ao ruido da lucta, a mulher veste-se e corre para os dois homens. Já o Chico Bahia se erguera procurando em torno uma arma, um páu para o ataque, rugindo, espumando. O Fazendeiro, rapido, estendeu-o de novo ao sólo com um murro formidavel, e empunhando a faca que arrancara da cinta, encostou a ponta ao pescoço do Chico, aos berros :

—— Vais pagar caro o desaforo, cabra!

E ia enterrar-lhe na garganta a ponta afiada, sob o olhar espavorido do mestiço, quando a mulher o segurou pelo braço, supplicando :

—— Não ! Não te desgraces ! Lembra-te de mim; do nosso filho. Não te desgraces!

Elle, então, soltou-o :

—— Fuja ! Fuja depressa, cabra infame, se não quer morrer agora mesmo.

Chico Bahia fugiu, sumiu-se pelo matto, desappareceu do *Arary*.

Desde esse tempo, o cabra, nas raras vezes em que se encontrava com o Antonio Raymundo, baixava a cabeça, disfarçava, cheio de odio, mas tomado de medo. E quando lhe perguntavam o motivo daquella attitude, respondia, alçando os hombros possantes :

—— Nada. Não gosto de quem quer ser melhor que os outros. Não ha mais escravos.

Por sua vez, Antonio Raymundo, sem esquecer a scena do banho, affirmava resmungando :

—— Esse cabra ainda faz alguma por aqui ! Tenham cuidado !

* * *

A tarde chuvosa, sombria, gelada, cahia sobre as cousas e os seres como uma tunica cinzenta e triste. Quasi ao crepusculo— um lugubre crepusculo de *friagem* — o Tenente Fonseca batia á porta do Chico Bahia, que morava na costa do Amazonas, acima do *Cabory,* numa casinha de taipa, com a mulher e um filho de dez annos. A' frente da casa ficava o *porto,* lamacento, escorregadio, com os degráos excavados na terra frouxa do barranco. Em cima, ladeando a trilha estreita que ia até a casa, appareciam algumas fructeiras enfezadas, parasitadas de *herva de passarinho.* Uma *súmaumeira* nova, seringueiras esguias, arbustos desconhecidos, surgiam dentre moitas esparsas de *Colonia.* Aos fundos, um trecho de campo e alguns cacáueiros antigos, salvos das *alagações.*

Foi o filho quem surgiu á porta, e vendo o apparato — o Tenente fardado, seguido pelos dois agentes, — recuou, falou do meio da sala, com uma agitação na vóz, o corpinho franzino e mal vestido a encolher-se de medo :

—— Papai não está. Anda na roça, trabalhando.

—— E tua mãe ? Interrogava o Delegado, entrando, sacudindo o kepi molhado.

A creança, amedrontada, explicava, com o beicinho tremulo :

—— Tambem não. Ha duas semanas que foi para a *Primavera*. Ainda não voltou.

—— Duas semanas ! Repetiu o Tenente Fonseca.

E pensou logo que o cabra procurara afastar a mulher nas vesperas do crime.

Sentaram-se. O pequeno quiz sahir para avisar o pai, daquella visita. O Delegado segurou-o pelo bracinho e fel-o sentar-se.

—— Não; tu não podes sahir com esse chuvisco. Nós esperamos.

O pequeno obtemperava, medroso :

—— Papai disse que se alguem o procurasse eu fosse chamal-o depressa. Se eu não for elle me dará uma surra. Não me deixe apanhar. Eu vou chamal-o. E' perto.

—— Fica — repetiu o Tenente, segurando-o. Não has de apanhar dessa vez. Teu pai irá commigo. Socega.

A's seis horas, sob a chuvinha persistente, chegava o Chico Bahia. Entrou pelos

fundos da casa, e numa vóz descançada e grossa chamou o filho. Quem acudiu ao chamado foi o Tenente Fonseca, presto, com um aspecto decidido :

—— Não me esperava, hein, Chico !

O mulato estava de cócoras, sob o alpendre da cosinha, lavando as mãos. Abriu os olhos pequeninos, ergueu-se, tomado de surpreza e de presentimento. Veio-lhe, porem, a calma, a segurança do seu segredo que só dois homens conheciam. Nenhum delles o trahiria: um por ser cumplice, o outro, pelo terror da morte. Demais, aquella visita da autoridade policial era sempre esperada, desde que andava com um furor de cão de caça, por todos os recantos do municipio, farejando, prendendo, soltando. A sua casa tinha sido uma das primeiras nessa caçada feroz, e o Tenente remexera pelo quarto, pela sala, pela cosinha, devorando tudo com o seu olhar cinzento e sagaz. Nada vira, de nada suspeitara. Pensou, então, que o Delegado continuava na sua lida errante, a perguntar, a pedir informações, talvez a solicitar-lhe agasalho por aquella noite de *friagem* em que o suéste rondava, traspassante.

Assim pensando, sorriu, respondeu, offereceu logo a sua casa, tranquillo :

—— Não, senhor. Não o esperava. Mas a casa é sua, seu Tenente.

E fingindo interesse, com uma ironia cruel nos olhinhos brilhantes :

—— O Sr. já descobriu o criminoso ? Difficil ! Nunca vi uma cousa assim ! Puxa ! . . .

O Tenente Fonseca, sem se poder conter diante de tanto cynismo, avançou, segurou-o pela blusa :

—— Está preso, cabra ! Foi Você quem matou a mulher; quem se serviu della depois de morta; quem roubou ! Está preso, cabra infame !

Elle deu um repellão brutal para soltar-se. A blusa rasgou-se, deixando um retalho na mão crispada do Tenente. Saltou para traz, agachou-se, brandiu o terçado que estava junto á cuia onde lavava as mãos.

—— Tenha juizo, Tenente ! Se não eu o mato ! Tenha juizo !

Mas o Tenente Fonseca avançou, destemido, rapido, os olhos fuzilando de colera. Chico Bahia desfechou um golpe terrivel, de alto a baixo, sobre a cabeça do Delegado, que num salto se desviou. E de subito se-

gurou o mestiço, dominou-o, com os dedos ferrados no pulso, gritando :

—— Está preso, assassino, ladrão, bandido ! Está preso !

Os dois agentes surgiram nesse momento, e o Chico, seguro pelos trez homens, foi arrastado para fóra, aos berros, pedindo misericordia, bradando a sua innocencia. Amarraram-n'o a um tronco de seringueira. O Tenente Fonseca olhava em torno, procurando :

—— Vejam se Vocês encontram por ahi alguma cuieira. Tragam-me um feixe de galhos.

Era o mesmo processo, infallivel, garantido, classico. A cuieira era um milagre naquella terra de obstinados !

Chico Bahia, amarrado, inteiriçado, ligado á seringueira, jurava com desgraçada humildade :

—— Não fui eu ! Juro por todos os santos do céo. Perdoe-me, seu Tenente. Eu estava doido quando peguei no terçado. Juro que estava doido !

O Tenente, mais calmo, quasi sorrindo, esfregava as mãos, num allivio immenso :

—— Eu sei. Depois conversaremos me-

lhor sobre isso. Depois ... Você deve estar com frio . . .

Ao primeiro feixe, o mulato, calado, paciente, não falou. Ao começar o segundo, quando o sangue espontava em borbulhas aqui e alli, no peito saliente, pediu agua. O Delegado, de braço erguido, suspendeu a vergontea :

—— Ahn ! Você quer agua. Agua para beber, não é ? Então, confesse o crime. O Anselmo Pintado contou-me tudo. Confesse, ande !

Chico Bahia teve uma surpreza que lhe esgazeava os olhos :

—— O Anselmo ? E' mentira, seu Tenente. E' mentira ! Não fui eu !

—— E quem foi ? Foi o João Pedro ? De quem é essa bolsa de tabaco que encontrei no meio da cannarana ?

Arrancou a bolsa de dentro da blusa, mostrou-a ao Chico. O mulato mal poude articular, esmorecido, negando ainda :

—— Não sei . . .

Diante dessa resistencia desconcertante, o Tenente Fonseca arregaçava o braço e escolhia no feixe um galho mais grosso. O cabra, então, num desespero, logo ao segundo açoite, implorou, perdido :

—— Não ! Não me mate, por piedade ! Não posso mais ! . . .

Fonseca levantava bem alto o galho fatal :

—— Então, confesse, cabra !

Chico Bahia, allucinado, sangrando, desfallecendo, gemeu :

—— Fui eu ! Fui eu ! Mas não me mate, não me mate. Eu conto tudo.

Desamarram-n'o, levaram-n'o em braços para a canôa, flacido, gemendo, pedindo que o não matassem. O filho embarcou tambem, para ficar na *Primavera*, com a mãe.

Nessa mesma noite foi preso o outro comparsa, o João Pedro, um caboclo indolente e cynico, que morava alli perto, numa barraca sórdida, com a irmã, uma rapariga de trinta annos, falada, estupida, maltrapilha. O Tenente Fonseca segurou-o pelo pescoço :

—— Prendi o assassino, o Chico Bahia. Elle confessou tudo. Você quer confessar tambem, ou prefere o tronco e um feixe de varas ? Vamos; depressa; resolva !

Cercado pelos trez homens, denunciado, trahido, João Pedro, alli mesmo, no terreiro,

sob a *friagem* que regelava, falou cynicamente :

—— Confesso. Para que negar ? Eu conheço o Tenente, e tem uma cuieira enorme aqui perto. Pois, confesso. Roubei o que pude roubar. Seu Chico lá estava com a mulher, agarrado, luctando. De repente elle juntou a mão de pilão, bateu na cabeça della, que estalou com a pancada. Depois ouvi dois gemidos — um, delle, forte, grosso, entre os dentes; o outro, della, fraquinho, triste, morrendo . . .

SUICIDIO

Manoel Gato era Riograndense do Norte, do Seridó. Emigrára para o Amazonas porque, numa noite de São João, esbordoara furiosamente o filho do Coronel Zuza Fernandes, o Juquinha, umo moço alto e forte que abandonára os estudos e vivia pelo sertão, ocioso e pedante.

Nessa noite, em casa do Francisco Pereira, o Juquinha abusava. Dançou a primeira, a segunda, a terceira vez, seguidamente, com a Nelinha, irmã do Manoel, num escandalo jamais visto naquelles agrestes ta-

boleiros do Seridó. Nelinha, atemorisada, mas orgulhosa com a preferencia, ia cedendo, ia dançando, emquanto os convidados, pelos cantos, rosnavam, indignados.

Quando a musica tocou pela quarta vez uma valsa, e pela quarta vez o rapaz dançava com a Nelinha — entre o assombro e a censura de toda gente — rebentou o horrivel barulho. Manoel Gato estava no terreiro, numa roda junto á fogueira, ouvindo uma conversa de vaquejadas, com uma caneca de *aluá* na mão, dando apartes que aborreciam o Raymundo Feitosa, vaqueiro de uma Fazenda visinha. Raymundo bravateava, contava façanhas inauditas, de pé, em largos gestos, num enthusiasmo que o avermelhava. Manoel sorria incredulo, aparteando-o. E num momento da discussão, o Raymundo sentindo-se desmoralisado, voltou-se para o rapaz, gaguejando :

—— Olhe, Manoel; era melhor que Você olhasse pra sua mana, que não se desaprega dos braços de seu Juquinha. Isso é que é desfeita !

Os outros entreolharam-se, surpresos, presentindo o sangrento epilogo. Manoel ficou rubro, largou a caneca de *aluá*, cresceu para o vaqueiro, os dentes cerrados, o

olhar faiscando. E ia segural-o pela garganta, quando o dono da casa o conteve pelo braço, numa calma sombria :

—— Não consinto ! Raymundo tem razão : todo o mundo só fala aqui nessa falta de respeito com a sua irmã. Parece que só Você não se incommoda com esse escandalo !

Manoel não disse mais nada. Bruscamente arrancou-se do braço do Francisco Pereira, olhou em torno e viu que todos os companheiros estavam ao lado do Raymundo Feitosa, numa decisiva attitude de apoio. Varou para a sala de baile, foi direito ao par, separou-o violentamente, levando a irmã para um canto. Os outros pares ficaram estarrecidos no meio da sala; Juquinha foi direito ao rapaz, de punhos fechados, fumegando de raiva :

—— Não te parto a cara, cachorro, porque respeito a casa.

Manoel recuou um passo, gritou :

—— Pois Você vai ver como se parte cara de cachorro ! E' assim ! . . .

E suspendendo um tamborete voou para o Juquinha, derrubou-o, malhou-o, esfregou-o pelo chão, rapido, louco, bramindo :

—— Cachorro ! Cachorro ! Cachorro !

Quando acudiram era tarde. Juquinha estava estendido no meio da sala, moido,

ensanguentado, com um pavor covarde nos olhos, pedindo soccorro.

Manoel, com uma perna do tamborete na mão, encostara-se a uma janella, bufando, abraçado pela irmã, espantado com a scena, os gritos, a confusão que alvoroçava toda a sala. Foi o Raymundo Feitosa quem lhe sussurrou de fóra, na janella:

——Fuja ! Fuja depressa, Manoel, senão Você está perdido !

O rapaz voltou-se, comprehendeu de repente a situação : — a noticia do desastre; o Coronel Zuza que morava alli perto, chamaria os seus acostados; apanhal-o-ia, matal-o-ia, vingando o filho. Ou então, o Delegado de Policia viria buscal-o para a prisão e para o castigo. A morte ! A prisão! O cartigo ! Não hesitou, — transpoz de um salto a janella, tomou a estrada, numa carreira doida como se sentisse sobre os seus passos a perseguição do Coronel e do Delegado. Correu assim até chegar á sua casa, meia legua de caminho. Entrou de manso, foi ao bahú, tirou o dinheiro que possuia, guardou-o. E caminhava para a estribaria quando a mãe accordou, chamando-o :

——Manoel ? Que é isto ?

Elle conteve a emoção que o estrangulava :

—— Nada, mamãe. Vim buscar o leque pra Nelinha, que se esqueceu.

Emquanto sellava ás pressas o seu rosilho ia acalmando-se e sentindo toda a extensão da sua loucura. Até aquelle momento vivera feliz, independente, sem cuidados, dirigindo a pequenina Fazenda que o pai lhe deixara, entre os carinhos da irmã e a adoração da velha mãe doente e quasi cega. Assim vivera ! E de repente, aquillo, aquella furia que nunca tivera, aquelle desesperado impeto de anniquilar, de matar, de destruir uma creatura, apenas porque se tornara impertinente. E arrependido, com os olhos cheios dagua, invadido pela tristeza de partir sem abraçar a velha mãe, pediu baixinho, num abafado soluço, encostado á parede da alcova :

—— Sua benção, mamãe.

Um sussurro que partia do quarto consolou-o docemente.

Montou e seguiu por atalhos e veredas, a galope, na escuridão da noite. E escondido de dia nas grotas e nas serras, viajando toda a noite, faminto e roto, chegou numa triste madrugada a Mossoró. Vendeu o ani-

mal e os arreios, comprou passagens, foi a Areia Branca, e dahi a Natal, aonde embarcou logo para o Amazonas numa leva de emigrantes.

A bordo sentiu-se tranquillo, quasi feliz, admirado da sua aventura, formando planos de vida nova e entregando-se ao destino que o esperava. Ao principio assustava-o a perspectiva desse mundo novo que iria conhecer. Mais de uma vez ouvira falar dessa terra bruta e virgem onde a fortuna, os perigos e as molestias aguardavam a gente moça que a procurava. Os *paroaras* falavam della como de um grande sonho povoado de visões e deslumbramentos.

No vapor que o levava encontrou patricios de torna-viagem, e um delles, um velhote magro e vivo, afagava o cavaignac e explicava-lhe cousas estranhas da estranha terra. Manoel arregalava os olhos que phosphoreciam singularmente na quietude da noite, sobre o convez do navio. Dahi o apellido que lhe puzeram, entre risadas, no porto de Fortaleza : — *olho de gato*, e abreviaram-n'o logo: — *Manoel Gato*. Elle sorriu, consentiu, achou graça naquella scintillação dos seus olhos deslumbrados, e não se cançava de ouvir boquiaberto as descri-

pções que lhe faziam da terra, da floresta, dos rios profundos e largos, do trabalho nos seringaes, das fortunas feitas em seis mezes.

Contos de réis ! Isso ficava-lhe zumbindo nos ouvidos, atordoando-o, impressionando-o, como se delirasse accordado. Nunca vira esses Contos de réis, nunca os sentira nas mãos, nunca pensara que pudesse um dia possuil-os, acaricial-os, gastal-os doidamente. E inquieto, e insomne, fazia calculos, recostado á amurada, olhando o mar que reluzia sob o silencio e o frio da madrugada. Assaltava-o um turbilhão de desejos: joias, roupas, mulheres, gulodices, e uma larga, opulenta mesada para a velha mãe, que o abençoaria, que rezaria para a sua felicidade na terra longinqua do exilio.

Ao chegar ao Pará, mesmo a bordo, foi interpellado por um sujeito risonho e gordo que chalaceava entre os passageiros :

—— Vai para o seringal, patricio ?

Manoel Gato resmungou uma affirmativa. Então, o sujeito risonho abriu os braços, num offerecimento alegre. Dava-lhe tudo — passagem, roupa, dinheiro, armas. Elle, apenas, exigia um documentosinho, um recibo. Mais nada !

Ante o assombro do sertanejo, o ho-

mem gordo sorria, pousando-lhe a mão no hombro :

—— Gostei da sua cara, patricio. Você parece um homem de bem. Dou-lhe tudo !

A proposta, de tão sumptuosa, escandalisava Manoel Gato; e o seu espanto crescia a cada palavra do sujeito, que insistia, insistia . . . Mas elle desviava-se, desconfiado :

—— Depois eu lhe falo, moço. Vou pensar . . .

E retirou-se immediatamente, procurando os companheiros, contando o caso estupendo. O velhote de cavaignac dava-lhe informações, entre duas pitadas de rapé :

—— Isso é um agenciador, camarada ; um sujeito que vive pelos vapores catando seringueiros, contractando-os, remettendo-os para o Purús. Vive disso, e dizem que está rico. Dá-lhe tudo ! Mas é como a aranha que pega a mosca.

Manoel arregalava os olhos num "*oraveja*" de horror ! O velhote continuava :

—— E' raro o que não cae na rede. Tudo o que elle promette vai custar-lhe um conto e tanto. Você assigna o documento e fica preso até pagar a divida ou morrer. No seringal Você precisará de outro tanto :

mantimentos, remedios, apparelhos para o trabalho, cousas de occasião. Quando abrir os olhos estará devendo uns dois contos mais ou menos. Então, adeus saldo, adeus liberdade, adeus mundo, durante um ou dois annos. No terceiro anno, se for feliz, se não esmorecer, se não cair doente, poderá livrar-se do captiveiro! Você quer um conselho que não lhe custa nada?

Manoel Gato offegante implorava o conselho. O velhote falou devagar, sereno e grave:

— Ahi vai. Você diga a esse moço que só acceita a passagem. Não queira mais nada. No barracão do seringal feche os olhos ás tentações das prateleiras, e peça um rifle, um mosquiteiro, remedios para sezão, e mantimentos. Só. E vá trabalhar com vontade, sem medo, sem tristezas, como se estivesse no sertão da nossa terra. Assim Você ha de tirar o seu saldo no fim da safra. O Amazonas é um pai que não quer filhos medrosos. Lembre-se disto, sempre!

O rapaz seguiu o conselho, e dois dias depois tomava o *gaiola*, rumo do Purús. Não procurou amizades a bordo; armou a rede a um canto e ficou a contemplar a agua barrenta e profunda que o impressio-

nava. Perfurou com os olhos esgateados a floresta sem termo. Admirou as cidades marginaes, contando-as : Santarém e Obidos, muito altas, dominando como atalaias immensas, o valle em torno; Parintins, alegre como uma vista de presépe, brilhando ao sól, num frescor de Villa do nordeste; Itacoatiára escarpada e triste, aonde o *gaiola* enterrara a prôa no alto barranco; e, emfim, Manáos, ruidosa, moderna, cosmopolita, civilisada, entontecendo-o com os seus bondes electricos e carros e automoveis e caminhões, em disparada, num delirio de pressa.

O resto da viagem foi monotono. Cançara-o a paizagem immutavel, sem horizonte, sentindo já a asphyxia da matta que se erguia nos barrancos, ameaçadora e mysteriosa.

No seringal limitou as despezas, partiu para o centro no primeiro comboio, tomou conta da sua pobre barraca, trabalhou sem cessar, contente e destemido, com a idéa fixa no saldo e no retorno. Seis mezes assim, na lida infrene, passando e repassando na sua *estrada* de cem *madeiras,* cortando, colhendo o leite, defumando-o, preparando as *pelles.* Ao fim da safra o gerente avisou-o,

uma tarde em que recebia os ultimos productos :

—— Você, Manoel Gato, vai receber um bom saldo.

Manoel ficou apalermado com a noticia. Apesar de toda a sua economia tinha uma divida de mais de um conto de réis. Achava incrivel poder libertar-se com esse saldo tão levianamente annunciado.

No dia em que foi chamado para examinar a conta-corrente, teve calefrios de susto. Viu aquellas columnas de algarismos, altas, firmes, rigidas, e não comprehendeu. Entregou-as sorrindo, confessando:

—— Não entendo nada. Deve ser isso mesmo. Não é ?

O gerente não respondeu, e entregou-lhe a carta de ordem para a casa aviadora em Manáos. Elle ficou a sorrir, numa ansia suspensa. O homem explicava, apressado :

—— Você tem um saldo de dois contos e quatrocentos mil réis, descontada a passagem. Receberá em Manáos. E' só apresentar essa carta no escriptorio.

Dias depois partia Manoel Gato para a capital. Installou-se num hotel e tratou de procurar a casa indicada na sua carta de ordem.

Quando lhe entregaram o dinheiro, a sua commoção foi tão grande, tão brusca, tão forte, que a custo conteve o impeto de se arrojar para os braços do *caixa* indifferente e sério. Ficou a rir, um riso estupefacto, alisando as notas sobre o balcão, mirando-as, contando-as, enternecido e enlevado. De subito olhou em redor, metteu-as no bolso da calça, e sahiu pelas ruas, a sorrir, apalpando disfarçadamente a algibeira que tufava. No hotel, trancado no quarto, guardou o dinheiro no fundo da mala. Tirou-o depois, num receio repentino, e collocou-o sob o colchão da cama durante minutos apenas, emquanto pensava. Emfim, amarrou-o á cintura com uma tira do lençol, de encontro á pelle núa. E só assim, sentindo-lhe o permanente contacto, julgou segura e inviolavel a sua desmedida riqueza.

Apesar dos mil projectos que lhe aturdiam a cabeça, logo no dia seguinte começou a gastar: ao principio, na compra de cousas nacessarias; depois, de vitrina em vitrina, embasbacado, seduzido, a adquirir futilidades que admirava e escondia avaramente. E a sua mala se foi enchendo de joias, de perfumes, de guloseimas. Ao fim

de quinze dias, com as despezas do hotel, as compras, os passeios de automovel e as noites de amor, tinha desapparecido o primeiro conto de réis. E justamente quando pretendia embarcar para o Rio Grande do Norte, com o restante do saldo, adoeceu.

Veio-lhe a febre uma noite, após o jantar. Comprou remedios, tomou-os. A febre não o abandonou, e todas as noites lá vinha o accesso, cada vez mais forte, deixando-o quebrantado, amollecido, bilioso. Uma tarde a sezão explodiu desesperada, e delirou furiosamente, contorcendo-se, gritando, vociferando. O dono do hotel assustou-se, chamou o medico. E alguns dias mais tarde Manoel Gato levantava-se, curado, mas tão fraco que tropeçava nas pernas, arrastando-se pelos corredores numa peregrinação de duende.

Pagou tudo e deu um balanço nas economias. Restavam-lhe tresentos e poucos mil réis, amargamente contados.

* * *

Dahi por diante, Manoel Gato, foi, como elle vivia a dizer: "um abandonado da sorte".

Voltou ao seringal. A borracha descera a preços miseros, e durante tres annos, entre o impaludismo e as dividas, a sua vida foi um successivo labor de escravo no sombrio captiveiro da floresta.

Desanimado, perdido, envelhecido, arrastava-se pela estrada, sem coragem e sem forças, estampando no rosto escavado e amarello uma angustia pungente.

Mais de uma vez ouviram-n'o falar da morte, como a unica porta aberta para o repouso e a liberdade.

E um dia, emfim, foram-n'o encontrar na barraca, a gemer, o pulmão varado por uma bala de rifle.

Diante dos companheiros que o amparavam consternados, falou, explicou entre gemidos :

—— Não supportei mais a perseguição da sorte. Avaliem Vocês: — Hontem á tarde fui ao roçado buscar o que comer, porque o patrão cortou-me o credito. Cheguei lá, cortei uma canna, arranquei uma melancia, e voltei. Chovia. Vim pelo varadouro alagado da chuva, quasi me arrastando porque tinha uma ingua na virilha doendo que era um horror ! A canna era torta e a melancia sem talo. Avaliem ! Era mutuca co-

mo no inferno ! Era piúm como nunca vi !

Descançou um instante, pediu um copo dagua, proseguiu :

—— Cheguei á barraca, morto de cançaço e de dores. Vou deitar-me, mas lembrei-me do gallinheiro que estava aberto. As mucuras já tinham comido uma gallinha na noite passada, e só restava a ultima. Sahi ao terreiro. Era noite e continuava a chover como um castigo. Fechei o gallinheiro, mas ao voltar para a casa a lamparina que eu levava se apagou. Procuro os phosphoros, e encontro a caixa com um páusinho unico e sem cabeça ! Já meio doido, resolvi deitar-me, mesmo com fome. Sentei-me na rede; ella se rasga toda, de meio a meio, e eu vou ao chão bem em cima de um ninho de formiga de fogo. Então, no escuro, procurei o rifle, e prompto ! Um tiro no peito para acabar logo com tudo, de uma vez !

Pela madrugada Manoel Gato expirava, e no seu rosto havia uma singular expressão de allivio e de alegria.

A SURRA

José Honorio teria trinta annos nesse tempo. Era baixo, grosso, ruivo, com um bigode amarello cobrindo-lhe a bocca vermelha, e uns olhos verdes, de um verde sujo e frio, raiados de estrias sanguineas.

Viera do Ceará, fugindo ás seccas successivas que arrasaram a sua *situação*, no *Assaré*, queimando os roçados e devorando o gado que possuia. Como não tinha ambições nem geito para seringueiro, se deixou ficar pelo Baixo Amazonas, a dirigir uma Fazenda do Major Isidoro Pereira, a *"Santa Cecilia"*, no *Paraná do Limão*.

Em quatro annos a "*Santa Cecilia*" prosperou sob a honestidade e o carinho do cearense. José Honorio fez economias, esqueceu-se do Ceará, adaptou-se á terra amavel que o acolhera; e pescado pelos olhos doces de Nhá Maróca, uma cabocla baixinha do *Cabory,* casou-se logo, entregou a propriedade ao Major, desejando viver e trabalhar em terra propria, sem responsabilidades e sem patrão.

O Major Isidoro, sentindo a perda do excellente vaqueiro, tentou mais de uma vez convencel-o da inutilidade e do risco das suas pretenções, offerecendo-lhe todas as vantagens, associando-o á "*Santa Cecilia*". José Honorio, porem, insistiu ; insistiu e venceu. Comprou ao proprio Major um lote de terras no *Aninga,* a uma hora de Parintins, ao fim da estrada da *Terra Santa.* E julgando ter chegado, emfim, á realidade do seu grande sonho, começou immediatamente a trabalhar, num capricho que o esfalfava. Fez a barraca, roçou, plantou, comprou *chirimbabos,* gastou as economias todas — e foi viver tranquillo, sem preoccupações e sem canceiras, dentro da sua repousada alegria de proprietario.

Muitas vezes, á noite, no terreiro da sua

casinha de taipa, dizia á mulher, enternecido, olhando em frente a roça de mandioca, e sentindo em torno um socego risonho :

—— Eu bem dizia que seria feliz nesta terrinha. Eu bem dizia ! . . .

Nhá Maróca sorria, abria os olhos macios, fitava o marido, a roça, o gallinheiro e o céo estrellado :

—— Graças a Deus, José !

Mas com a prosperidade que o bafejava s u r d i a m simultaneamente os primeiros amargores de inveja. Toda a visinhança, — uma caboclada preguiçosa que vivia de *caxirys* e de festas — começou a reclamar contra as derrubadas da capoeira, as roças, os bichos, a insociabilidade do casal. José Honorio vivia a dar explicações, a pedir desculpas, lembrando-se das recommendações do Major Isidoro, desde que fôra residir naquellas terras.

E um dia em que, atormentado de aborrecimentos, expunha ao Major a sem razão das queixas dos caboclos, esse, quasi rispidamente observou :

—— Já lhe disse : não admitto brigas. Aquella gente do *Aninga* vive alli em paz, ha muitos annos. São meus eleitores, e eu sou obrigado a protegel-os.

O cearense, maguado com o desabrimento, affirmou com seccura :

—— Eu não brigo, seu Major. Nunca briguei. Vivo no meu canto, trabalhando, supportando tudo.

—— Está direito, dizia o Major. Viva no seu canto. E' o melhor.

José Honorio, porem, presagiava, coçando a cabeça :

—— Qual, seu Major ! Aquillo ainda acaba mal. Por tudo ha uma queixa. Nem sei como viva !

O Major Isidoro, alto, secco, esgalgado, chefiando a politica local, impunha harmonia, promettendo entender-se com os caboclos :

—— Não se inquiete. Tudo acabará bem. Não admitto desordens no municipio.

* * *

Durou isto seis mezes — seis mezes crueis para o José Honorio ! Os caboclos vendo a resignada fraqueza do cearense, e percebendo, vigilante e larga, a protecção do chefe politico, excederam-se nas perse-

guições. Dos ditos, das picardias, das intrigas, passaram ás vinganças covardes. Um dia era a roça que amanhecia pisada, estragada, com um rombo na cerca, por onde o gado penetrava, destruindo as plantações; outro, eram gallinhas que se sumiam, pequenos roubos de objectos, obscenidades desenhadas no terreiro do cearense.

José Honorio arrepelava-se, amargurado, esperando as providencias do Major Isidoro. E ia estirando a paciencia, rosnando pelos mattos, sempre fóra de casa, numa attribulação de precito.

Os caboclos, entretanto, adiantavam-se. Passavam aos insultos directos, ás ameaças, impunes, confiantes no apoio do chefe, que da eminencia da sua força velava pela harmonia do *Aninga*. Adiantavam-se! Chefiava-os na perversidade e no destemor o mais audacioso, o Chico Antonio, um caboclo alto, gordo, com uma soberba fama de valentia, a ostentar os braços roliços e a face larga e molle onde os olhos pequeninos, embaciados de indolencia, luziam placidamente num brilho morto.

E foi o Chico Antonio quem, num accesso de raiva e de despeito, — atirou, uma tarde, numa porca do José Honorio, matan-

do-a, porque o pobre animal passara na sua porta, focinhando e roncando. Matou-a e arrastou-a até a casa do cearense, aos brados, desafiando-o com palavrões. José Honorio não estava em casa, e foi a mulher, assombrada e timida, quem correu ao terreiro onde o caboclo espumava, possesso :

—— Matei essa peste que estragava minha roça toda. Não quero porcos no *Aninga*. E diga a elle que se quizer pagamento, eu tenho outra bala para o dono.

Rodou, sem querer ouvir a cabocla que chorava, encostada á porta, os olhos fixos no animal estirado no terreiro sobre uma rubra poça de sangue. Seguiu para a cidade e procurou o Major Isidoro :

—— Vim dizer ao branco que matei uma porca do José Honorio. A peste comeu minha roça; não deixou nada ! Então, matei com um tiro.

O Major, no meio da rua, desorientado, temendo um desforço do cearense, clamava, erguendo os braços, num espanto :

—— Mas Você está doido, Chico Antonio ! Você está doido ! Uma porca é dinheiro, homem de Deus ! E' quarenta ou cincoenta mil réis ! José Honorio não aguenta

essa desfeita, nem o prejuizo ! Você vai ver ! Ora, uma dessas !

Chico Antonio sorria, numa impassibilidade gelada, as mãos para as costas, o olhar amortecido :

—— Cancei de dizer que porco estraga tudo. Elle respondia com desafôro. Era só desafôro !

O Major admirava aquella serenidade, aquella coragem fria e rude como um rochedo que avança, consciente e formidavel. Todavia, observou ainda :

—— Você, é bom ter cuidado. José Honorio não é molle. Pode haver o diabo !

O caboclo, sempre impassivel, arrastava as palavras :

—— Se disser desafôro dou-lhe uma surra. Surra de *cipó-titica*, para doer. Quieta logo.

O homem politico embasbacava, atrapalhado, puxando o immenso bigode. Mas intimamente satisfeito com aquelle heroismo sereno e bruto, e desejando retirar habilmente a sua responsabilidade num incidente todo pessoal, explicou-se :

—— Bem ! Muito bem ! Faça o que quizer. Já agora é uma questão de honra entre vocês. Não é a porca; é a honra. E eu não

me metto em questões de honra. Arranjem-se.

Apertou apressadamente a mão do caboclo e seguiu calçada afóra, impressionado com a bravura.

Chico Antonio não comprehendeu a attitude imparcial do seu chefe, nem percebeu essa difficil *questão de honra* que elle tanto repisara. Andou pela cidade, de balcão em ,balcão, contando o feito, bebendo entre companheiros que appplaudiam a sua façanha. Noite alta foi para a casa acompanhado por um dos irmãos, bebedo, tropego, a ameaçar o Ceará inteiro com o seu grosso cacête de *araçárana*.

* * *

Quando José Honorio, pela madrugada, de volta da pescaria, bateu á porta dos fundos da sua casa, a mulher foi recebel-o em pranto, contando o facto e pedindo entre soluços que nada fizesse, que se mudasse do *Aninga* para evitar uma desgraça. José Honorio uivou qualquer cousa numa vaga promessa, foi ao terreiro, viu o animal in-

teiriçado, arrastou-o para o matto, enterrou-o, exhalando suspiros immensos. Cançado, deitou-se na rede, pensativo, os olhos verdes scintillando num rancor sombrio. Mas não poude dormir, apesar da fadiga, e pela manhã, cedinho, foi entender-se com o Major Isidoro, disposto a não soffrer a humilhação e o prejuizo.

Foi encontrar o Major na mesa, tomando café. E mal poude saudal-o, com um engasgo na garganta :

—— O Sr. já sabe do acontecido ? Chico Antonio . . . hontem . . .

O Major atalhou-o, mettendo a faca na manteigueira :

—— Já sei; já sei. Esteve aqui commigo e contou-me tudo. E' o diabo !

—— E agora ? Perguntava o cearense sentando-se.

—— Agora ? Agora é bom Você ter cuidado. Elle disse-me que se Você reclamasse a porca, dava-lhe uma surra. Eu, em vista disso, por ser uma questão de honra, não quero intervir nesse negocio. Se fosse pela porca, vá lá. Mas é questão de honra, toda pessoal, entre Vocês. Cessou a minha in-

tervenção. Estava farto de pedir que não brigassem. Estava farto !

José Honorio ficou suspenso, sem comprehender o absurdo remate. Arquejou, respirou com força, sentindo um calor que subia ao rosto, e uma pungente confusão nas idéas. E de todas as palavras do Major Isidoro ficara-lhe a da ameaça infame do caboclo. Quasi engasgado, quasi bestificado, perguntava, olhando em torno :

—— Surra ? Como ? Matou a porca e vai dar-me uma surra ?

—— E' verdade, — dizia o Major — uma surra com *cipó-titica*. Cuidado !

José Honorio baixou a cabeça, coordenou as idéas que lhe fugiam numa debandada de passaros ante a tempestade. E com um tremor na voz e no corpo, ergueu-se aprumado :

—— O Senhor não se mette na questão, não é ? Eu vou fazer o que me vier á cabeça. Não quero conselhos. Não se dá conselhos a um homem desmoralisado.

Despediu-se, seguiu para o *Aninga*, com uma raiva, um odio, um furor que lhe escurecia a vista pelo caminho, na deserta estrada da *Terra Santa*.

Era meio dia quando entrou em casa.

A mulher esperava-o, numa agonia, presentindo a catastrophe, com o coração a bater, a bater doidamente, e as mãos frias de medo. José Honorio comprehendeu a angustia que despedaçava a cabocla, inquieta, suffocada, os cabellos desfeitos rolando pelas costas, os grandes olhos abertos cheios de susto. Teve logo piedade daquelles pobres nervos sacudidos, esfrangalhados como um milharal numa noite de vento e de chuva. Fez um esforço, sorriu muito calmo, mentindo :

— Falei ao Major. Elle disse-me que era melhor eu retirar-me do *Aninga*. Dá-me uma terra preta, muito boa, no *Limão*. Vai pagar a porca, e acho que me compra tudo isto aqui. Não é melhor assim ?

Calou-se, admirou-se da propria mentira, satisfeito com a presteza e a habilidade com que a engendrara.

Nhá Maróca, alliviada, sorria :

— E' melhor ! Vamos para o *Limão*. Só assim teremos socego.

E desabou para um canto da mesa de jantar num chôro triste, lento, baixinho, que era ao mesmo tempo um consolo e uma prévia saudade da sua casa. E chorando murmurava :

—— Tanto trabalho ! Tanto trabalho ! Tudo perdido, por esses malvados !

O cearense gemia, sem consciencia, olhando a mulher :

—— Tanto trabalho ! Tudo o que eu tenho na vida ! Tudo perdido !

Ella enxugou o rosto, poz o almoço e foi levando o marido pela mão para a mesa, onde o prato de *pirapitinga* fumegava cheirando. José Honorio sentia um laço invisivel prendendo-lhe a garganta como se o enforcassem. Fazia o bocado, misturava o peixe com a *farinha-dagua,* levava-o á bocca. Mas não podia engulir, mastigando, triturando,— e o peixe a crescer, a crescer, a encher toda a bocca, enorme e amargo ! Tentou outra vez. Impossivel ! A *pirapitinga* era como palha secca, e inchava ! Disse, então, afastando o prato :

—— Estou cançado, Maróca. Nem posso comer. Mais tarde . . .

Levantou-se da mesa e estirou-se na rede da sala de jantar, observando a mulher que ia e vinha pelo pequeno aposento, arrumando os pratos. Observava-a e ruminava a sua vingança, uma vingança que o desafogasse daquelle aperto que o matava aos poucos, asphyxiando-o. Mas todos os planos ca-

hiam diante do vulto da cabocla, tão boa, tão diligente, tão fiel, que durante os dois annos de casados jamais lhe dera um desgosto. Se os matasse com o seu rifle, iria para a cadeia. Era a separação! Elle preferia morrer, nesse caso. Calculava, pensava, afastava uma idéa, afagava outra, irresoluto, numa covardia que o exasperava. E Nhá Maróca alli, pela sala, batendo as chinellinhas, os cabellos soltos, cheirando a *peripirióca,* o corpo moreno e cheio a tremer, a tremer!

Quando José Honorio pensava na vindicta e olhava enternecidamente o vulto da esposa — ouviu bater á porta da frente, e a vóz sónóra, grossa, victoriosa, do Chico Antonio estrondou por toda a casa :

—— Este sárárá do diabo está em casa, Nhá Maróca ?

Pela pequenina sala de jantar perpassou um silencio de terror. Nhá Maróca saltou do banquinho, junto á mesa, alvoroçada, assustada, com um olhar de louca fitando o marido, que já se puzera de pé, hirto, empinado, todo o sangue avermelhando-lhe o rosto. Ella supplicava, abraçando-o :

—— Não, José; fique pelo amor de Deus. Eu vou falar com elle.

—— Não ! Não ! E' demais ! Eu não posso. Vou matal-o !

Nhá Maróca enlaçava-o, arrastava-o para a rede, rogando :

—— Matal-o ? Lembre-se da cadeia, da nossa desgraça; eu só, no mundo, sem ninguem. Pelo amor de Deus, meu marido !

José Honorio teve a visão do horrivel transe : a prisão; a separação ! E acabrunhado, vencido, inerte, sentou-se na rede, emquanto o Chico Antonio, ás punhadas na porta, bramia :

—— Está ou não está ?

Afflicta, transtornada, arrastando as pernas que vergavam, a cabocla foi á sala da frente, abriu a porta, e ficou no limiar, de braços abertos, livida, immovel, esgazeada, como se num derradeiro momento de lucidez lhe viesse, naquella rigida attitude, o instincto de defesa do seu lar.

Chico Antonio, no terreiro, armado com um grosso *cipó-titica,* desafiava :

—— Não é com Você, Nhá Maróca. E' com elle que está ahi escondido, com medo da surra. Eu fico esperando. Elle ha de sahir, esse sárárá do diabo !

Um pouco distante, na cerca da roça, em frente á casa, dois vultos olhavam a scena e

sorriam. Eram os irmãos do Chico Antonio, armados tambem, empunhando cacetes, rodando-os no ar num gesto de ameaça.

Nhá Maróca, desorientada, articulou baixinho, tomada de tremores :

—— Ah ! Seu Chico ! Não nos desgrace ! Nós vamos sahir do *Aninga*. Tenha piedade de nós. pelas chagas de Christo !

E vacillando, todo o corpo agitado pelos soluços, não resistiu ao terror: — deixou a porta, cahiu de joelhos no terreiro, aos pés do caboclo, implorando :

—— Tenha piedade ! Tenha piedade ! Não nos mate !

Diante daquella humildade : a pobre cabocla ajoelhada aos seus pés, desgrenhada, convulsionada, rogando misericordia, tremendo da sua força, alli no terreiro do marido, onde o sól do meio dia rutilava triumphante, — Chico Antonio blasonou com orgulho :

—— Como é Você que pede, eu perdôo Nhá Maróca. Mas vão logo embora. Eu não quero cearenses no *Aninga !*

A cabocla, de pé, torcia as mãos num agradecimento. Chico Antonio dava-lhe as costas, imponente e dominador, acenando para os irmãos, afastando para a nuca o

chapéo de *múrúmúrú*, soberbo e sério. Mas nesse momento surgiu á porta, arredando a mulher espavorida, o José Honorio, pallido, a physionomia decomposta, os olhos de tigre fuzilando, mais verdes, mais sanguineos. Varou para o terreiro e gritou :

——Pois eu estou aqui. Que é que Você quer commigo ?

Chico Antonio tomou um susto ao ver a cara feroz do cearense; mas olhou para a cerca, viu os dois irmãos, replicou alto :

—— Eu vinha dar a surra que prometti. Não dou porque sua mulher me pediu de joelhos. Se não sahir do *Aninga*, apanha !

E alçou o cipó num gesto expressivo.

José Honorio bradou, correndo para a casa :

—— Espera ahi, caboclo miseravel !

A mulher quiz detel-o; elle empurrou-a brutalmente, allucinado. Entrou na sala, arrancou de um gancho da parede o chicote de *peixe-boi*, e voltou num salto para o terreiro. Chico Antonio ao vel-o romper para dentro, ia dar as costas novamente, sorrindo, tomado de desprezo por aquella bravata Mas sentiu passos e voltou-se espantado.

José Honorio não poude mais falar, nem mesmo gaguejar. Branco, desfigurado, louco

de furia, enfrentou o caboclo, e erguendo o *peixe-boi* flexivel e cortante, todos os musculos retezados — como se na ponta do chicote silvasse a honra do seu terreiro enxovalhado — vibrou a primeira chicotada, tirando-lhe o chapéo de *múrúmúrú* e cortando-o em cheio, de orelha a orelha, num golpe certeiro e rapido. Chico Antonio largou o cipó e levou as mãos ao rosto num urro de dor. José Honorio erguia e baixava o latego, violento, seguro, impetuoso, rosnando entre dentes :

—— Toma, cachorro ! Toma, bandido ! Toma, côrno !

Os açoites sibilavam no ar e desabavam pelo peito, pelos braços, pela cabeça do caboclo como uma saraivada de temporal. Por fim Chico Antonio estendeu-se no terreiro, torcendo-se, uivando, pedindo soccorro, todo o rosto e todo o peito escorrendo sangue.

Veio um dos irmãos, gritando, erguendo o grosso páu. José Honorio voltou-se, e agil, torvo, inexoravel, vergastou-o na face, de onde correu logo um vivo fio vermelho. O caboclo largou o cacete e fugiu ás carreiras, acompanhado pelo outro irmão que tremia ao longe encostado á cerca. José Honorio correu tambem, ainda os alcançou, ainda os retalhou pelas costas, sob o clamor de am-

bos, emquanto as camisas de *riscado* voavam em tiras, estrada afóra.

Chico Antonio aproveitou o momento e fugiu tambem pelo matto, aos guinchos, ganindo, pingando sangue.

O cearense voltava ao terreiro, arfando, o chicote suspenso, olhando os caboclos que desappareciam ao longe numa volta da estrada. Foi a mulher quem o conduziu para dentro, timida, mas com um sorriso de esplendido, incontido orgulho :

——Vá mudar a roupa, José. Você está todo salpicado de sangue.

Elle entrou docilmente, depoz o chicote ainda rubro no gancho da parede, mirando a sua sala, a sua casa, a sua mulher, sem comprehender como tudo aquillo, de repente, se tornava mais digno, mais elevado, mais seu, numa posse de conquistador que descobre um thesouro.

Tomou o banho, mesmo na cosinha, mudou a roupa e sentou-se á mesa, desafogado, respirando suavemente :

—— Ah ! Agora a gente pode almoçar socegado. Acabou-se tudo : aperto de coração, raiva, comida amargando na bocca. E' uma fome, Maróca ! Acho que foi da carreira atraz dos dois.

E fitando a mulher, que atarantada e submissa punha os pratos na mesa :

— Eu bem dizia que ainda havia de desencantar esses caboclos safados do *Aninga !* Eu bem dizia !

Almoçou, deitou-se, accendeu o cigarro, sorrindo, a recordar-se dos lances das surras. Na estrada batida de sól, na matta proxima, nas roças verdejantes, pairava uma quietude consoladora. Pela janella do oitão José Honorio, via da rede onde se emballava, o céo diaphano, e aqui e alli, no alto, voando serenamente, urubús descuidados. Toda a paz, uma paz illuminada e alegre, descia sobre a terra, como se o Creador de todas as cousas lançasse, das scintillações do seu throno, sobre a humanidade transviada, uma larga benção de luz e de bondade.

José Honorio sorria, fumava, sentia o coração desopprimido, a gloria de ser um homem, de viver, de dominar, de ter ao seu lado uma creatura pequenina e fragil que necessitava do amparo e da força do seu braço. Meditando e sorrindo, olhava a mulher que ia e vinha por toda a casa, e por toda a casa espalhava um encanto novo que elle desconhecia e que o perturbava. E bruscamente, como se comprehendesse, como se

uma restea de luz penetrasse na rudeza do seu cerebro, saltou da rede, foi á cosinha onde a cabocla lavava a roupa ensanguentada — e tomando-a nos braços, e erguendo-a do sólo, e apertando-a doidamente ao peito, falou, com os olhos humidos :

—— Tudo eu comprehendi agora ! Só agora ! Foi por sua causa que eu tive coragem. Eu queria vingar-me, mas tinha medo. E não sei como, quando vi Você ajoelhada no terreiro, pedindo misericordia, passou-me um clarão pelos olhos ! Se fosse o mundo inteiro, eu brigaria com o mundo ! Nem que morresse ! Nem que morresse, como homem, alli no terreiro !

Nhá Maróca deixava-se apertar, muda, sorrindo tambem, feliz, dentro daquella asphyxiante caricia.

* * *

O Major Isidoro foi com o Delegado de Policia abrir o inquerito, na manhã seguinte, em vista da queixa apresentada á autoridade pelos parentes do Chico Antonio.

Entraram primeiramente na casa do

José Honorio, que se preparava para sahir, com os apetrechos de pesca. Ao vel-os o cearense jogou a um canto a tarrafa e os anzóes:

—— Bom dia. Podem entrar.

O Major explicou o motivo da visita, e pediu uma mesa para escrever. José Honorio convidava-os para a salinha de jantar :

—— Os senhores desculpem. Eu só tenho mesmo a mesa da comida.

Gravemente o Major retorquia :

—— Serve.

O Delegado estirava uma folha de papel e perguntava os preliminares : nome, idade, profissão, etc. José Honorio, de pé, ia respondendo, numa tranquillidade risonha. Quando lhe pediram para contar o facto, disse alto, seguro, olhando o Major :

—— Elle veio aqui, com os dois irmãos, todos armados, dizendo que ia dar-me uma surra de *cipó-titica*. Então, sahi para apanhar, mas levei o meu *peixe-boi*. E surrei todos trez. Não matei todos elles a chicote porque não reagiram, e são uns covardes. E' só!

—— E não apanhou ? Perguntava o Major, espantado.

—— Não senhor, nem um beliscão ao menos. Nunca vi na minha vida uma gente tão frouxa !

O Delegado e o chefe politico estavam perplexos. José Honorio continuou a narrativa, explicando como debandara os caboclos; os gritos; as carreiras; os gemidos do Chico Antonio, pedindo soccorro. Terminou, sentou-se, esperou :

— Você não sahirá mais do *Aninga*, ouviu ? Dizia o Major Isidoro, de pé, a sahir.

José Honorio apanhava do chão a tarrafa e os anzóes :

— Eu ? Nem penso mais nisso. Com tamanho *peixe-boi !* Nem penso nisso ! Seu Major verá como tudo aqui vai andar direito. Agora quem manda no *Aninga* sou eu!

Levou-os até ao terreiro e partiu para a pescaria, ligeiro, cantarolando.

A casa do Chico Antonio fervilhava de gente. O caboclo e os dois irmãos gemiam ainda, na sala, deitados, com emplastros pelos corpos. Ao ver os dois homens, o Chico Antonio supplicou, bradando :

— Ai ! Seu Major ! Mande prender aquelle malvado que quasi nos mata. Nem sei como ainda estou vivo, meu branco !

O Major, no meio da sala, abria os braços :

— Mas Você não me disse que ia dar uma surra no José Honorio ? Não me disse ?

— Eu disse . . . eu disse . . . E fui mesmo . . .

— E então ? E então ? Perguntava o chefe politico, num assombro, sem comprehender.

Chico Antonio torcia-se de dores e olhava angustiado para os dois homens. Afinal, suspirando alto :

— Eu fui. Mas não tive tempo, seu Major. Não tive tempo ! Elle não deixou que eu désse. Era um vexame damnado ! Ai ! Meu branco !

O Major Isidoro abafava o riso no lenço. Voltou-se para o Delegado que sorria tambem, desenrolando a folha do almasso :

— Vamos, compadre. Rasgue a queixa desse caboclo semvergonha.

ZÉ AMANCIO

Muito antes de D. José Paravicini inaugurar desastradamente em *Puerto Alonso* — hoje *Porto-Acre* — a Alfandega e a Forca bolivianas, já os nossos patricios do nordeste haviam invadido essas terras fartas e desconhecidas, do Brasil e da Bolivia, a procura da *hevea*. E o Acre, o Xapury, o Yaco, o Chipamano, até as origens do Abunã, achavam-se desbravados, cortados de varadouros, povoados, com as barracas de *pashiúba* marcando vastas posses na vasta planicie.

Foi essa febril invasão dos brasileiros do nordeste que despertou os receios e a cubiça do governo boliviano, e o fez enviar para as incertas fronteiras dos dois paizes aquelle espalhafatoso e imprudente D. José Paravicini, com a sua *Aduana*, o seu *fuerte ejercito*, e sobretudo a "*su temeridad para hacer recular los brasileiritos*" !

Mas os *brasileiritos* não recuaram, máu grado o desejo do Presidente da Bolivia e contra a espectativa de D. José Paravicini. Ao contrario : ergueram, mesmo ao pé da *Forca* affrontosa e lugubre, um tremendo berro de revolta, que estrugiu pelos seringaes como um furacão que reboasse num ermo.

Em poucos dias organisou-se furiosamente a "*Junta Revolucionaria de Caquetá*", —cellula mater de toda a epopéa acreana, que terminou no *Tratado de Petropolis*. Emissarios ardentes percorriam todos os recantos, em violentos rebates, conclamando as hostes improvisadas para o fragor da vindicta. E Placido de Castro, delegado dos seringueiros do Xapury, deixava *Capatará*, assumia o commando das forças, organisava o primeiro batalhão de infantaria e installava o *Quartel General* no barracão de "Liberda-

de". Tudo isso se fizera de um folego, bruscamente, numa rajada de odio que crepitava como um incendio.

O governo boliviano, entretanto, como se previsse a desforra dos *brasileiritos*, concentrava nas cidades proximas o melhor dos seus exercitos, e aguardava apenas a primeira hostilidade para cahir-lhes em cima como sobre uma presa desejada e fragil. Aquellas arruaças de seringueiros incultos, armados de carabina Winchester, sem ordem, sem disciplina, sem mantimentos, seriam jugula-das com presteza.

Contava-se com sessenta homens quando as forças bolivianas, com um effectivo de cento e cincoenta soldados, acamparam a 18 de Setembro, na *Volta da Empreza*, quatro horas acima de *Liberdade*.

Placido de Castro não quiz esperar o ataque e o cerco ao *Quartel General*. Partiu com os sessenta seringueiros e travou destemidamente o combate. Depois de uma lucta em que os bolivianos tiveram surprezas inauditas e soffreram revezes amargos, o grande caudilho foi, emfim, derrotado. Mas retirou-se com a sua gente, em ordem, com armas e feridos, e um punhado de prisioneiros. Rapidamente preparou cem

homens, e foi bater-se de novo, a 5 de Outubro, com uma tenacidade e uma audacia que perturbaram o inimigo. O exercito boliviano recebera reforços, e preparara-se cuidadosamente, deixando de vez a jactancia e a mofa. Esse recontro durou dez dias. Nelle o guerrilheiro gaúcho desenvolveu toda uma formidavel estrategia, que desorientou o adversario arrogante. Premida, cercada, batida por todos os lados, a força da Bolivia capitulou, entregou-se toda, a 15 do mesmo mez. E o chefe revolucionario foi recebido em *Liberdade* no meio de acclamações delirantes.

Desde essa batalha Placido de Castro foi vencendo quasi ininterruptamente : venceu em *Papiry,* venceu na grande lucta de *Porto-Acre,* venceu sempre, em multiplos combates, como um fulgurante genio da guerra.

* * *

Zé Amancio teria vinte e cinco annos e era seringueiro no Acre, quando estalou a revolução.

Timido, franzino, inalteravel, não sentiu

enthusiasmo por aquelle furor patriotico que vinha tão desabridamente arrancar-lhe a paz e o sustento. Todo o serviço estacara de subito; todas as attenções convergiam para a represalia; e homens e munições e mercadorias e armas desciam ou subiam para *Liberdade* numa pressa feroz.

Zé Amancio ficara na sua barraca, á beira do rio, pasmado para aquelle alvoroço, encolhido no seu temor, caçando e pescando. Os companheiros sacudiam-n'o, interpellavam-n'o, tentando arrancal-o da mudez e da indifferença :

—— Mas, Zé Amancio, isso é audacia desses *gringos !* A terra é nossa !

Elle encolhia-se ainda mais e estirava o beiço, aborrecido :

—— Sei lá . . . Isso aqui é o fim do mundo. Não tem dono.

E ficava a scismar, insensivel, amollentado, inerte, olhando a matta e o rio, agarrado á sua duvida.

Deu-se o primeiro combate da *Volta da Empreza,* onde foi rudemente provado o destemor patricio, numa batalha em que houve grandes perdas dos dois lados, e em que sessenta rapazes inexperientes, armados de rifles, enfrentaram cento e cincoenta homens

disciplinados, com carabinas *Mauser,* sob o commando de um official valente e habil. A derrota dos seringueiros abalou, entretanto, a alma fria do Zé Amancio, — tal foi a bravura dos voluntarios de Placido. E abalou-a ainda mais no dia em que chegou á sua barraca, manquejando, o seu companheiro de dois annos, Antonio Secundo, ferido na coxa.

Zé Amancio amparou-o, agasalhou-o na rede, commovido :

—— Ahi, o que Você queria, Secundo ! Eu bem lhe disse . . .

O ferido estirava a perna, gemendo :

—— Pois não estou arrependido; e sarando hei de voltar logo pra *Liberdade.*

Zé Amancio coçava o queixo, assombrado :

—— Sina triste, a sua : morrer nas mãos dos *gringos,* na guerra !

Mas ansioso por saber como se dera o recontro, pediu, sentando-se ao lado do companheiro :

—— Conte como foi, Secundo. Eu queria saber.

Antonio Secundo, mais alliviado, tomou uma caneca dagua e falou :

——Parecia que a força não esperava a

nossa gente. Fomos chegando pra perto, de gatinhas, observando. Elles estavam comendo e rindo e falando na lingua lá delles. De repente uma sentinella deu o signal de alarme disparando a espingarda. Nós não esperámos pelo resto : barrámos fogo e avançámos depressa, á ordem do Coronel Placido, que ia na frente. Mas nesse momento, do lado esquerdo, uma descarga damnada derrubou cinco ou seis dos nossos, uns mortos, outros feridos. Do outro lado, do direito, outra descarga liquidou outros cinco. Estavamos cercados !

—— Nossa Senhora ! Bradava Zé Amancio, de olhos arregalados, sem respirar.

Secundo deixou passar a exclamação e proseguiu :

—— Nem sei como ficámos vivos entre os dois fogos. Pra mim o que nos salvou foi elles não terem pontaria ! Mas antes que os *gringos* nos cercassem por todos os lados, o nosso commandante deu ordem de retirada, aguentando o fogo, com uma calma como nunca vi. Ah ! Coragem chegou alli, ficou ! Aquillo é que é homem, Zé Amancio !

—— O Coronel Placido ?

—— Elle mesmo ! Num instante recuámos, e quando os brutos pensavam que fu-

giamos com medo, o commandante torceu á direita, tomou a frente da nossa tropa, e de rifle na mão deu ordem de avançar acelerado para uma das trincheiras. Nós, então, arrancámos a toda. De vez em quando cahia um dos nossos, mas lá chegámos e botámos os bichos por terra, corpo a corpo, a coice de rifle e a ponta de faca. Morreram muitos, outros correram, e tomámos conta do buraco cheio de defuntos. O inimigo, porem, não desanimou, e preparava-se para cercar-nos de novo. Era um horror ! Iamos morrer naquella trincheira, de bala ou de fome !

Outra pungente exclamação partia da garganta do Zé Amancio, que torcia as mãos angustiado.

Secundo continuou com o mesmo enthusiasmo :

—— Comtudo, o nosso commandante não esmorecia. Deu uma ordem. Partimos todos, abrimos uma brecha no meio delles e fugimos para o campo largo, no meio do matto. Nessa arrancada abatemos uns poucos, porem perdemos muita gente. O Coronel Placido ia preparando a retirada, recolhendo os feridos, sustentando o fogo de longe. Pois foi nesse foguinho besta que uma bala me atravessou a coxa. Cahi logo, alli

mesmo, mas o Coronel agarrou-me pelos braços e foi levando-me para traz de um páu, debaixo da fuzilaria. Foi elle quem me salvou ! Não o deixo mais nunca ! E' só sarar, voltarei para *Liberdade*. Felizmente a bala não offendeu o osso, e a ferida vai fechando.

Fitou Zé Amancio bem no rosto e perguntou :

—— E Você, companheiro ?

Zé Amancio baixava os olhos, acabrunhado :

—— Eu ? Não sei. Ando tão doente... E' uma canceira nas pernas . . . Uma tristeza no coração . . .

Secundo olhava-o fixamente, como se duvidasse da doença e da canceira do camarada. E sem mais palavras se agasalhou na rede para dormir.

* * *

Zé Amancio sentiu o olhar desconfiado e vivo do ferido. Baixou os olhos, pensativo, como se resolvesse o mais negro caso da sua vida. Considerava : todos os dias passavam

pela sua porta bandos e bandos de seringueiros que iam alistar-se nas fileiras da Revolução, alegres, cantando, como se fossem a uma romaria de arraial. Os seringaes estavam despovoados. Os patrões armavam-se e corriam ao *Quartel General,* num largo desprendimento de bens e de vida. Dizia-se que se os acreanos perdessem, os *gringos* tomariam conta de tudo aquillo, a chicote, com vinganças ignobeis : — fuzilamentos, depredações, deshonras de virgens, e as *Forcas* de D. José Paravicini espalhadas, armadas em cada volta de rio, estrangulando brasileiros !

Levantou-se com esse sinistro pensamento. Foi á porta da barraca, relanceou o olhar pelo rio, pela matta, sentindo o amargor da invasão, o dominio dos bolivianos, a infamia dos vencedores, o latego de D. José arrancando retalhos sangrentos. Antevia no seu pobre cerebro a sombria catastrophe — a expulsão ou a escravidão ! Era, pois, necessario (custasse embora o sangue de todos os seringueiros) repellir aquella horda barbara, esmagal-a, jogal-a para longe do Acre, sem piedade, brutalmente, como uma caçada a feras hediondas.

Mas como ? Esperando os recursos e a attenção do Governo ? O Acre, porem, era

tristemente longinquo, e o Governo vivia sempre distrahido com a politica a enrodilhal-o ! Seria um desastre esperar um gesto desses alegres poderes do Sul ! Demais, o Norte fôra em todos os tempos um engeitado, um malsinado, uma simples figura geographica ! Havia apenas o seringueiro; unicamente o seringueiro e o seu rifle e a sua loucura !

Tomava-o uma covardia invencivel, um medo que lhe esfriava a alma e lhe dava tremores vis de sezões. Vagueou pelo barranco, arripiado, amarrotando nas mãos o velho chapéo de carnaúba, numa indecisão atroz. O seu proprio patrão, um homem velho e pacifico, seguira a offerecer recursos e homens á Junta Revolucionaria. Muitos dos seus companheiros entraram no primeiro fogo; os outros iam partindo, aos grupos, furiosos com a derrota da *Volta da Empreza*. Só elle alli estava, sempre no matto, caçando, vagando á tôa, receioso de permanecer na barraca, a ouvir pilherias dos que passavam, chacoteando-o. No dia anterior subira um bando de seis rapazes. Elle estava no *porto* lavando a roupa, e um delles, o que ia na prôa da embarcação, perguntou-lhe, indignado :

—— Você não vai tambem, patricio ?

Rosnou um "não", de cabeça baixa. Logo outro bradou, sorrindo, escarnecendo :

—— Vá ao menos lavar a nossa roupa, amarello ! Vá ser lavadeira em *Liberdade !*

De subito Zé Amancio corou, envergonhado, lembrando-se de outra scena identica — outro desaforo atirado por um mulato que com alguns seringueiros passara tambem, havia dias, numa *igarité* toda enfeitada de ramos, cantando um *côco,* rumo do *Quartel General.* Elle estava no barranco, de cócoras, assando uma coxa de veado. O mulato deixou o remo, ergueu-se, suspendendo o canto :

—— Tenha sentimento de gente, empalemado ! Vá defender a nossa terra. Tenha vergonha !

Zé Amancio sentiu no rosto o insulto, como uma chicotada. Voltou, então, á barraca, decidido. Era impossivel viver assim, sob tão duros ultrages ! Antes a morte !

O seu companheiro não dormira ainda. Elle disse-lhe tristemente, como se arrancasse do peito uma cinta de chumbo :

—— Quer saber, Secundo ? Eu tambem vou para a guerra, amanhã !

Secundo sorria e approvava a sua deci-

são. Não se incommodasse com elle, que iria tambem, no dia seguinte, para o barracão, tratar do ferimento.

* * *

Zé Amancio foi ferido, logo no primeiro recontro, quando defendia com dois companheiros um posto avançado. Haviam-se entrincheirado numa excavação, no meio da matta, feita pelas grossas raizes de uma arvore cahida havia tempos. Era um excellente ponto de observação, num teso alto, domi nando uma *capoeira* rala onde fôra uma roça boliviana. Commandava-os um seringueiro astuto e valente, o Antonio Ruivo, homem de quarenta annos, forte, vermelho, com um estrabismo convergente que apavorava. Zé Amancio fôra escolhido para essa commoda vêdêta, casualmente, ao chegar á *Liberdade,* no momento em que um grosso batalhão de voluntarios partia para o alto Acre.

Passaram dois dias na trincheira, chalaceando, fumando, dormindo; e julgavam, afinal, que nem seriam descobertos naquella tóca magnifica, nem as forças da Bolivia passariam por alli.

Mas no terceiro dia uma guarda inimiga surgiu inesperadamente ao fim da *capoeira*, á tardinha. E atacou-os, e despejou sobre o reducto uma fuzilaria terrivel !

Zé Amancio sentiu um desenfreado pavor ! Era um frio, um desanimo, um tremor por todo o corpo, sobretudo nas pernas, que vergavam desgovernadas. E pallido, desfigurado, mudo, mal podia suster sobre a borda do buraco o rifle, que disparava a esmo, quasi inconsciente.

A guarda boliviana avançava. Ora agachando-se, ora aos saltos, ora rastejando entre os arbustos, approximava-se da trincheira pouco a pouco, atirando incessantemente. Devia estar a cento e cincoenta metros de distancia, apenas. Zé Amancio contava os soldados, tremulo, com os interminaveis calefrios pelo corpo. Contou dez homens, afóra o commandante, um sujeito alto, escuro, destemido, que não se resguardava dos tiros, e apparecia sempre á frente dos seus soldados, animando-os, dando ordens rapidas e atirando.

O seu terror cresceu tanto que, num instante de desvario, largou a arma, falou ao Ruivo, vacillante e livido :

—— E' melhor nos entregarmos logo ! Somos trez contra onze. Não é vergonha.

Antonio Ruivo voltou-se, os olhos de estrabico fuzilando :

—— Se nos rendermos seremos todos fuzilados ou enforcados pelos *gringos*. E se tentar fugir, eu o matarei para não ser covarde. Escolha !

Zé Amancio, estupefacto, vendo a morte em qualquer hypothese, calava-se, desnorteado. O outro companheiro, que ouvira a proposta de rendição, intervio :

—— Vá para o seu canto, camarada, e veja se pode segurar os tiros. Coragem, homem ! Nós não estamos perdidos !

Antonio Ruivo, implacavel, ordenava :

—— Depressa ! Para o seu posto. Vamos liquidar esses diabos todos, ou morreremos aqui, como homens.

Zé Amancio voltou ao seu logar, cabisbaixo. Encheu o rifle de balas, e mais animado com a audacia dos companheiros, começou a atirar.

Duas horas durou o infernal tiroteio. A *capoeira* em frente acamava-se, estraçalhada pelos projectis de ambos os lados. Só as arvores maiores resistiam, intactas, firmes, como testemunhas impassiveis da peleja ve-

hemente. Pelo céo grandes nuvens pesadas surgiam, interceptando o sól e espalhando pela terra uma sombra presaga. De vez em quando fulgia um relampago, e trovões rolantes retumbavam por toda a abobada. Eram quatro horas da tarde, mas a natureza envolvia-se na penumbra e na paz de um crepusculo.

Zé Amancio perdera a consciencia de tudo; via apenas o céo negro, o clarão dos relampagos, o surdo fragor dos trovões, a natureza em torno morrendo na sombra e no terror. E ouvia nos ares, perpassando sobre a trincheira, cortando o espaço, o silvo das balas que passavam sinistramente, como invisiveis portadoras da morte.

Os soldados bolivianos, contidos pelas descargas da trincheira, estacaram. Porem, de subito, os trez rifles calaram-se, e foi Zé Amancio que declarou em primeiro logar ao commandante :

—— Não tenho mais munição. Vou dar a ultima descarga.

E numa resignação de moribundo que perdeu toda esperança :

—— Deus tenha piedade de nós !

Cahiu de joelhos, chorando, rezando

O outro companheiro secundou-o, arrojando para o lado o rifle quasi em brasa :

—— Tambem já queimei a ultima bala. Mas vou vender caro a vida

Arrancou da cintura o punhal afiado, segurou-o com phrenesi pelo cabo de chifre e concluiu :

—— Pelo menos dois *gringos* hei de atravessar com este.

Antonio Ruivo não perdeu a serenidade, e ordenou a Zé Amancio :

—— Guarde esses ultimos tiros. Eu tambem estou sem munição. Ouçam as minhas ordens : os *gringos* já viram que nós não respondemos ao fogo. Naturalmente julgam que não temos nem mais uma bala, e irão nos dar um assalto a baioneta. Pois bem — quando elles estiverem perto daremos a ultima descarga. Quantas balas tem Você, Zé Amancio ?

—— Doze.

—— Fique com seis; as outras são minhas.

Carregou o rifle, e continuou, com a mesma serenidade :

—— Com esses doze tiros nós derrubaremos uns trez ou quatro homens. Devemos fazer pontaria bem segura no commandante.

Talvez disso dependa a nossa salvação. Veja lá, Zé Amancio ! Não tenha medo; segure a pontaria. Mostre agora que é um homem !

Zé Amancio enxugou os olhos e sentiu um certo animo ao ver a attitude do Ruivo :

—— Hei de atirar com pontaria, fique socegado. O medo passou.

Os bolivianos, que já tinham perdido dois homens, caminhavam cautelosos, rastejando, atirando. A uns cem metros da trincheira ergueram-se de repente e correram em linha numa carga cerrada e feroz. Zé Amancio rapidamente atirou. Cahiu o commandante, baleado, e logo em seguida uma praça tomou a frente da força, substituindo-o. Mas uma bala do Antonio Ruivo attingiu-o, deitou-o por terra, estatelado. Outra praça tombava em seguida. Desorientados, os soldados bolivianos recuaram um pouco, abandonaram as posições. Foi nesse momento que Zé Amancio, ao detonar a sua ultima capsula, de pé, sentiu uma pancada secca no hombro. Cahiu de costas, inteiriçado, horrivelmente pallido, como se um raio o fulminasse.

Nesse instante o rifle do Antonio Ruivo abatia outro inimigo. Então, a tropa boliviana, tomada de assombro, correu, debandou-

se, numa desordem furiosa atravez da matta que escurecera.

A' noticia da debandada, Zé Amancio erguia-se estonteado, e os trez homens abraçaram-se doidos de alegria, sob a chuva que desabava, afinal, estrondando por toda a floresta.

* * *

Zé Amancio curou-se rapidamente do seu pequeno ferimento no hombro, e tornou-se depois um dos homens de confiança de Placido de Castro.

Entrou em varios combates, já experimentado, sorrindo, fazendo questão de segurar a pontaria "para ver a queda". E era um prazer estranho, picante, voluptuoso, que sentia sempre ao ver o baque de um *gringo* attingido pelo seu rifle. Por fim essa volupia da morte absorvia-o tenazmente. Muitas vezes sahia sósinho, alta noite, coberto de folhas verdes, e ia procurar as sentinellas avançadas dos batalhões bolivianos. Espreitava-as com os olhos ávidos, a bocca a espumar, as narinas vibrando, num espasmo de goso. Aguardava um momento propicio,

agachado nas moitas visinhas. Nessas occasiões levava apenas o punhal enorme, de dois palmos de lamina, seguro febrilmente na mão direita. Num instante saltava sobre a sentinella cravando-a a punhaladas brutaes que atravessavam o peito e o ventre. Ficava, então, a sorrir, junto ao cadaver, numa insania delirante.

Uma vez, já nos fins da Revolução, chefiando um grupo de seringueiros, tomou uma trincheira boliviana que içara a bandeira branca, rendendo-se. Fuzilou os oito soldados que a defendiam, friamente, perversamente, sorrindo a cada baque de corpo. O ultimo da fila era o commandante, um moço pallido, magro, sério, que ao ver a morte dos seus soldados invocava as proprias leis da guerra e a piedade para os vencidos.

Zé Amancio não lhe respondeu. Mirou-o de alto a baixo, e mandou seccamente que tirasse o *kepi*. O moço obedeceu com uma grande esperança. Zé Amancio examinava-lhe a fronte alva e serena, e dizia em torno aos seus commandados :

——Bôa para a pontaria. Vocês vão ver.

Levou o rifle ao rosto, lentamente. O

moço pallido beijava uma photographia que tirara do bolso, e as lagrimas desciam-lhe pelas faces numa dolorida, torturada saudade.

Zé Amancio apontava tranquillamente, com uma expressão de immensa alegria no rosto amarello. Então, o rapaz, apertando ao peito a photographia, pediu, num longo, lancinante soluço :

— Piedade, senhor ! E' minha noiva !

O tiro partiu, certeiro.

Engano de Rumo

A casa do capitalista Celestino Tavares era um delicioso refugio nos mezes de verão amazonico. Não a casa, propriamente, porque essa, em conjuncto, desde a sala de visitas até a cosinha, era um ornamentado e elegante forno crematorio. O que constituia a delicia incomparavel era unicamente o terraço — um pequeno terraço nos fundos, ao fim do corredor, alto, de cinco metros quadrados, cercado por um gradil de ferro onde se enroscava, graciosa e fresca, uma *boa-noite* florindo.

Celestino tinha um orgulho patriarchal e terno dessa adoravel dependencia da sua

casa, e solteiro, sem familia, sem ligações, dedicava a esses cinco metros quadrados um carinho que era filial e paterno ao mesmo tempo. Regava a trepadeira, pintava o gradil, collocava alegres columnas, onde reluziam *cache-pots* prateados abrigando tajás rarissimos.

Toda a cidade podia gemer abafada, flagellada pela violenta canicula. No terraço providencial do capitalista havia sempre uma brisa fina, ligeira, permanente, que bafejava numa esquiva caricia. Por isso, todas as noites, trez ou quatro amigos iam pedir-lhe a misericordia de um pouco de aragem e o café. E Celestino, naturalmente prodigo, offerecia o café, e palestrava com facilidade.

* * *

Por uma noite de Setembro, quieta e morna, o Dr. Luiz Fernandes partiu meio asphyxiado para o terraço bemdito. Lá chegou e por lá se estirou, como lhe era de habito, numa poltrona de vime, ampla e suave como uma cadeira abbacial, (Celestino pos-

suia quatro dessas poltronas magnificas !) a respirar, com o sorriso dos bemaventurados, a frescura do recanto aprazivel.

No rio escuro, que a noite mais escuro tornava, passavam aqui e alem fugitivas lanternas de *montaria*. Na emboccadura do Igarapé estacionava um *café-fluctuante*, illuminado como um navio, com o pharol de bombordo scintillando rubro e vivo na escuridão. No bairro em frente as casas derramavam pelas janellas abertas a luz vermelha dos candieiros de petroleo. De uma canôa fundeada na *Ilha de Monte Christo*, partia um canto que se perdia nas trevas, dolente e baixo.

Nessa noite outros amigos chegaram, sentaram-se e ficaram espapaçados, calados, pensativos, varando com os olhos a negrura espessa, talvez atacados da nostalgia que invade toda gente nas noites amazonicas, quando a solidão, o rio e a floresta são tão grandes e tão tenebrosos que o homem se sente mais humilde e mais fragil que um verme. Mas Celestino, de genio irrequieto, e habituado desde creança a esses scenarios empolgantes, detestava os longos silencios. Rompeu-o, emfim, erguendo-se, abrindo rijamente os braços, num protesto contra a

inercia e o mutismo dos seus amigos. E escancarando a bocca num immenso bocejo :

— Diabo ! Vocês hoje estão funebres. Já querem o café ?

— *All rigth !* Respondeu logo o Dr. Guedes, estirando as pernas, noutro bocejo.

Os outros concordaram solicitos, antegosando o perfumado café do Celestino.

Esse Dr. Guedes, do *all rigth* — Antonio Ferreira Guedes — era o mais constante frequentador do terraço, e o mais interessante. Advogado, negociante, politico, meio litterato e quasi agricultor — porque o Amazonas é fertilissimo nesses desdobramentos da personalidade — vivia no Estado havia quinze annos, e formara aos poucos, com alguma honestidade e desmedido trabalho, um peculio decente. Nascera na Parahyba e extrahira negligentemente a sua carta de bacharel em Pernambuco. Até ahi, porem, a sua existencia fôra mais frivola e mais vasia que a de um profissional de elegancias. Depois emigrou para o Amazonas, e revelou-se !

O Dr. Guedes adorava a terra adoptiva que o transformou e o enriqueceu. Todavia accusava-a ferozmente pelos seus defeitos sociaes, moraes e physicos. O calor, sobretudo, ennervava-o, azedava-lhe os dias, co-

bria-o de suores e enfurecia-o a todo momento, numa neurasthenia cruel. A' noite, socegava; engulia o jantar do restaurante e subia áquelle divino terraço do Celestino, enfiando pela casa a dentro, abatendo-se numa das poltronas de vime e deixando-se ficar horas seguidas, desabotoado e espichado, gosando a viração que vinha do rio. A's vezes contava uma historia, uma curta anecdota, peripecias das suas innumeras viagens pelo interior, ou algum caso politico. Era intelligente e magro.

Os outros frequentadores dessa noite eram o Major Tiberio, funccionario publico do Estado, com quarenta annos de idade e uma expressão physionomica de dois seculos de desillusões; o Dr. Estevam Rodrigues, Juiz de Direito em disponibilidade, e o Dr. Luiz Fernandes, que iniciava a sua carreira de medico, cheio de paciencia e de calotes.

Quando surgiu o café começou a palestra. Lentamente, entre o Major e o Juiz arrastava-se uma conversação molle e triste, aparteada pelo Celestino, que da sua independencia de capitalista fulminava os governos, accendendo um charuto :

—— Uma corja ! Uma corja é o que elles são. Fiquem Vocês sabendo !

Mas os dois homens, velhos e miseros credores do Estado, tinham receio dessas expressões de altivez, e murmuravam defesas sinuosas, lamentando o atrazo de oito mezes de vencimentos. Celestino detestava aquellas baixezas, aquelles modos encolhidos e covardes dos seus dois amigos; e batendo no hombro do Dr. Guedes, continuava :

—— Porque Vocês não fazem como o Guedes ? Porque não seguem o exemplo do Guedes ? E' livre, tem o seu sacco sempre cheio, não precisa dessa corja. Sabem o que é isso ? E' falta de coragem ! E' medo de ganhar a vida !

Ante a logica feroz os dois amigos emmudeceram succumbidos. O Dr. Guedes explicava que nem todos possuiam a tendencia para o trabalho e a economia. Depois, foi direito á sensibilidade do amphytrião :

—— Nem todos, Celestino ! Nem todos podem passar os máus pedaços que eu e Você temos passado, arriscando a vida por esses mattos bravios do Amazonas. São raros ! E só assim, viajando, commerciando, luctando, soffrendo, num desprezo absoluto pela vida, se pode chegar á sua posição. Só assim, ou então, associando-se á politica, traficando, roubando, no meio da corja !

Lançou as ultimas palavras, com emphase, o indicador erguido para o céo estrellado — testemunha perpetua das luctas do Celestino pelo valle sombrio.

Sensibilisado, o dono da casa obtemperava mais brando :

— Lá isso ... Bem poucos como nós ... Mas podemos mandar para o diabo essa peste de governo !

— Ha consolações—resmungava o Dr. Guedes. Temos a independencia e bons casos para contar aos amigos. Agora mesmo estou a lembrar-me de um que se deu commigo no *Canumã*. Foi o mais engraçado e o mais tragico. Quasi perco a vida naquelle rio!

Livres da impertinencia e dos furores politicos do Celestino, os dois amigos — o Major e o Juiz — pediram logo o *caso* do *Canumã*. E o Dr. Estevam insistiu com interesse :

— Vai contar-nos esse episodio tragicomico. E' melhor do que estarmos aqui estragando com discussões essa rica frescura.

— Venha o caso — bradou o Dr. Luiz Fernandes, do seu canto.

— Vamos lá, Guedes. Conte-nos isso bem contado — pediu Celestino, num sorriso de paz.

* * *

O Dr. Guedes accomodou-se na sua poltrona, estendeu as pernas para o gradil de ferro, e começou :

Ha cinco annos fui ver um castanhal devoluto que havia requerido, por compra, ao Governo do Estado. A castanha subira inesperadamente de preço, obtendo cotações phantasticas, allucinantes, de oitenta, noventa mil réis o hectolitro ! Era a fortuna ! Nem a borracha no ápice da sua gloria de dezoito mil réis o kilo, lançara por esses rios tanto furor. Não resisti á tentadora opportunidade, e lá fui. O castanhal era no rio *Acary,* um dos affluentes do *Canumã.* Nesse tempo, o *Canumã* ainda não fôra explorado, e desconheciam-n'o os proprios seringueiros que o subiam em demanda das terras altas e ricas do *Sucundury.* No baixo rio havia uns restos da antiga Villa e algumas barracas de caboclos. No alto, nada. Era a solidão.

——E como Você descobriu essa mina ? Perguntava, curioso, o Celestino.

—— Primeiramente, — respondia o Dr. Guedes — lendo o livro de Madame Coudreau, *"Voyage au Canumã"*; depois, por informações de um sujeito do Madeira. Como ia dizendo, o rio era quasi desconhecido, e apenas habitado pelos indios *Mundurucús*, já mansos, falando a nossa lingua, mesmo nas Malócas do *Paráuá*, do *Mapiá* e do *Manicoera*, situadas na margem esquerda. A viagem foi horrivel. Desembarcámos, eu e mais dois remadores, na emboccadura do *Paraná do Urariá* — um paraná estreito e comprido por onde penetram as aguas do Madeira em certos mezes do anno, e desemboccam as do *Canumã* nos mezes restantes. Arranjámos uma canôa, e partimos. O paraná recebia nessa época as aguas do *Canumã*, e corria contra nós como uma cachoeira. Subiamos ás pollegadas, ora varejando nos baixios, ora a forquilha e a gancho, pelas margens. Quem conhece a tortura, o supplicio, o perigo dessas viagens, é que póde comprehender o que é isso ! Depois de um dia inteiro de sól, de chuva, de lucta contra a *corredeira* infernal, os meus remadores cançaram; cançaram, e tivemos de passar toda a noite no meio da maior praga de carapanãs que eu já vi em

oito annos pelo interior do Amazonas. Supportámos esse martyrio sentados na *montaria,* em frente a um barranco alto e vermelho, batendo pés e mãos num desespero louco. Pela madrugada era tanta a fadiga que dormimos sobre os bancos da embarcação, sangrados pelos malditos insectos. Ao amanhecer tinhamos os corpos de quem leva uma surra de *tiririca !* Quando me lembro dessa noite !

O Dr. Guedes accendeu um cigarro e proseguiu o martyrologio, emquanto os seus amigos revelavam immensa piedade daquelles soffrimentos.

— Nesse dia — continuou — com um esforço incrivel, horrorisados com a espectativa de outra noite naquelle paraná do inferno, attingimos o *Canumã,* á tardinha. Fiquei deslumbrado, meus amigos ! Nunca vi um rio tão lindo, tão largo, de aguas tão claras ! Ambas as margens eram altas, recortadas em graciosas enseadas, onde surgiam de vez em quando praias enormes, pontilhadas de araçazeiros. O que me impressionava era que esse rio extenso, profundo e amplo, não tivesse uma fóz correspondente a essa extensão, essa profundidade e essa amplitude. Mas já me havia dito um Capitão de Cor-

veta, muito illustre e muito distrahido, que esse rio é um interessante phenomeno hydrographico. E o Capitão levou-me toda uma tarde em explicações que me arrasaram, abusando vilmente da minha ignorancia fluvial. Descançámos essa noite e todo o dia seguinte numa praia, gosando a delicia do rio sereno e vasto, sem mosquitos e sem correnteza. Tomei um pratico, um *Mundurucú* já velho, calado e desconfiado, que se chamava Joaquim.

Celestino, sempre curioso, interrompia o bacharel e pedia informações :

—— Muito longe o rio *Acary,* Guedes ?

—— Uns dez dias de remo. Nesse mesmo dia da partida apanhámos um temporal damnado. Nem sei como escapámos do naufragio ! Um milagre ! Aquelle rio tão manso, tão claro, tão lindo, tinha emboscadas tremendas : bastava um vento mais fresco para tornal-o furioso, bramindo, como vagas de oceano. No dia seguinte, em frente á fóz do *Mapiá,* batemos numa pedra e a *montaria* furou-se na prôa. Com difficuldade tapámos o rombo com estopa e breu do matto. Partimos, e mais adiante, a pedido dõ pratico, encostámos no *Manicoera,* na Maloca do *Tucháua* José. Ahi refiz o rancho de

bordo. Era uma pobre Malóca, com uns cincoenta indios, feios, maltratados, seminús, atrophiados de corpo e de intelligencia, como o derradeiro residuo de uma raça. Mas lá encontrei uma india cuja belleza sobresahia bruscamente no meio daquellas carantonhas de degenerados. Era baixinha, gordinha, de um moreno doce na face redonda, e com uma tentação singular nos olhos negros —olhos que me fitavam com expressiva insistencia. Resisti á tentação, pensando unicamente no preço da castanha e eliminando do cerebro todo desejo que não fosse o do lucro. Quando eu ia embarcando, rumo do *Acary*, ella veio á praia trazendo na mão um filhote de jacamin, que me offereceu, perguntando, num sorriso refulgente :

—— " Branco volta ? "

—— Respondi, logo, enfeitiçado, que voltaria. Segui cheio de saudade, arrependido da minha pressa e da minha ambição. Apanhámos outro temporal nesse dia á tarde, e ao voltar-me para pedir ao Joaquim que nos indicasse um igarapé ou um *furo* para nos abrigarmos, vi que elle havia abandonado o *piloto*, e sorria bestificado, embriagado, a delirar. Rapidamente tomei o governo da canôa, enfiei para a margem onde por fe-

licidade encontrámos um *furo*. Nelle metti a embarcação, e depois de abrigados, descobri que o desgraçado indio estava sob os effeitos narcotisantes da *Diamba*, que arranjara na Malóca e fumava na pôpa, encoberto pelo *japá*. Vejam Vocês que pouca sorte nessa viagem !

—— Que azar ! — murmurava o Major Tiberio, penalisado. Que azar !

—— Azar ! Puro azar ! Clamava o Dr. Guedes, cruzando as pernas magras. Toda a viagem foi assim : cheia de contrariedades, de perigos e de sustos. Emfim, chegámos ao maldito castanhal. Armei um *tapiry* e ganhei a floresta. Trez dias passei percorrendo as terras e observando o numero de castanheiras. Voltei. Ao sahirmos do *Acary* adoeceu de febres um dos meus rapazes. No dia immediato, o outro, ao amarrar a *montaria* para dormirmos, levou uma estrepada na mão direita. Accommodei os dois remadores debaixo do *japá*, e peguei no remo com o Joaquim. Descemos assim até o *Manicoera*, a ver se por lá encontrariamos algum remedio, porque a sezão não passava, e a espetadella da mão inflammara estupidamente. Na Malóca o *Tucháua* José offereceu-nos agasalho e remedios do matto.

Mas, ahi, meus amigos, começa a tragédia ! . . .

Celestino, de escandalisado, pulou da cadeira :

—— Tragédia ? Ainda ? Ora essa ! . . .

—— Ainda, — suspirou o Dr. Guedes. Ainda ! A comedia vem depois. A india dos olhos diabolicos (chamava-se Maria) olhava-me com uma insistencia que me envaidecia, aquecendo-me o sangue resfriado por tantos tormentos. E começou o namoro — um namoro bucolico, quasi ingenuo, de sorrisos e olhares, como os do tempo antigo. Porem, por mais ingenuo que fosse não poderia deixar de ser percebido; e foi justamente, desgraçadamente, o marido da Maria que o percebeu. O marido ! Vocês já viram um caso assim ? O marido perceber o namoro da mulher ? Já viram ?

O Dr. Guedes interrogava os seus amigos, com os olhos assombrados. O Dr. Luiz Fernandes respondeu noutro assombro maior :

—— Nunca ! E' originalissimo ! E' desconcertante !

—— E' incrivel ! Continuou o bacharel. O marido percebeu e damnou-se, e começou a olhar-me com uma desagradavel voraci-

dade de antropophago. Reparei no facto absurdo, e logo, decididamente, annunciei a minha partida para o outro dia. E nessa tarde, na tarde em que annunciei a minha partida, estava eu á beira do rio a tomar o meu banho, quando o dito marido surgiu de repente no barranco; e sem uma palavra, perdido, allucinado, espumando de ira, começou a atirar-me flechas sobre flechas, num delirio de louco, os olhos desvairados, o rosto em contracções, o arco retezado, vibrando com espantosa rapidez. As flechas passavam sobre a minha cabeça silvando o silvo da morte, e eu pensei que houvesse chegado o meu derradeiro dia de vida. Nesse indiscriptivel terror eu podia apenas mergulhar e uivar. Foi o que fiz, meus amigos. Era o que eu podia fazer !

—— Oh ! Exclamou o Celestino, atalhando-o.

Os outros nem respiravam, suspensos, espavoridos, como se as flechas do selvagem voassem pelo terraço, procurando a cabeça do Guedes.

Elle deixou passar a emoção e continuou :

—— Já no oitavo ou nono mergulho, quando eu, num momento de lucidez, me

approximava da *montaria* a ver se por lá encontraria o meu rifle — foi que me veio inesperadamente a salvação : — era o *Tucháua* que chegava no momento em que o indio maldito esticava o arco e procurava visar-me o peito. Então, vi o *Tucháua* chegar pé ante pé pelas costas da fera, e de subito, arrebatar-lhe o arco e fulminal-o com o olhar. O miseravel baixou a cabeça e voltou para a Malóca. Eu sahi do banho, alliviado, derreado, suspirando, e prompto para fugir immediatamente do *Manicoera*, do *Canumã*, da Malóca, daquelle perigo sem termo. Chamei o *Tucháua*, e mesmo nú em pello, disse-lhe que desejava partir sem demora para a cidade, para a civilisação, para a segurança inestimavel da policia e da lei. E pela primeira vez, durante esse dia de negras aventuras, esqueci-me do castanhal e da fortuna, e creio que pedi ao diabo que os levasse. Mas o *Tucháua*, depois de me ouvir, affirmou que ninguem mais alli me offenderia; o indio fôra expulso; tudo estava tranquillo; o hospede era sagrado, como nos romances. Em vista dessas explicações resolvi ficar até a manhã seguinte :

—— Coragem ! Doidice ! Bradou o Dr.

Estevam, alisando o rosto magro. Isso é de maluco !

O Dr. Guedes affirmava com serenidade :

—— Era preciso. Não o fiz por exhibição. Se eu fugisse depois das satisfações do *Tucháua*, nunca mais teria a menor consideração naquellas Malócas todas do *Canumã*. Os indios não perdoam uma covardia do branco.

—— Pois fez muito bem — rugiu o Celestino, erguendo-se para sentar-se de novo.

—— Os rapazes — continuava Dr. Guedes — estavam bons. Quasi ao crepusculo fizemos o embarque das mercadorias, e preparámo-nos para a partida na manhã seguinte. Durante a arrumação das bagagens fiquei alli na praia, vendo e dirigindo os trabalhos. Estava tudo prompto; e no momento em que eu ia retirar-me, eis que ouço um *psio* baixinho e assobiado, do lado esquerdo. Ergui-me num pulo e saquei do bolso o revolver, espreitando o sitio de onde partira o chamado. Vi, então, um vulto, uma saia vermelha, um rosto moreno e lindo. Outro *psio* amavel partiu : era a india, a Maria, que me chamava, escondida atraz de uma *piranheira*. Fui. Não lhes conto o

idyllio. Foi rapido, assustado, soffrego; e durante o minuto em que tive nos braços aquelle busto macio e morno, olvidei-me do mundo e de todos os perigos, e talvez désse a minha vida pelo suave olhar de paixão que ella me enviou no silencio e na doçura do occaso, sob os ramos verde-negros da *piranheira*, em frente ao rio que se cobria de sombra e de tristeza. Separámo-nos, e guardei na memoria o que ella me disse, desprendendo-se dos meus braços :

— "Lado que sól nasce. Passa uma rede, outra rede, outra rede. E' a outra. *Caryua* vai ?"

— " Vou, Maria, meu amor . . ."

O Dr. Guedes respirou languidamente, tomado de saudades do seu idyllio crepuscular. Depois retomou a palavra :

— Vocês sabem como é uma velha Malóca : — uma sala de barro batido, ás vezes redonda, ás vezes quadrada, com uma grossa estaca no centro, de onde partem todas as redes formando os raios de uma roda gigantesca. Pelos cantos e enfiados nas paredes vêm-se objectos de uso : *tipitis*, *aturás*, flechas, arpões, etc. Era tarde da noite, e eu não podia dormir, inquieto, pensando na entrevista da tarde. Pelo salão da

Malóca havia uma escuridão abafada, e apenas se ouvia o compassado rumor das respirações. Tomei a direcção — direcção do nascente, como dissera a india — de gatinhas, contando as redes. Contei até a terceira, e na quarta parei, suffocado. Creio, meus amigos, que o meu coração parou tambem. Saltei para dentro, e logo uns braços compassivos e ternos me envolveram com ansiosa volupia.

——Felizardo ! Bafejou o Major Tiberio, com o olho amortecido.

Celestino sorria vagamente. O Dr. Estevam amollecia na sua poltrona. E a propria lampada electrica do terraço parecia esmorecer docemente.

——Era madrugada — dizia o Dr. Guedes — quando me desprendi daquelles braços e voltei para o meu canto, onde dormi, emfim, serenamente, até ás seis da manhã. Ao accordar desci ao porto para tomar o meu banho e apressar o pessoal para a viagem. Mergulhei na agua fria do *Canumã*, nadei, saltei, cantei, celebrando a minha querida aventura. Ao vestir-me ouvi o mesmo *psio* que partia da mesma *piranheira* e da mesma saia vermelha. Para lá me dirigi, risonho, a agradecer a felicidade da-

quelles momentos, levando na mão um dos meus botões de punho, de coral, (o outro eu o perdera na manhã aziaga em que se furou a *montaria*, em frente ao Mapiá) para offerecel-o á cabocla, como recordação. Lá estava ella. Mas ao approximar-me do seu vulto quasi recuei de espanto. A sua physionomia desconcertou-me: mantinha-se hirta, séria, inaccesivel, quasi feroz, ferindo-me em cheio com os olhos rutilando de colera. Já perto, calado, aturdido com aquella attitude, a ouvi ranger, possessa:

—— " *Caryua* prometteu! Não foi! Vóz de *Caryua* é como o vento? *Caryua* teve medo! "

Completamente bestialisado, apertando a cabeça, exclamei:

—— "Tu estás doida, Maria? Eu não fui? Eu? "

Ella, cada vez mais terrivel, mais aggressiva, erguia a mão repellindo-me, sibilando com desprezo:

—— *Caryua* não presta. Tem medo! Não presta! "

—— "Meu Deus! Bradei. Tu perdeste o juizo? Estás louca? Não é possivel! "

Ella nem respondeu. Deu-me as costas num arranco brusco e deixou-me junto á *pi-*

ranheira, a apertar a cabeça, com o botão de coral na mão. Alli fiquei, petrificado, imbecilisado, sem comprehender o disparate da india, que desapparecia ao longe entre os araçazeiros da praia. E tomado de profunda melancolia, pensei logo que a pobre creatura, tão moça, tão formosa, tão forte, enlouquecera após o delirante prazer daquella noite de amor.

— E' extraordinario ! Commentou impressionado o Dr. Estevam, com um dedo na testa.

O Dr. Guedes expellia uma grossa fumaça do cigarro :

— Ha mais outro *extraordinario !* Um *extraordinario* maior, phantastico, insensato !

Um "Oh !" prolongado sahia de todas as boccas. O bacharel sorria e proseguia :

Voltei á praia, pensativo e desnorteado. Quando eu remoia o facto confuso, tentando encadear as idéas, tirando deducções sobre deducções, e attribuindo o phenomeno desse repentino esquecimento da india a alguma estranha molestia nervosa — vejo descendo o barranco a mulher do *Tucháua,* uma india feia, velha, antipathica, de olhos vesgos, que sorria idiotamente para tudo.

Desceu, postou-se á minha frente e arreou no chão uma trouxa de roupa suja. E de pé, coçando a immunda cabeça, sempre com o mesmo sorriso ignobil, falou mansamente :

— "Anh ! Branco não disse nada".

Aquella era para mim a manhã das estupefacções. Porem eu estava tão horrivelmente preoccupado com o meu caso, e a boçalidade daquella megera estrabica era-me tão indifferente, que respondi com infinito aborrecimento :

— " Eu ? Dizer o que ? Por que ? Já disse ao *Tucháua* : vou partir agora mesmo. Você estará tambem maluca, minha velha ? Coitada ! No fim da vida ! "

— Sériamente, meus amigos, comecei a pensar que uma inesperada epidemia de loucura houvesse atacado a velha Malóca do *Manicoera*. E foi quasi angustiado, tomado de piedade e de terror, que gritei pelos meus rapazes, apressando-os, afflicto por deixar aquella tapera que se tornava um manicomio. A mulher do *Tucháua* continuava sorrindo e coçando a cabeça. Por fim, falou com a mesma irritante serenidade, suspirando, requebrando-se :

— " Assim ! Hum ! Maluca ! Maluca !

Mas *Caryua* só deixou minha rede quando gallo cantou !"

Uma crepitante risada do Celestino cobriu as suas ultimas palavras. O Dr. Guedes terminou :

—— Enganei-me, meus amigos. Na escuridão da noite tomei um rumo opposto — rumo do poente. E dei a velha coruja o meu botão de coral !

Direito de Seringueiro

Realmente o Dr. Octavio Rodrigues estava cançadissimo quando o Major Feliciano o convidou para um passeio ao curral, á horta e ao gallinheiro, ansioso por mostrar ao seu hospede essas preciosidades agricolas, que traziam em continua azafama o seu zelo de proprietario.

Mas o medico recusava o convite, com um sorriso vago e uma dor indistincta pela nuca e pelos rins :

——Tenha paciencia, meu amigo. Estou cançado. Examinei até agora mais de

trinta doentes, ouvindo a lamuria, a explicação, as mil origens de mil doenças absurdas. Não posso. Nem pode avaliar como estão os meus nervos ! Esfolados !

E com essa amarga negativa o Dr. Octavio estirou-se na rede de tucum do alpendre, lançando os olhos em torno, em busca de repouso e de horizonte. Repouso tinha-o alli, na rede, magnifico. O horizonte devia estar muito alem, por traz daquelle matto sem termo que tudo envolvia, como uma verde, asphyxiante muralha.

O Major Feliciano Pereira, um homem-zarrão de cincoenta annos, rijo e grosso como um tronco de *acapúrana,* e com a voz serena e doce, sorria ironicamente á facil fadiga do medico. Accommodou-se ao seu lado numa cadeira de emballo, e falou, resignadamente, alçando no ar os punhos cabelludos :

—— Deixemos, então, para amanhã. Eu queria mostrar ao Dr. apenas as minhas vaccas bolivianas, as verduras plantadas por mim, as gallinhas de raça. Olhe que isso é cousa rara nos seringaes ! Valia a pena o passeiosinho, tão perto, logo depois do Deposito ... O Dr. ha de gostar de tudo ...

Mas o Dr. Octavio sempre tivera um

medo estranho dos amadores, sobretudo dos amadores de avicultura e horticultura. Santo Deus ! Com que carinhosa e insinuante erudição elles revelam os seus admiraveis, unicos, perfeitos processos de crear e plantar ! E como esmagam toda a paciencia, todo o bom humor dos incautos, horas seguidas, diante de um frango ou de uma folha de couve ! Tremeu só de pensar que o Feliciano, — com aquella ingenua apparencia de boi manso, — fosse um desses infames, perversos amadores ! E pensando assim, desconfiado da miseravel perfidia, estirou-se na rede macia, irreductivel, olhando de lado o seringueiro, disposto a toda resistencia.

— E' raro, bem sei — retorquiu num bocejo. A ganancia do seringueiro não lhe dá tempo para essas velleidades. Em quasi todos os seringaes é prohibido plantar, é prohibido crear. Isso fórça o trabalhador a comprar tudo no barracão, a diminuir o saldo, a enriquecer o proprietario, a não perder o tempo. Vive-se da borracha e para a borracha. A terra é madrasta, é má, não merece um carinho, um cuidado sequer. Alem da borracha tudo é phantasia e sentimentalismo. E não ha punição para tama-

nho crime ! Você, entretanto, é uma excepção. Mas eu estou cançado, cançado de receitar, de aconselhar, de ouvir tanta parvoice. Demais, está um calor ! Amanhã ... amanhã irei ver tudo isso por ahi ...

O seringueiro conformado, repetia tristemente :

—— Sim . . . amanhã . . .

Ergueu-se, espreguiçou-se, bocejou, invectivando o calor que estragava tudo, tudo, até um passeio tão simples !

Pediu licença, foi aos fundos do barracão dar ordens para o café. Voltou logo, e cahiu em cheio sobre a cadeira de emballo, desabotoado, a abanar-se.

O calor abafado, brutal, seccante, irradiava do céo violentamente azulado. O tecto, o soalho de *itaúba*, as portas de cedro, as paredes de *louro-iritú*, deixavam-se atravessar pela temperatura esbraseada, como se em torno da casa lavrasse uma fogueira invisivel. O rio tortuoso e estreito, surgindo e desapparecendo nas curvas agudas, apertado entre a floresta e os barrancos, brilhava placidamente ao sól, e corria num vagar suave e silencioso. Em volta do barracão nenhum ser vivo, nenhum sussurro, nenhum movimento tangia o silencio morno. E a

matta proxima, alta e muda na sua velha magestade, parecia guardar, sob a soalheira vehemente, o mysterio das suas riquezas e a força da sua prodigiosa fecundidade.

O Dr. Octavio Rodrigues emballava-se na rede e scismava nas tragédias dos seringaes. Todos aquelles barracões que se estendiam pelas margens do Yaco tinham as suas paginas de sangue. Alguns mesmo capitulos inteiros. O alcool, o ciume, a ambição, a perversidade — qualquer desses elementos, ou todos juntos, traçavam esses episodios que celebrisavam o rio modesto, ultrapassavam todo o seu curso, repercutiam por affluentes e confluentes, num rebate sinistro. Apenas o seringal do Feliciano, como uma brusca excepção, mantinha no meio desses dramas sangrentos uma soberba reputação de respeito e de ordem.

— Na verdade — dizia o Dr. Octavio, seguindo o seu pensamento e interrompendo um cochilo do seringueiro — na verdade, o seu seringal é o unico refugio seguro neste deserto. E vai longe essa fama !

O Major Feliciano envaidecido com a observação, affirmava esfregando os olhos :

— Felizmente ! Não tenho e não quero desordeiros e assassinos. Não consinto

excessos nas bebidas. Exijo todo o respeito ás familias. Acho que é por isso que vivemos èm paz.

—— E' por isso . . . com certeza . . .

A palestra morria desinteressada e fraca. O sól faiscava impiedosamente, e da terra abrasada o calor espalhava-se como uma chamma, e crestava o sólo, as arvores e os seres.

Morta a palestra — porque o Major Feliciano era um taciturno quando a temperatura attingia áquella furiosa incineração — o Dr. Octavio voltou a pensar, e logo scismou sobre o phenomeno sociologico da posse de tão grande riqueza entre as mãos de um homem quasi analphabeto. Sorriu á sua idéa, e dando um impulso á rede de túcum, indagou com interesse :

—— Se não é indiscreção, Major, conte-me como se apoderou de tudo isso. Como conseguiu este seu famoso seringal. Ah ! Eu sou doido por uma historia ! Esta propriedade certamente custou muito trabalho, muito dinheiro, muito sacrificio. Não ha seringal no Amazonas e no Acre que não tenha a sua lenda, o seu trecho heroico, o seu lado pittoresco e aventureiro. Vamos lá, — uma boa historia faz diminuir o calor.

O Major Feliciano despertou do lethargo e atrapalhou-se com o insolito pedido. Relanceou os olhos pelo alpendre — olhos pousados e claros de quem tem socegada a consciencia — e depois os fixou no Dr. Octavio, desconfiado, como se a alegre curiosidade do hospede envolvesse secreto designio.

Mas o Dr. comprehendeu a desconfiança, e tentou logo persuadil-o de que apenas o impressionava a parte mais ou menos historica, que porventura existisse no seringal. E insistia, desprendido :

—— Nem sabe o meu amigo como eu ouço com alma essas aventuras dos meus patricios. Ha casos tristes, alegres, heroicos, ridiculos. Gosto de ouvil-os. Penso que é a mania de todos os viajantes, ou pelo menos, de todos os medicos. O medico no interior é uma especie de confessor e de conselheiro. Substitue o vigario. E o Major pode acreditar que eu nasci mais para vigario do que para medico. Se ha espiritismo, eu, numa vida anterior, fui algum frade curioso e ignorante. Quem sabe ?

O Major tinha um sorriso aberto na larga bocca. E concordava emballando-se na cadeira :

—— Lá isso é verdade : o medico é como o vigario.

O Dr. Octavio retribuia o sorriso e emendava :

—— Com uma differença apenas, meu amigo. O vigario ganha sem trabalhar e engorda depressa.

O seringueiro ergueu-se da cadeira, foi ao parapeito do alpendre, escarrou para fóra. Accendeu um cigarro, passou os olhos pelas suas posses immensas : — o armazem cheio de mercadorias; as casas dos trabalhadores; as pelles de borracha expostas no terreiro; a floresta; o curral das vaccas bolivianas. Abriu os braços num gesto em que abrangia tudo, e falou como para si mesmo, pensativo e brando :

—— Tudo isso é bonito, é rico. Mas quasi deixo a vida neste barranco para poder conseguir este seringal. E depois, quanto trabalho para organisar, para endireitar, para afastar os cubiçosos. Emfim, Deus seja louvado ! Já posso descançar.

Voltou-se para a rede onde estava o Dr. Octavio e proseguiu :

—— Pois eu vou contar-lhe como foi que bati com os costados por estas terras do *Yaco*.

Sorriu, tornou a sentar-se, pensou um minuto, e repousado, sereno, cruzando as grossas pernas, começou :

— E' uma historia que vale a pena ser ouvida. Faz quatorze annos que cheguei aqui, e nesse tempo isso tudo pertencia ao Amazonas. Antes, eu trabalhava num seringal do *Purús*, o *"Bom Destino"*, que pertencia a um meu parente. Foi esse parente quem me fez vir da Parahyba, onde eu vivia como vaqueiro. O homem não deve ter vergonha de dizer o que foi. O Sr. Dr. não acha ?

— Pois não — confirmava o Dr. Octavio.

Elle continuou :

— Eu era vaqueiro, e pobre, e mal assignava o meu nome. Vim. Trabalhei. Aprendi. Depois de sete annos de trabalho, cortando seringa, eu tinha guardado um cobresinho no fundo da mala : eram dez contos de réis, limpinhos, sem dividas, ganhos com os meus braços. Nunca joguei, nunca bebi. Mas, como ia dizendo, eu possuia dez contos e não sabia o que fazer de tanto dinheiro; e tinha vontade de subir na vida, de ser gente. Pensei em voltar para a Parahyba, comprar uma Fazenda e por lá fi-

car. Mas a secca ! Aquellas seccas medonhas da Parahyba ! Tive medo e não fui. Assim vivia eu pensando, sem tomar destino, sem uma idéa que prestasse. Então, certa noite, o tal meu parente vendo as minhas scismas, me disse que o melhor era eu arranjar um seringal.

— "Mas como ?" Perguntei admirado.

— "Assim como eu fiz — disse-me o homem. Procurei, descobri, armei a barraca, consegui credito. E eu não possuia nada. Você tem saude, tem dinheiro, tem disposição. E' muito mais facil".

O Major Feliciano lançou esse prologo da historia, puxou uma fumaça do cigarro e continuou :

— Tomei o conselho do parente e ganhei o mundo. Fui andando, andando, rio acima. Quando reparei estava no *Yaco*. Um dia encontrei uns cáucheiros peruanos, que desciam numa balsa de cáucho. Nesse tempo isso aqui era quasi despovoado. Lá uma vez ou outra se encontravam barraquinhas á tôa e gente á tôa tambem — caboclos mansos ou bolivianos. Eu ia numa *igarité* possante, de *itaúba*, com dois rapazes patricios de toda a confiança, e levava a bordo rancho farto e boas armas. Os peruanos

vendo-me tão bem equipado e com tanta mercadoria, pensaram que eu era *regatão,* e vieram negociar. Em menos de meia hora comprei todo o caucho, e elles começaram a beber a cachaça que eu levava. O Sr. Dr. já viu cáucheiro peruano beber cachaça ?

—— Não.

—— E' um desespero ! Não pára mais. Derrete o ultimo vintem. Esvasiaram a *frasqueira* toda e ficaram bebados que era uma lastima. Um delles, o chefe do bando, tirou conversa commigo. Era um sujeito de quarenta annos, moreno queimado, forte, com bigodes enormes e uma horrivel cicatriz na face. Conversámos, bebemos. Contei ao typo o que andava fazendo, e elle, então, disse-me que este seringal aqui estava abandonado, entregue a uns bolivianos, que o tomaram aos caboclos brasileiros, a força, matando-os depois sem piedade. E o peruano, bebedo até a alma, dava-me um conselho, segurando-me o braço :

—— " Usted és brasilero; tiene derecho a tomarlo".

—— "Mas . . ." ia eu dizendo, achando aquillo um pouco embrulhado.

O homem não deixou que eu terminas-

se. Apertou-me o braço com força, cambaleou, gaguejou :

—— "No hai peligro, hombre ! Usted puede tomarlo ! "

—— "Mas . . . se os bolivianos resistirem ? Como é ? Perguntei desconfiado, pensando que isso por aqui não fosse mais terra do Brasil".

O cáucheiro arregalou os olhos com difficuldade, surprehendido da minha ignorancia e da minha covardia. E repetiu, oscillando nos calcanhares :

—— "Usted és brasilero; és dueno. Caramba !"

O Major Feliciano olhou o Dr. Octavio para ver no seu rosto o effeito daquella tentação. E continuou pausadamente :

—— Eu, — para que mentir ? — estava tambem um pouco esquentado da cachaça que elles me offereciam. Os dois rapazes tambem. Achei que a occasião era mesmo maravilhosa. Não quiz mais informações e rumei para aqui, dizendo aos remadores :

—— "Vou vingar os nossos patricios que esses *gringos* mataram. Vocês querem vir commigo ? "

—— Elles concordaram que era desa-

fôro dos bolivianos aquella expulsão e matança de brasileiros. E logo se offereceram para morrer ou matar. Cheguei aqui, e os *gringos*, que eram seis ou oito sujeitos, nos receberam mal, gritando que voltassemos, se não nos matavam alli mesmo. Não enguli a audacia, desci o barranco, entrei na *igarité*, fiz-me ao largo, e mandei bala com vontade. Elles responderam ao fogo, sem demora, com uma coragem damnada. Foi um tiroteio dos diabos. Chovia bala neste mundo, que assobiava pelos mattos e pelas aguas. Ah ! Sr. Doutor, que enrascada ! Que enrascada do inferno ! O Sr. nem pode fazer idéa dessa fuzilaria ! Era um fim de mundo !

O Major Feliciano abria os olhos no espanto retrospectivo da lucta feroz. Depois proseguiu :

—— No meio dessa estralada um *gringo* abre a janella e põe a cabeça de fóra. Eu sempre t i v e, desde mocinho, pontaria certeira. Nunca errei um tiro ! Apontei, disparei o rifle. O bicho cahiu para dentro, liquidado, com a testa furada. Outro boliviano appareceu, e eu, zás ! outra *quarenta e quatro* na cabeça do bruto ! O cabra empinou-se e rolou, varado no pescoço. Tudo

isso não durou a terça parte de um minuto. Mas quando derrubei o segundo voltei-me e reparei que um dos meus rapazes fôra ferido no braço esquerdo. Não esmoreceu com o ferimento, e continuou a atirar, encostando o rifle á borda da canôa. O fogo dos bolivianos era feroz, e nessa pavorosa desgraça vi que a *igarité* tomava agua, no meio do rio, varada de balas. Então, gritei para os remadores :

—— "Aguentem o fogo que eu vou salvar a canôa".

—— Horrivel ! Exclamava o Dr. Octavio, assombrado, atalhando o Major Feliciano.

Elle nem ouviu a exclamação, e continuou, de pé, gesticulando como se estivesse dentro da lucta formidavel :

—— Os rapazes aguentaram o tiroteio. Tomei um remo e fui levando a *igarité* para o barranco até encalhar. Encalhei debaixo de bala, e julgando tudo perdido, quiz perder-me logo duma vez, para morrer em terra. Bradei para os companheiros :

—— " Eu vou lá em cima ver esses diabos de perto. Quero morrer como homem !"

—— Subi o barranco, num pulo. Os dois rapazes correram atraz de mim, gritando

que queriam morrer commigo. Fui atirando, atirando, com a cabeça perdida. Parecia que tudo em volta era vermelho como sangue. E gritava, allucinado :

—— "Pensam que eu tenho medo, *gringos* do diabo ! Vocês vão ver um brasileiro, bandidos ! "

Nesse ponto da historia o Major Feliciano parou, cançado, deixando cahir ao longo do corpo os braços fatigados de tanta gesticulação. Respirou e terminou :

—— E' incrivel ! Ainda hoje não comprehendo como isso se deu. O certo é que a minha loucura foi a minha salvação. Os bolivianos vendo que iamos mesmo com vontade de morrer ou matar, cessaram o fogo. Arrombámos a porta com os coices dos rifles e entrámos todos trez de rojão como doidos. Mas os *gringos* já haviam fugido pelos fundos, e dois delles — os que eu derrubei — estavam estirados na *pashiúba*, um morto, o outro morrendo. Um dos meus rapazes cravou o punhal no peito do que se mexia; elle deu um urro e ficou immovel, de olhos arregalados para o tecto. Enterrámos os defuntos no mesmo dia. O Sr. Dr. não está vendo duas cruzes, do lado de lá do rio, perto daquelle *mulateiro ?*

O Dr. Octavio olhou para a outra margem do *Yaco* e viu as duas cruzes, pretas, altas, evidentes, sobre o barranco.

—— Estou.

—— São os taes. Deixei lá para exemplo. Tomei conta da barraca — era nesse tempo uma barraquinha de taipa que não valia nada. Passei o dia aqui e mandei um dos rapazes ao barracão do parente, contando os factos e pedindo rancho e pessoal. Veio tudo, e comecei a trabalhar.

E absolutamente socegado, como quem tem a consciencia mais limpa e mais tranquilla que uma doce manhã de estio — O Major Feliciano concluiu num gesto largo e sereno :

—— Hoje é isso que o Dr. está vendo. E graças a Deus só houve sangue neste logar dessa vez, — assim mesmo porque eu não podia deixar de defender o meu direito!

OS CRIMES DE ANTONIO CANDIDO

O meu amigo Luiz de Oliveira, bacharel, advogado de profissão, e aleatoriamente Director da Penitenciaria, tomou-me o braço na Avenida, ás cinco da tarde, e perguntou-me faiscando de impaciencia :

—— Você quer conhecer um homem que tem trinta e quatro annos de idade e já assassinou trinta e cinco pessoas ?

—— Que fera ! Exclamei.

—— E' o celebre Antonio Candido ! Chegou de *Remate de Males* e está numa cellula, na Penitenciaria. Eu vou até lá dar umas ordens. Quer vir commigo ?

Como não me tentasse aquella visita, ás cinco da tarde, justamente quando a Avenida se ia enchendo de encantos femininos, e perfumes de pó de arroz pairavam docemente pelos ares, e *toilettes* de fadas se exhibiam nos largos passeios — resisti ao violento convite do meu amigo :

—— Mas, agora, Luiz ? Você não acha que é uma imbecilidade trocar a Avenida pela cadeia ? Que lembrança ! Veja como se vai povoando toda a rua de creaturinhas provocantes ! Não ha nada mais futil e mais delicioso ! Ande, Luiz, admire-as ! Lembre-se de que essas fulgurantes flores de carne são a synthese de vinte seculos de civilisação; vinte seculos de desesperado progresso e de esfregado, continuo polimento ! Ao menos admire os seculos ! Admire o que nos deram de espiritual e gracioso esses dois mil annos ! Não ! Você anda neurasthenico, enfermo, obliterado. Deixar a Avenida; ir para a Penitenciaria ! Deixar a graça dessas vaporosas saias curtas, para ir ver um assassino ! Só de doido !

O meu amigo, entretanto, sorria serenamente á minha exaltada loquacidade; e forrado de um septicismo antigo de celibatario, ia-me levando pelo braço :

—— Vamos. Quando Você chegar a conhecer, na intimidade, essas *fulgurantes flores de carne,* ha de mudar de opinião. Já experimentei, e ainda hoje me sangram as feridas dessa experiencia ! Tudo é falsidade; tudo é vaidade, como já dizia Salomão. São assim, na rua, ás cinco horas, mas em casa, sem pó de arroz, sem *rouge* e sem publico, são atrozes, filho ! Physicamente, moralmente, atrozes ! Vamos. Antonio Candido é um caso soberbo. Trinta e cinco mortes ! E' decente !

Não quiz descer ao inferno das desillusões do meu amigo, e dei por mim installado num bonde da *Cachoeirinha Circular,* desferindo um olhar de saudade á Avenida, emquanto Luiz de Oliveira continuava nas suas considerações, trançando as pernas e procurando nickeis no collete :

—— Você vai ver um typo famoso e vulgar ao mesmo tempo. Hoje pela manhã fui á sua cellula, uma cellula especialmente preparada para o grande assassino — estreita, segura, blindada. Fiz isso porque Antonio Candido se tem evadido de todas as cadeias, pela força ou pela astucia. Pela manhã, como já lhe disse, fui vel-o, e meu caro, tive uma estupida decepção. Pensei que ia

encontrar um desses individuos terriveis, asperos, sinistros, desses que a gente vê nos romances e nos Tratados de Criminologia. Qual, meu amigo ! Pode ser que na Russia, ou antes, nessa tormentosa litteratura da Russia, ainda se encontre o typo do grande criminoso. Mas, aqui, no Amazonas, é uma vergonha ! Tudo se modifica, até o assassino ! Esse pobre Antonio Candido . . .

Interrompi-o rapidamente, prevendo que elle iria, alli mesmo, no bonde, despejar as impressões :

— Basta, Luiz. Suspenda a sua analyse por um momento. Pelo menos até chegarmos á Penitenciaria . . .

— Mas . . . obtemperava elle, meio espantado.

— Suspenda. Quero ter o gosto de admirar o homem das trinta e cinco mortes, sem levar as suas idéas de criminologista e psychologo, que certamente viriam gravar-se no meu espirito. Você não acha que os julgamentos prévios nos tiram o prazer da observação ? Pois tiram, e eu quero observar esse Antonio Candido, em secco, realmente, sem os atavios das suas deducções.

— Luiz de Oliveira sorria e concordava. Eu concluia :

—— Você tirou-me o prazer de vagar pela Avenida, e alem disso ainda me envenenou com o seu detestavel pessimismo de solteirão. Não tem o direito, porem, de impingir-me as suas impressões. Se quizer assim, vamos á Penitenciaria, se não, salto no primeiro poste.

—— Vá lá — dizia o meu amigo, resignado.

E descambámos logo pela suave ladeira da litteratura, emquanto o bonde corria pela *Municipal*, recta, larga, arejada e sem arvores. Aqui e alli, pelas esquinas, onde desemboccavam as ruas transversaes, alguns grupos olhavam as vitrines das lojas ou palestravam. No jardim, em frente ao Gymnasio, brincavam creanças pelas aleas, e nos bancos, sentadas, olhando distrahidamente para tudo, as amas seccas sorriam e gosavam a delicia da liberdade. Depois da primeira ponte começou a correr uma aragem desafogada que arripiava as aguas do igarapé de *Manáos* e agitava em baixo as folhas dos *mururés*. Pelas margens pousavam pequenas embarcações, e havia em tudo, — nas aguas, nos ares e nas casas, um silencio macio.

—— Doce tarde . . . murmurei conso-

lado, admirando o céo que se descorava e a collina dos Educandos, fulgindo aos derradeiros lampejos do sól.

Luiz de Oliveira, tambem embevecido, soprou uma fumaça do cigarro . . .

—— Doce tarde . . .

O bonde corria. Passavamos o Palacio *Rio Negro,* onde casaes brancos de garças abriam as azas sobre um tanque de cimento. Transpunhamos a segunda ponte, atravessavamos a Praça Visconde do Rio Branco, enorme, esteril, desolada como um ermo africano. A' nossa frente surgia o arcabouço da *Ponte de ferro,* como um complicado e vermelho traço de união entre a agitação da cidade e o bucolismo suburbano. A' direita apparecia a Penitenciaria, azul, immensa, com ameias em cada angulo, o largo portão de ferro escancarado.

O bonde parou; descemos. Luiz enfiou para o gabinete, deu algumas ordens e tomou-me o braço :

—— Vamos á fera !

Transpuzemos um pateo de mosaico e tomámos em seguida por um dos raios de cellulas — uma comprida e estreita galeria, asseiada, quieta, silenciosa como um tunel. Dois guardas seguiam-nos, fazendo soar um

grosso molho de chaves, um pouco assombrados daquella visita vespertina. Dos fundos do immenso edificio vinha um canto baixo de modinha nortista. A luz penetrava branda e pallida pela vidraças das claraboias, e parecia que uma paz absoluta, uma religiosa paz de mosteiro, sombria e humida, vagava por toda a casa naquelle triste antecrepusculo.

— Que socego! Ia eu dizendo impressionado.

Luiz de Oliveira falava a um dos guardas. Depois, confirmou:

— E' sempre isto, este socego, todo o dia. Sempre este silencio, e é isso, parece, o que infunde um certo pavor aos prisioneiros. Você vai ver: não ha um só desses homens — desses que estão, por segurança ou castigo, isolados nas cellulas — que não implorem a convivencia do salão geral, onde vão apenas os de bom procedimento. A incommunicabilidade é um recurso fiel. Ninguem resiste.

— Na verdade, deve ser um supplicio diabolico. Você lembra-se do *Manequim*, de Anatole? Lembra-se das phrases de Bergeret sobre o isolamento dos delinquentes? E' a mais deshumana das torturas!

—— E' a unica para essa gente — confirmava o Luiz com serenidade.

Mas o nosso dialogo interrompia-se. Na cellula que tinha o numero dezeseis, parámos. Um dos guardas adiantou-se, correu o ferrolho de uma portinhóla, olhou, chamou rudemente :

—— Antonio Candido ?

Uma vóz baixa e arrastada veio de dentro :

—— Senhor . . .

O guarda, então, abriu a pesada porta chapeada de ferro. E entrámos.

No estreito cubiculo, frio e nú, a luz do dia enfiava os ultimos reflexos por uma ogiva alta aberta na parede de cantaria. A um lado, recostada á parede, havia uma enxerga de lona manchada e escura, e a um canto, sobre uma tosca mesinha fixa estavam uma bilha e um caneco de ferro esmaltado. Nada mais ! O espectaculo daquelle desconforto, aquella athmosphera de bafio, aquelle isolamento gelado e lobrego, arripiaram-me, e senti logo uma derramada piedade daquelle desgraçado, um subito arrependimento daquella visita, uma vontade viva e brusca de fugir daquella catacumba de cimento e voltar para a alegria, o esplen-

dor, a doçura da Avenida. E pensei — aliás muito estupidamente—que era melhor morrer do que matar !

Antonio Candido ergueu-se do catre, ao ver-nos.

Era um individuo baixo e magro. O rosto secco e moreno tinha uma expressão inalteravel, a um tempo risonha e placida; e pareceu-me, num exame rapido, que nada mais no mundo, nenhuma emoção, nenhum terror, nem a morte, poderia contrahir um musculo da sua face. Creio mesmo que nem nas estatuas vi uma tão parada, tão impressionante tranquillidade ! O bigode fino e negro mal lhe cobria a bocca rasgada, immensa e recta, onde o labio inferior se salientava num abafado instincto de luxuria. Os olhos inexpressivos, semi cerrados numa continua modorra, davam-lhe um ar de permanente cançaço.

De pé, os braços magros e longos pendidos numa flacida attitude de fadiga; as pernas curtas folgando nas calças de mescla; a cabeça redonda, immovel, envolta numa cabelleira castanha e crespa — Antonio Candido mantinha-se calado, pousando os olhos apagados ora em mim, ora no Luiz, como se esperasse aquella visita, e a achasse

tão logica e tão natural como o proprio dia que findava lá fóra.

Foi o meu amigo quem começou a falar; e relanceando pela cellula núa os olhos de Director, perguntou :

— Então, Antonio Candido, está mais conformado com a vida ?

O grande assassino abriu a bocca enorme num indefinido sorriso :

— Que geito, seu Dr. ? Ao menos aqui a gente almoça e janta. Só tem é que é muito triste, sósinho, de dia e de noite. Com isso é que ainda não me acostumei.

Trocámos, Luiz e eu, um olhar significativo. Era o maguado protesto de todos os encarcerados; a timida queixa contra o afastamento, a incommunicabilidade, o terror de se sentir humano fóra de toda a humanidade, e perceber que para alem do muro da prisão, anda a alegria, a dor, a lucta, o trabalho, o riso — todo o confuso rumor da Vida !

Como não me abandonassem as idéas de Bergeret, disse resolutamente ao meu amigo :

— E' horrivel ! E' barbaro !

Elle sorria ao meu languido sentimentalismo, e ia dizendo ao assassino :

—— Mais tarde; mais tarde Você irá para o salão, com os outros. Comprehenda que os seus crimes são muitos, e que Você por duas vezes fugiu da cadeia.

Antonio Candido tomava um ar abstracto e ingenuo, admirado de ver conhecidos na Capital, por aquelle moço de tão simples e amaveis maneiras, os seus feitos commettidos no alto Solimões, entre as fronteiras de dois paizes. E baixando a cabeça, embaraçado :

—— Tudo no mundo se descobre ! Tudo ! Mas seu Dr. deve saber tambem como são as cadeias do interior. A's vezes nem têm fechaduras; ás vezes nem têm soldados, e são os presos mais antigos que vigiam os mais novos. Não é assim ? Ora, seu Dr. comprehende que ninguem está preso por gosto, para agradar ao Delegado. Tambem, é demais ! O Sr. não acha ?

A pergunta era dirigida a mim, mas ficou sem resposta porque o Luiz interrompia-o, pedindo que nos contasse a historia dos seus crimes, francamente, simplesmente, como se falasse á sua consciencia. Prometteu suavisar-lhe a prisão, e demonstrou com habilidades de advogado que as confissões sinceras despertam sympathias.

—— A franqueza é uma virtude — concluiu com immensa gravidade, como se lançasse ao Mundo uma sentença magnifica. Não ha nada que exaspere tanto como a hypocrisia, a mentira, o cynismo.

Por minha vez insisti tambem, auxiliando o meu amigo, e ansioso por conhecer a vida daquelle homem que, pelo menos physicamente, nada tinha de tenebroso. Assediado por essa inquieta insistencia, Antonio Candido afagava o queixo, numa indecisão. Mas olhou em volta, olhou-nos de frente, e vendo talvez nas nossas physionomias o desejo inócuo de simples caçadores de emoções — falou, começou a contar a sua vida e os seus feitos, na mesma voz arrastada e molle.

Era a historia vulgar dos bandoleiros do nordéste : — um adulterio, uma vingança, a fuga, as perseguições, todas as peripecias de uma correria selvagem atravez do matto e das villas mal policiadas, com o terror do rifle e da faca de ponta, os saques, os actos de bravura, as emboscadas, as perversidades, e um largo, nefasto rumor de lendas.

Antonio Candido, aos vinte oito annos era um seringueiro desconhecido, analphabeto e alegre. Aos vinte nove, ainda se-

ringueiro, casara-se com uma cabocla de *Remate de Males* — uma Nhá Quita, de origem peruana, que possuia, alem de um temperamento lascivo, uns olhos mais absorventes que os da *Yára.*

—— Era uma cousa desconforme — explicava o criminoso, recordando-se dos olhos da esposa. Nhá Quita era alegre, alegre demais, até; mas quanto maior era a alegria della mais os seus olhos ficavam morrendo; morrendo não sei de que . . .

Dois annos após o casamento, Nhá Quita o atraiçoava. Um dia hospedara na sua barraca um cáucheiro peruano, moço, rico, de boa familia. Dias depois, o rapaz, com o destemor, a inconsciecia e a audacia de todos os *cáucheiros,* seduzira-lhe a mulher, que facilmente ia cedendo, dominada, arrastada, perdida. Antonio Candido via o namoro, via o idyllio, via Nhá Quita toda mudada, a cabeça no ar, a casa desarranjada, e os olhos do moço cada vez mais suaves, mais atacados de melancolia. Via e amargava e rosnava pelos cantos, pelo seringal, pelos barrancos, num ciume horrendo e sombrio.

Uma noite, (justamente na noite em que pretendia abrir os olhos de Nhá Quita)

quando voltava de uma pescaria — viu tudo ! No oitão da casa havia um abieiro, e debaixo do abieiro, na noite escura, dois vultos abraçados, suspiravam. Tomou-lhe a cabeça um atordoamento, um calor que o requeimava e o ensandecia. Não percebeu mais nada, a não ser as saias de Nhá Quita branquejando na escuridão. Matou-os a punhaladas, cego, louco, possesso, delirando de furia !

Commettido o duplo crime, Antonio Candido na mesma noite atravessou a fronteira para evitar a prisão. Mas nas terras peruanas aguardava-o — peior que a prisão — a vingança da familia do *cáucheiro*. Escapou á indignação dos parentes matando um irmão do assassinado, numa lucta infernal.

E entre essas duas accesas ameaças — o odio da familia do *cáucheiro* que o deshonrara e a perseguição das autoridades brasileiras — a sua vida, durante quatro annos, foi a mais accidentada, a mais rude, a mais desgraçada aventura que um homem pode atravessar !

Ao principio vinham-lhe escrupulos, e defendia-se, apenas, quando o atacavam. Depois, faltaram-lhe todos os recursos, e era

com difficuldade que conseguia a propria munição para o seu rifle. A sua casa fôra saqueada e incendiada pela policia, e um dos seus irmãos, innocente e imberbe, levara uma surra dos soldados.

Escorraçado, odiado, temido, nenhuma porta se lhe abria, ninguem lhe atirava uma esmola, ninguem queria comprehender que elle salvara a sua honra, a seu modo, com a sua justiça bruta e facil. Isso o enfurecia ! Por fim a necessidade obrigou-o a roubar, e para roubar matou. A' proporção que o seu rifle ia extinguindo vidas sobre vidas, apagavam-se-lhe na consciencia — como as ultimas brazas de um incendio — os sentimentos de bravura, de orgulho e de honestidade. E, facto, singular : foi nesse tragico periodo de devastações, de pavor e de declinio moral, que os potentados politicos offereceram-lhe abrigo e protecção. Recusou tudo, num despeito bravio.

Antonio Candido terminava a serie dos seus crimes :

—— Quando acabei com o ultimo peruano, fui entregar-me á prisão. Já andava mais que farto de viver pelo matto e derramar tanto sangue. Foi peior ! Foi peior, seu Dr. ! Amarraram-me num tronco e deram-

me uma surra. Quasi morro ! Depois da surra prenderam-me com uma corrente no pé, e passei fome como nunca. Fui melhorando da surra, e elles foram afrouxando a prisão, porque eu passava os dias calado, quieto, supportando o castigo.

O criminoso calou-se por um momento, franziu de leve a testa, proseguiu :

—— E' verdade, seu Dr. que quem offende se esquece da offensa, mas quem foi offendido nunca perdoa. Um dia fugi da prisão, e nesse mesmo dia vinguei-me logo da surra, liquidando o Delegado, a faca.

Voltou-se para mim e perguntou-:

—— O Sr. não acha que fiz bem ? Não tinha razão ?

Movi simplesmente a cabeça num gesto vago de incerteza, como se um crime de mais ou de menos, numa tão vasta enfiada, fosse um detalhe fortuito.

Antonio Candido concluia com serenidade :

— Voltei á minha vida desgraçada. Prenderam-me; fugi de novo. Durou pouco a minha liberdade porque eu não tinha mais o meu rifle. Deram-me um cerco, entreguei-me, e mandaram-me para aqui.

Calou-se, pensativo, os olhos embicados para o chão negro da sua cellula.

Luiz de Oliveira fitava-o e falava com displicencia :

—— De forma que Você está com trinta e cinco mortes. Nunca mais ha de sahir da cadeia !

—— Trinta e cinco ? Não senhor. E' engano. Foram doze mortes ao todo.

O espanto agora era do meu amigo, que replicava com segurança, arregalando os olhos para o assassino :

—— Não ha engano nenhum. Ainda hoje li o inquerito policial de *Remate de Males*. Vêm lá descriptas, provadas, testemunhadas, trinta e cinco mortes. Trinta e cinco ! Negando-as Você só poderá com isso peiorar a sua situação. Vamos, confesse que foram trinta e cinco, como está no processo. E' melhor.

Antonio Candido baixava a cabeça, preoccupado com aquelle immenso morticinio. Contou, recontou pelos dedos, erguendo os olhos para o tecto. E tranquillamente, com uma convicção socegada e fria :

—— Pois, seu Dr. eu só me lembro das doze. Marquei-as todas na coronha do meu rifle, com uns risquinhos. Eram doze. Por

que havia eu de negar ? Para que ? Quem mata doze pode matar trinta, ou quarenta, ou mais ! O castigo não é o mesmo ?

Mas, subitamente, quasi sorrindo, como se encontrasse a causa do estranho equivoco, emendou :

—— Ah ! E' verdade ! Quem sabe, seu Dr., se elles lá não metteram tambem na conta os peruanos ? ! Quem sabe ? Engraçado ! Aquella gente de *Remate de Males* é tão besta ! . . .

REMORSOS

A multidão deixava o Cinema e derramava-se, fragmentava-se lentamente pelas ruas. Aqui e alem se formavam grupos, cercando os postes de parada, á espera dos bondes. Do Quartel de Policia, enorme, vermelho, quadrado, sahiam, ao toque de silencio, soldados e officiaes, fumando e palestrando.

Com um vago tedio a perseguil-o, Paulo Rocha, jornalista e funccionario publico, descia a rua Municipal, aspirando o ar tranquillo e frio da noite de inverno. Ao seu lado, pensativo, o Dr. Luiz Norberto caminhava, a cabeça pendida, a ponta da benga-

la picando de leve as lages das calçadas. Distante, no cruzamento da Avenida, surgia a luz amarella do bonde dos *Remedios*, e Paulo Rocha procurava um poste cintado, quando o seu companheiro falou, emfim, desenterrado das suas cogitações :

— E' cedo. Vamos alli, ao sorvete.

— Não tenho vontade — respondeu mollemente o jornalista. Estou indisposto, amollado, fatigado. Talvez seja desta humidade. Até amanhã.

Mas Luiz Norberto pensava que a humidade não contribuia para as crises de tedio, e affirmava, segurando o braço do seu companheiro :

— Não é do frio; é do cinema; é da fita. Isso é que produz neurasthenia. Você já viu que indecencia ! Um dramalhão em oito partes, grotesco, phantastico, imbecil, com aquellas virtudes todas premiadas no ultimo acto ! Não ha nervos que resistam. Eu tambem estou arrasado !

Paulo Rocha confirmava, seguro :

— Veja essa gente : tão macambusia, tão molle, tão triste. Todo o mundo está assim . . . arrasado.

— E' da fita, é do dramalhão — repetia Luiz Norberto. Desmantela a gente !

Que horror ! Aquelle *centro nobre* a soffrer com uma cara de camello; aquellas gargalhadas do cynico, de bigodinho frisado; aquella joven arrependida, com sete mezes de gravidez e esguia como uma porta ! Tudo isso é cruel e burlesco. E dois mil réis ! E duas horas naquellas horriveis cadeiras do "Alcazar" ! Vamos ao sorvete; só um sorvete pode acalmar os nervos.

O bonde da luz amarella demorava-se, parava em todos os postes, onde embarcavam e desembarcavam passageiros. Luiz Norberto segurava o braço do seu amigo, numa decisão :

—— Você não vai.

—— Mas, Luiz . . .

—— Não vai. Se não quizer sorvete não o tomaremos. Vamos fazer uma *Circular*. Estou doido por desabafar um caso que desde hontem me anda cá por dentro á espera de um empurrão para sahir. Você quer um drama, não é ? Um drama terrivel que consiga afugentar o seu tedio ! Pois bem. Eu sei de um que não foi escripto nem imaginado por Ibsen, nem Shakespeare, nem Poe, nem ninguem. Todavia é estupendo ! E' macabro ! E' atordoante ! E passou-se aqui em

Manáos, ha annos, e teve o epilogo hontem na Santa Casa, na minha enfermaria !

Dizia isso agarrado ao braço do jornalista, nervoso, numa inquietação que agitava todo o seu corpo magro e alto. Paulo Rocha parava, estupefacto. O bonde chegava, passava, atulhado de passageiros. Estavam na Avenida, e Luiz Norberto impellia-o para outro bonde, o *Avenida-Circular*:

——Suba, ande. Vou contar-lhe a tragédia, pelo caminho.

Embarcaram. Luiz Norberto estirou as pernas, pagou as passagens, começou immediatamente :

——Desde hontem essa historia está na garganta esperando um ensejo para libertar-se. Penso que não devo guardar segredo. Por que ? Que é o segredo ? Psychologicamente não é mais do que o supplicio de uma contensão moral, alem de um attentado contra o racionalismo, que . . .

Paulo Rocha atalhava-o seccamente :

——Se continúa a psychologia do segredo, e o racionalismo, e a divagação, salto no primeiro poste. Ou a tragédia, ou a cama.

Luiz Norberto tirou o chapéo de palhinha e sorriu com doçura e paciencia. O bonde galgava a ladeira do Theatro. Proseguiu,

logo, promettendo não se desviar em considerações :

—— Vamos, pois, á tragédia. Você sabe que eu, aqui ha annos, fui um dos mais intimos amigos do José Carlos, então Chefe de Policia ?

—— Sabia.

—— Foi quando essa intimidade estava a cem gráos acima de zero (depois veio o inverno e veio a politica, e ella baixou á temperatura polar) que se deu a tragédia. Morava na rua da Matriz uma polaca, a Julia. Era uma mulherona gorda, velhusca, vermelha, com uns quarenta annos de idade e vinte e cinco de desenfreado meretricio. Conheci-a casualmente. Um dia o meu collega Ricardo Sousa, convidou-me para uma chloroformisação. Fui. Era a Julia. Chloroformisei-a, e Ricardo operou-a. Tratava-se da operação de Bawman, numa dacryocistite aguda.

—— Adiante, Luiz. Não percebi nada.

—— E' uma operação no canal lacrimal, ás vezes dolorosissima. No dia seguinte voltei lá para vel-a. Estava em paz.

Paulo Rocha interrompia-o, quasi de mau humor :

—— Deixe a medicina. Você não aca-

bará nunca essa historia. Fique sabendo que é um pessimo narrador.

Elle puxou uma fumaça do cigarro, placidamente :

—— Não sou litterato, meu amgio : sou um pobre observador de phenomenos sociaes. Por isso vou encadeando esses phenomenos até chegar ao fim. Não tenho o *espirito geometrico* de Pascal, nem o sereno scepticismo de Montaigne. Essa mulher, essa pobre Julia, foi assassinada singularmente. Um dia, pela manhã, as visinhas, quasi todas polacas tambem, estranharam não a ver cedo, na porta, como de habito; e foram, então, accordal-a, em bando, sorrindo, galhofando daquella indolencia. Ella morava num desses cubiculos communs : um corredor estreito e curto, e no meio a cama com cortinados. Esses cubiculos não têm fundo — são como essas loginhas de cigarros ou como barbearias de terceira ordem. Não têm *lá-dentro,* como se diz no Ceará. A porta apenas encostada, causou certa surpresa ao bando alegre, porque a Julia possuindo, como ellas sabiam, boas joias e algum dinheiro, tinha sempre cautela em trazer bem aferrolhado o seu pequeno aposento. Entraram. A polaca estava deitada na cama, bem

agasalhada, bem coberta, os olhos fechados. Chamaram-n'a, pilheriaram. Nada ! A Julia immovel. Uma das mulheres descobriu-lhe um pé e fez cocegas. Mas sentiu-lhe o pé frio, gelado, inerte. Então, entre o bando risonho passou um arrepio de desconfiança e de terror, e logo alarmadas, gritaram, sacudiram-n'a com força, escancararam a porta, por onde a luz entrou viva e forte. E viram a Julia, rigida, branca, morta ! Que tal a scena !

Paulo Rocha respondeu com serenidade e boa fé :

—— Soffrivel. E' muito vulgar . . .

Luiz Norberto, impassivel, retrucava :

—— Isso é o prologo, apenas. Entremos agora no drama. Alarmes, gritos, lagrimas — um temporal de assombro e de horror dentro do cubiculo ! Veio a policia. Foi o proprio José Carlos quem examinou o scenario. Você sabe que o José Carlos tinha defeitos, defeitos politicos, defeitos particulares. Era um irregular. Mas, como Chefe de Policia era de uma argucia, de uma sagacidade admiravel. Encerrou-se lá dentro com dois auxiliares intelligentes, e começou o exame, um exame perfeito, seguro, methodico, desde as paredes, desde o tecto, até ao

soalho, remexendo, observando, medindo tudo. Em todo o aposento não havia vestigio de lucta, nem desarranjo, nem indicio de crime. Todas as roupas, todos os moveis, todos os objectos, estavam nos seus logares, arrumados, correctos, intactos. Não desapparecera uma unica joia, e em uma gavetinha do toucador havia grosso maço de dinheiro em papel e um saquinho cheio de libras. A Julia parecia ter-se deitado naturalmente, numa posição de abandono, o cobertor sobre as pernas, o lençol de linho estendido pelo corpo, a cabeça pousada sobre o travesseiro. Entretanto, era evidente : tinha sido estrangulada ! Foi para o necroterio, fez-se a autopsia : — morte violenta, asphyxia por estrangulamento. Horrivel, não ? !

—— Assim . . . assim . . . Não são muito raros esses casos . . .

Luiz Norberto teve um desapontamento :

—— Qual ! Você hoje está petreo ! Nem Poe, nem Hoffman, nem o diabo, será capaz de agitar-lhe os nervos.

O bonde passava pelo Reservatorio. A' esquerda, o cemiterio de São João Baptista, lugubre na noite lugubre, era como immensa cidade silenciosa abafada numa paz

eterna e fria. Um grupo de moças saltava, tomava o rumo da Villa Municipal, conversando, sorrindo, agasalhando-se nas capas, deixando no espaço escuro ondas leves de perfume.

Luiz tomava outra posição e continuava:

——Estrangulada ! Era impossivel que uma mulher daquellas, uma prostituta de quarenta annos, sem ligações, sem amores, sem familia, hebraicamente interesseira, callejada na amarga profissão, se deixasse estrangular simplesmente, desprendidamente, sem um protesto, um grito, um gesto de repulsa. Era impossivel ! A hypothese é mais do que absurda ! Como medico, posso garantir-lhe que não ha prazer nenhum no estrangulamento. Nenhum !

——Tambem garanto, como jornalista e empregado publico — respondeu promptamente Paulo Rocha.

——Não ria — atalhava Luiz Norberto. Falo com segurança. Ha degenerados que gosam martyrios. Mas continuemos. Demais, a Julia, como já lhe disse, era uma creatura forte, pesada, gorda. Podia sustentar uma lucta, podia gritar. As visinhas confessaram na policia que ella não gritou, que nada ouviram durante a noite. O José

Carlos estava positivamente atordoado, furiosissimo com o mysterio. Nessa tenaz, desesperada pesquiza em busca de um indicio, elle escolhera para os intimos dialogos e deducções, dois auxiliares magnificos : o Frederico Tavares, habil, astuto, com largos serviços na Policia, e o Barretto, pessoa sua, fiel, intelligente, um pouco perverso, dono de uma calma de rochedo. Frederico trabalhava com methodo, friamente, investigando, estendendo a sua teia capturadora. Barretto seguia o systema archaico e inquisitorial : deduzia, seguia a presa, ia-lhe em cima bruscamente. Errava, corria, segurava outra presa. Ambos moços, fortes, habeis, trabalhavam com vehemencia, mas a vehemencia maior, evidente, incançavel, era a do Barretto, velho conhecido da polaca, seu antigo amante, frequentando-lhe o cubiculo de longe em longe, numa camaradagem serena. Quando a Julia adoeceu e foi operada, elle teve gestos de dedicação. Seguia, pois, ininterrupta e severa a investigação policial. Entre os frequentadores do corredor da Julia havia um, mais assiduo. Era o Sr. Segismundo Toledo, Despachante, homem de cincoenta annos, alto, magro, sério, macambusio, que usava lunetas escuras e tinha o ros-

to cor de tijollo. Esse Sr. Segismundo era solteirão, irreprehensivel, sem deslises na vida, frequentando pudicamente esses cubiculos polacos, como homem que apenas procura satisfazer necessidades de temperamento. Havia trez mezes que visitava a Julia, duas vezes em cada semana, gostando talvez dos olhos da pobre creatura. Realmente a Julia tinha uns olhos azues, profundos, limpidos, que impressionavam. Nunca vi olhos tão doces como os dessa mulher, e sempre tive a impressão — desde que a chloroformisei — de que elles resumiam toda a poesia e todo o soffrimento da sua terra infeliz e da sua raça espesinhada. Eram, meu amigo, uns olhos de virgem casta sobre um monturo de ignominias ! Que azul maravilhoso, illuminado, tranquillo, o daquelles olhos ! Era como o do céo ! Qual nada ! O azul do céo é abstracto, cançativo, tediento, surrado por todos os poetas. Era um azul crystalisado, impeccavel, dolente, que se desfazia numa caricia perfumada e harmoniosa. Sei lá . . .

Mas Paulo Rocha bradava, furioso :

—— Oh ! Homem de Deus ! Você larga ou não larga os olhos da Julia ? Isso é demais !

—— Já vou; já vou — respondia o Luiz sorrindo.

O bonde entrava pela Cachoeirinha, escura e deserta. O motorneiro somnolento travava e destravava o freio, ora recebendo, ora deixando passageiros. A noite escurecia cada vez mais, e para os lados de São Raymundo, de vez em quando clareava um relampago na orla do horizonte.

Luiz Norberto respirava o ar frio da noite, e contava :

—— Como eu dizia, o Sr. Segismundo era nesse tempo o amante mais pontual e o mais circumspecto. E sobre elle desceram as primeiras suspeitas. O Barretto conseguira descobrir que nessa tragica noite dois homens apenas tinham penetrado na alcova da Julia : um delles, um rapazinho de dezesete annos, filho-familia, que iniciava pelos prostibulos o seu curso de vicios. O outro, o Despachante, o Sr. Segismundo. Mas o moço tinha provas de que ás dez da noite estava em casa, dormindo. Ora, ás onze horas, a Julia ainda foi vista por um Guarda Civil e pelas companheiras, á porta, como de habito. Restava, pois, a segunda hypothese : o Sr. Segismundo, que mais ou menos pelas onze e meia, como costumava, fazia a sua vi-

sita bi-semanal. Era gravissima essa coincidencia ! Por isso o Sr. Segismundo foi convidado a comparecer á Chefatura, justamente quando no seu quarto um amigo lhe dava a noticia do assassinio.

Luiz Norberto descançou um instante, accendeu outro cigarro e continuou :

— E' preciso dizer-lhe que tudo isso que eu levo um tempo enorme a contar . . .

— Pudera ! Com o seu systema de divagações, de analyses, de poesia . . .

Elle não se perturbou com o aparte, e proseguiu :

— Tudo isso se deu no mesmo dia do crime. Eram duas da tarde, e eu estava na Chefatura de Policia, — como me acontecia muitas vezes — conversando e tomando café com o José Carlos. Eramos intimos, como lhe disse. E nessa tarde eu fôra até lá, roido pela viva curiosidade de conhecer os detalhes do crime, que repercutia agitadamente por toda a cidade. Encontrei o José Carlos passeiando no gabinete, impressionado, os olhos faiscando atravez das lunetas. Viume, mandou servir o café, e abriu-se logo, inquieto :

— " Desde pela manhã que não tenho um minuto de socego. Onde se viu isso ?

Numa cidade pequena como Manáos, bem policiada, illuminada como nenhuma outra, —esse crime de alta escola, espantoso, mysterioso, sensacional ! E' incrivel ! Só tenho um rasto a seguir, e não sei se é verdadeiro. Depende de certa informação que estou esperando ".

—— " Agora ? Perguntei . "

—— " A todo momento " — disse-me o José Carlos, nervoso, fitando o reposteiro do gabinete.

Luiz Norberto notou que o seu companheiro vibrava de impaciencia. Sorriu lisongeado e falou :

—— Veio o café. José Carlos desenrolava as suas idéas, architectando, argumentando, sem me deixar falar. Estavamos nisso quando o reposteiro se abre e apparece o Frederico, o Barretto e o Sr. Segismundo. Levantei-me, pensando que o interrogatorio fosse secreto. José Carlos deteve-me, dizendo que eu podia ficar. Fiquei. Sentei-me, então, um pouco distante, numa cadeira de emballo, ardendo por ver o que se ia passar. O Sr. Segismundo amargava de decepção, tinha no rosto secco uma visivel expressão de acabrunhamento, e os seus oculos escuros mal podiam esconder o olhar

confuso e timido que lançava em torno. Eu — de que materia vil somos feitos ! — gosava aquella agonia ! O Barretto segredou qualquer cousa ao ouvido do seu chefe. José Carlos teve um sorriso de victoria que bem percebi. E subitamente deixou o Barretto e interpellou o Despachante, varando-o com o olhar :

—— " O Sr. já deve saber porque se acha na policia ? !"

E sem dar tempo á resposta, rispidamente :

—— " E' accusado de um crime, um crime covarde, um crime hediondo, commettido na madrugada de hoje. Só o Sr. esteve pela madrugada em casa dessa mulher. Sobre o Sr. pesam todas as suspeitas; só o Sr. poderia ter sido o assassino ! "

Paulo Rocha soltava exclamações seguidas. Luiz Norberto continuava a narrativa, satisfeito com a exaltação do seu amigo :

—— Foi horrivel o que se passou no gabinete : — a vóz do Chefe de Policia, vibrante, ameaçadora, colerica, reboando pelo recinto; o seu dedo erguido, a tremer de furor, denunciando, como se fôra o proprio phantasma da polaca estrangulada; o pobre homem colhido nessa denuncia brutal, camba-

leando num desiquilibrio de arvore golpeada, desamparada, partida até o amago. Segismundo era pallido; tornou-se livido, verde, cor de cobre sujo. O Barretto trouxe-lhe uma cadeira. Elle sentou-se, anniquilado, perdido, inconsciente. Nesse momento olhei para o José Carlos, e confesso, tive-lhe odio, odio daquella brutalidade, daquella maldade, que me confrangia. E falam na ferocidade do tigre ! Ah ! Meu amigo — comparada com a do José Carlos, a do tigre deve ser angelica ! Mas o Despachante ia aos poucos recuperando a consciencia, e quando o Chefe de Policia concluiu as suas demonstrações, elle se ergueu lentamente, e lentamente falou :

— " Não fui eu. Sahi da casa dessa mulher ás doze horas, mais ou menos, como de costume. Ella veio á porta da rua, despedimo-nos, e eu ainda ouvi o ruido da chave trancando a porta. Não sou criminoso ".

Então, o espanto, o susto, o desconcerto foi do José Carlos, que furioso com a negativa do homem, de novo invectivou, de novo esbravejou pelo gabinete, accusando-o. Quando terminou a sua rajada de colera, o Sr. Segismundo, de pé, negava ainda :

——" Não fui eu o assassino. Estou innocente. Juro que disse a verdade ".

José Carlos não o deixou terminar. Accusou-o, interpellou-o desabridamente. E de subito, meu amigo, (ainda me lembro desse episodio com calefrios) o Sr. Segismundo endireitou-se, empertigou-se, e bradou, numa revolta sublime :

——" Com que direito V. Exc. me accusa com tanta vehemencia ? Tenho uma vida limpa, ha vinte annos no Amazonas. Com que V. Exc. prova essa accusação ? Sou um homem fraco, doente, sem força physica. Como poderia eu estrangular essa mulher, muito mais forte, sem haver uma lucta, um grito ? V. Exc. perdoe-me falar assim. Mas juro que estou innocente desse crime ".

Eu, da cadeira de emballo, seguia a scena, e tremia de emoção. José Carlos, inflexivel, ordenava ao Barretto :

——" Leve este homem para o xadrez".

E voltando-se para o Despachante, implacavel :

——" O Sr. está preso. O Sr. ha de confessar mais tarde ".

Segismundo gemia, com uma lagrima sob as lunetas :

— "Estou innocente. Juro que estou innocente!"

Sahi logo depois. No corredor da Chefatura encontrei o Frederico, meu cliente de muitos annos, devendo-me alguns favores. Disse-me baixo, receioso, pedindo segredo:

— "Esse homem não é um assassino. Nunca foi! E' um pobre diabo, inoffensivo, coitado!"

— "E' possivel, Frederico?"

— "Guarde segredo, Dr. Nunca foi! O assassino veio depois que elle sahiu. Matou-a quando ella dormia. E' um homem de rara força e de um sangue frio mais raro ainda".

— "Ora essa!" — exclamei admirado.

Frederico teve um risinho de troça, e concluiu:

— "Ninguem segurou, e penso que ninguem ha de segurar o criminoso. E' habilissimo! E' terrivel!"

Paulo Rocha interrompia o seu amigo, nesse ponto da narrativa:

— Quer saber o que estou pensando?

— Diga.

— O assassino é o Frederico!

Luiz Norberto sorria:

—— Você é sagaz, como todo jornalista. Mas eu quero ir ao fim da historia, deixando-o com a sua admiravel sagacidade. Esses processos de deducções são magnificos ! Magnificos nos livros e no cinema. Na vida são outros, mais difficeis, justamente porque são mais simples.

—— Vamos á historia, Luiz.

Elle proseguiu :

—— O que se passou dahi por diante foi cruel. José Carlos e os seus dois auxiliares não encontraram outra pista. E ou porque o Chefe de Policia quizesse fazer valer o seu prestigio de argucia, ou porque se convencesse de que aquelle desgraçado Segismundo, pacato e desprotegido, era o criminoso — perseguiu-o, torturou-o, esmagou-o sem piedade, até que phenomenos de desiquilibrio mental foram apagando os ultimos raciocinios do pobre homem. Segismundo era magro; ficou secco, mirrado, amarello, tropego como um espectro.

—— Horrivel ! Bradou Paulo Rocha, atalhando-o. E sem uma prova, sem um indicio, ao menos ? Esse José Carlos merecia uma forca !

O bonde fazia nesse momento uma larga curva e parava na Estação. Luiz Nor-

berto, ansioso por desabafar o resto da tragédia, convidava o seu companheiro :

—— Vamos alli, á *Bolsa*. Ha uns refrescos esplendidos. Preciso descarregar esse segredo da Santa Casa.

Foram á *Bolsa*. Pelas cadeiras, na calçada, alguns homens tomavam cerveja. Dentro, numa das mesas, dois sujeitos e duas prostitutas bebiam, falavam, riam, abraçavam-se numa algazarra de bebedos. Mais distante trez inglezes silenciosos sorviam copos de chopp e fumavam. Um garoto retardatario offerecia pelas mesas de marmore a "*Gazeta da Tarde*". Na immensa Praça, desde a *Bolsa* á Avenida, vagava um silencio escuro, que algum automovel rompia de espaço a espaço, businando nas curvas.

A um canto do botequim os dois homens sentaram-se. E emquanto o garçon corria pelos refrescos, Luiz Norberto ia contando :

—— Não havia uma prova, por pequenina que fosse, contra o Sr. Segismundo, a não ser a sua visita habitual e a sua sahida, tambem habitual, da casa da Julia. Mas José Carlos tinha fome e sede de prestigio ! Entre os diversos processos sensacionaes, violentos, culminantes, que elle imaginara

para conseguir a confissão do Despachante, lembro-me de um que me fez estremecer, tal era a immensa, a desconforme maldade que o caracterisava. Foi esse : — Havia oito dias que a Julia tinha sido enterrada. O Sr. Segismundo estava preso no Quartel da Policia, numa sala, porque era Capitão da Guarda Nacional. Nesse oitavo dia, á meia noite, o José Carlos vai ao dito Quartel, acompanhado pelo Barretto, o Frederico e mais dois Guardas. Manda segurar o Sr. Segismundo, venda-lhe os olhos, mette-o num automovel, e parte. O infeliz, com os nervos sacudidos por tantas angustias, tremia, supplicava que o não matassem, que era innocente. Emfim, o automovel parou, os Guardas arrastaram o Despachante, vendado ainda, e deram alguns passos. De repente, José Carlos arranca o lenço que tapava os olhos do homem: — estavam no cemiterio, na capellinha do cemiterio, illuminada especialmente para a scena. Sobre um estrado alto, de um metro, bem no centro, jazia o corpo da polaca, disforme, arroxeado, horrendo, decompondo-se e espalhando em volta um cheiro acre e suffocante !

— Oh ! Exclamava horrorisado, Paulo Rocha.

Luiz Norberto sorvia um gole do refresco, e perguntava :

— Diabolico, não ?

— Diabolico e infame tambem ! Esse José Carlos deve estar no inferno !

Luiz affirmava com segurança :

— Não; não está no inferno. Anda por ahi, gosando a vida. Só ha castigos, meu caro, nos dramalhões do *Alcazar*. Mas deixe-me concluir. O Chefe de Policia e os seus auxiliares, collocaram-se por traz do Sr. Segismundo, que arripiado, cravava os olhos no cadaver, fixos, abertos, magnetisados, desvairados. José Carlos falou, então :

— " Veja a sua victima ! Terá coragem de negar o seu crime diante deste cadaver ? !"

Esse lance, meu amigo, não se pode dizer, nem escrever. Não ha vocabulo humano que o traduza ! Comprehende-se, apenas. O desgraçado nem percebeu a terrivel cilada. Com o choque tremendo fugia-lhe o resto da razão. E levando as mãos ao rosto para afastar a visão apavorante, poude somente murmurar, delirando, num ultimo appello á misericordia divina :

—— "Meu Deus ! Meu Deus ! Piedade!"

Desde então ficou mudo, insensivel, a sorrir docemente, ou a gesticular como se arredasse de si alguma cousa horripilante que o perseguia.

Luiz Norberto parou, deu um sorvo ao refresco, continuou :

—— O processo correu. Antonio Oliveira, inimigo politico e pessoal do José Carlos, tomou a defesa do Sr. Segismundo. Tomou-a com destemor, com ardor, com furor, batendo-se contra a prepotencia, a iniquidade, o descalabro moral da época. O processo corria, subia ao Juiz. Antonio Oliveira espanta o mundo com a sua coragem. O Juiz impronuncia o Sr. Segismundo, que adquire a liberdade e a razão — e foge, desapparece para sempre do Amazonas.

—— Como tudo isso é espantoso ! Murmurava Paulo Rocha, assombrado.

Luiz concluia :

—— Passou a época infernal e sangrenta desse Governo. Vieram os tempos de paz. Sobre a polaca, o Sr. Segismundo, o mysterio do crime — o tempo foi espalhando a poeira classica, até que os soterrou para sempre. Eu continuei na minha clinica, abandonando a politica, que não me

deixou saudades nem cicatrizes moraes, graças a Deus. Hontem fui á Santa Casa visitar a minha enfermaria. Tinha apenas um *caso novo*, disse-me a irmã, mas era um *caso* estranho, já visto pelos meus collegas, que nada disseram. Oh ! Essas formidaveis, desconcertantes reviravoltas do Destino ! Essas ignotas, sombrias surpresas da Vida !

Luiz Norberto tomou o resto do refresco, olhou em torno, passou o lenço nos labios :

—— Sabe Você quem era o *caso novo ?* Era o Barretto ! Mas um Barretto velho, acabado, pobre, esqueletico. Recusava toda medicação, dizendo que o seu mal não tinha cura. Tive piedade da sua miseria, e pedi que se submettesse ao tratamento. Não houve persuasão possivel. A sua resistencia era fria, quieta, invulneravel, dessas que afastam todas as insinuações. Sabia que ia morrer, e queria morrer. E vendo a minha insistencia, declarou, entre lagrimas:

—— " Não ha remedio para o meu mal. Os indios envenenaram-me com uma bebi da que só elles conhecem. Mata assim, aos poucos, seccando. O que eu quero é morrer tranquillo. Nada mais.

E num soluço unico, lancinante, desesperado, segurando-me uma das mãos :

——Eu tenho remorsos. Quero um padre para receber a minha confissão. Fui eu que matei a Julia ! Fui eu, com ciume, emquanto ella dormia, de madrugada ! "

Magnetismo das Aguas

Minha amiga

A historia do casamento desse intelligente e aprumado Jorge Mendes é realmente poetica. Excessivamente poetica! Creio mesmo que poucas vezes tenho visto tanta poesia derramada sobre tão prosaico e pueril assumpto.

Jorge Mendes — conforme Você me disse enternecidamente, ao fim da tarde, no seu *cottage* florido — viu a sua noiva de

um modo especialissimo: numa alegre manhã de *pic-nic*, nos altos barrancos do *Amatary*, em frente ao Amazonas sereno e largo. As aguas barrentas da cheia corriam apressadas, arrastando galhadas seccas, ilhotas de mururés, tronqueiras enormes, espumas, detrictos, cousas indistinctas que o grande rio arrancara das varzeas, dos igapós, das restingas, e levava na sua dynamica prodigiosa para formar em outras paragens as suas ilhas de seis mezes.

Em torno havia uma serenidade illuminada. Na margem defronte, onde se estendia a grande ilha do Autaz, surgiam no meio da matta casebres pequeninos e tristes. Em todas as direcções, por toda parte, ao poente, ao nascente, ao Sul e ao Norte, brilhavam, fulgiam, resplandeciam as aguas e as florestas, dominando e enchendo de harmonia e de mysterio o Valle fecundissimo.

E emquanto as manadas de gado pastavam nos campos immensos do Amatary; e a luz do sól rutilava em cada folha de *oirana;* e todos os passaros cantavam no alto dos burityseiros; e da chacara enfeitada de bandeirolas vinham algazarras de moças e uma terna valsa de gramophone — esse moço esbelto e letrado passeiava de braço da-

do com a sua eleita, e sentia a fascinação das aguas profundas, onde habitam as Yaras de cabellos verdes.

Cercado, pois, desses esplendores fluviaes e musicaes, Jorge Mendes amou ! Depois noivou; depois se casou; e respirou, emfim, socegado e de pyjama, na sala de jantar, entre a sua esposa, a sua felicidade e um gato que elle creava desde solteiro.

Mas todos esses logares — communs repetidos pela sua voz insinuante e suave, quasi ao crepusculo, quando todo o Largo da Saudade se ia enchendo de sombras melancolicas, tomaram subitamente um doce realce de lenda. Pensei, até, que o Jorge Mendes tinha alguma cousa desses cavalheirescos principes das *Mil e uma noites;* que garbosamente fôra libertar a sua princeza e arrebatal-a delirante para a sua casa no Alto de Nazareth. Mas tudo isso se desvaneceu logo do meu cerebro, quando deixei o seu lindo *cottage,* quando não mais ouvi a suavidade da sua voz, e quando, ao dobrar a primeira esquina de rua, recebi de um velho amigo desempregado e poeta um intoleravel pedido de dinheiro.

Ora, minha amiga, eu desgraçadamen-

te sou refractario á poesia, á lenda e ao bucolismo. Não tenho — pobre de mim ! — essa adoravel tendencia para o pathetico, e descubro sempre, miseravelmente, em todos os actos humanos, um residuo palpitante de egoismo, de ridiculo, de vaidade ou de interesse.

Sou assim, ou antes (conforme a theoria phenomenista de Taine) me fizeram assim a sociedade, os costumes, a democracia e o cabotinismo; e tambem a minha desoladora incapacidade intellectual.

Por esse motivo — porque essa incapacidade intellectual vive a travar-me as idéas num capricho acerbo — permitta-me que a proposito desse maravilhoso e languido caso do Jorge Mendes, eu venha contar-lhe agora outro caso analogo, de que fui desditosa testemunha.

* * *

O meu amigo Fernando de Castro era um sujeito pernalta e moreno, com um rosto magro e a fronte vasta e convexa. Fazia versos que eram feixes de nervos atirados em paginas de revistas e jornaes; tinha uma elegancia casquilha de provinciano e uma

original e aguda intelligencia. Sobre esses largos predicados physicos, possuia uma cultura litteraria pouco vulgar e a carteira sempre cheia.

Fernando era nesse tempo (tempo em que eu soffria a dureza dos bancos do Atheneu e elle preparava-se para iniciar no Recife um sumptuoso curso de bacharel) o typo mais polido, mais fino, mais esticado que eu vi em trinta e nove annos de dissaborido viver. Eramos amigos, isto é, Fernando dava-me a honra de admiral-o de perto, na intimidade, no seu lindo aposento de solteiro, onde raramente admittia visitas masculinas, e onde se sentia, alem de um conforto alegre e rico, a permanente impressão de que por alli passara — deixando, ao passar, uma imperceptivel nevoa de perfume — alguma saia equivoca e enamorada.

Para os meus dezoito annos, essa *garçoniere*, esse conforto, esse risonho viver e o mysterio perfumado da saia equivoca, eram estranhas, inaccessiveis felicidades humanas que perturbavam o meu opaco entendimento. Realmente o que me prendia a esse snob de opulento guarda-roupa e de scintillante intelligencia era uma intensa, humilde e fakyrisada admiração.

Esse moço, minha amiga, era filho unico de um grande funccionario do Estado, e vivia, então, desoccupadamente satisfeito entre os seus livros, os seus versos e uma ou outra aventura de amor. Nunca, por isso, vi um homem tão soberanamente e escandalosamente feliz, e muitas vezes, do meu despido e frio cubiculo, da minha rude pobreza e da minha invalidez intellectual, tive largas invejas do seu talento, dos seus versos perfeitos, das suas meias de seda e do brilho que o aureolava na dourada existencia.

Admirei-o assim durante um anno inteiro, e era tão alta e tão ingenua a minha admiração, que ao fim desse anno, Fernando—dentre os seus multiplos amigos — dava-me preferencias delicadas, e ora consultava-me sobre o feitio das suas roupas, ora levava-me a ler os seus ultimos versos, ora tomava-me longas horas da noite em desafogadas palestras, traçando com adoravel precisão a gloria do seu Destino de vate e de bacharel.

Nessa época, talvez por influencia do meu amigo, talvez por inspiração de uns olhos castanhos que languidamente desabrochavam para a minha felicidade, ou

apenas por uma simples questão de meio e de contagio, comecei a fazer versos, a reunir phrases esparsas e sonoras, ajustando-as, acunhando-as dentro de decassyllabos e alexandrinos, onde, por vezes, pallidamente, espontava o clarão de uma imagem vulgar entre rimas vulgares. Mas — Deus seja louvado ! — em breve essa nefasta obsessão pereceu no meu cerebro; e desde então me tornei, tal como ainda hoje permaneço — medullarmente trivial e equilibrado.

Emfim, minha amiga, deixei um dia a meia-sombra modesta do Atheneu para aquecer-me ao sól offuscante da Academia e espanejar em terra mais civilisada a doida alegria dos meus dezenove annos. Mandaram-me estudar Medicina ! Fui. Iria com o mesmo prazer a uma viagem de recreio ou ornamentar e dirigir um cemiterio. Eu não tinha, como nenhum homem tem, nessa idade, a percepção da responsabilidade, e não conhecia a linha sinuosa das preferencias e dos subterfugios. Fui !

Fernando, entretanto, ia adiando a sua iniciação no curso superior porque não lhe chegara ainda a scentelha da vocação. E entre o Direito, a Engenharia, a Medicina e outros menos estafantes e menos lobregos, o

seu espirito complicado e subtil ia encontrando arestas e repugnancias que confrangiam e feriam a sua superaguçada sensibilidade de estheta. Assim, o meu amgio classificava o Direito como uma blague idiota; a Medicina como uma torpe mortalha sobre o idealismo; (o que nem sempre é verdade) a Engenharia como um privilegio monotono do Positivismo. Com essas grandiosas idéas preferiu passar mais um anno de tranquilidade e fulgor litterario na sua cidade, embalado no encanto da sua elegancia, dos seus versos e da sua linda *garçoniere*.

Desditosamente invejei esse moço extraordinario que com tanta liberdade e tanto desembaraço dispunha da sua vida e do seu tempo. E muitas vezes, na Bahia, trepado num terceiro andar da rua do Tijollo, no horripilante bairro da Sé, ás voltas com ossos tristes de esqueletos, formulas chimicas, cadaveres dilacerados a escalpello e sombrios vexames financeiros, pensei com saudade no sybaritismo de sultão joven, que era a existencia do Fernando. Pensei, soffri e comparei penalisado os nossos diversos destinos : o delle tão doce e tão facil; o meu, mais secco e mais duro que o de um

monge valetudinario abandonado nas areias da Thebaida.

Mas os annos passaram. A minha correspondencia com o querido amigo foi arrefecendo, como todas as correspondencias; e por fim, na gravidade e no esplendor do meu sexto anno ella cessou de vez, porque Fernando ia-me escrevendo em p a p e l ordinarissimo lamurias mais ordinarias ainda, que eu estupidamente attribui a um requintado pedantismo ou a leituras abominaveis de Schopenhauer.

Verdade é que cessou a nossa correspondencia, não só por esse motivo, como tambem porque o senso pratico se ia formando como uma crosta impermeavel sobre o meu entendimento, incapaz de perceber e assimilar o lirismo dos trovadores.

Recebi o meu gráo de Medico, despedime do mundo e parti para o Amazonas, accommettido por uma terrivel mania de emigração. E durante oito furiosos annos de luctas e de profissionalismo, não recebi uma noticia sequer desse afortunado Fernando.

Um dia, porem, inexplicavelmente, veio-me uma violenta saudade da terra natal, uma fina saudade da quietude paradi-

siaca do nordeste, das praias, do oceano, dos amigos e dos coqueiros sussurrantes. Alegremente parti.

* * *

Foi numa clara tarde de verão que revi o meu amigo.

Na minha cidade natal ha uma collina verdejante de onde se avista o mar, a Fortaleza e os recifes. E' um dos mais agradaveis panoramas que conheço, e que tem dado motivo ha mais de cem annos a um milhão de odes, de sonetos, de soliloquios e outras manifestações do hysterismo. E eu, depois de oito annos de abafamento florestal pelo Amazonas, achava aquillo quasi divino : o mar verde, as ondas, uma ou outra vela de pescador, a Fortaleza, os rochedos, a praia lá em baixo. A tarde era fresca, o céo translucido, o oceano quieto; e aqui e alli uma aza branca de gaivota ou uma vela de jangada, punha um enlevo palpitante e doce na immensa paz da natureza.

Quando eu me extasiava diante de tudo isso, enleiado e feliz, eis que me apparece um vulto que logo reconheci.

Era o Fernando, minha amiga ! Mas — santo Deus ! — era um Fernando irreconhecivel, derreado, vencido, fallido ! Vestia um terno de casemira cinzenta, ou que se tornara cinzenta pela idade e pelo uso, porque nas omoplatas e nas mangas trazia uma cor estranha, indefinida, confusa, que talvez fosse a cor do infortunio. No resto era positivamente cinzento. Do collarinho amarellado e roido surdia uma gravata fusca que outrora fôra verde. O chapéo de massa, ensebado nas abas, cobria-lhe a cabeça onde os cabellos crescidos e seccos branquejavam de caspa. Os sapatos grosseiros achatavam-se no solo, disformes e despolidos; e por vezes apparecia, entre os sapatos e as calças, a torpeza cruel de umas pobres meias de algodão, côr de café. Estava desdentado e myope.

Foi assim, foi nesse impressionante estado de miseria que eu fui encontrar o desgraçado Fernando ! E foi tanta a minha emoção que nem pude mais olhar o oceano, nem a Fortaleza, nem as gaivotas, nem nada ! Todo o concentrado poder da minha vi-

são abrangia o seu vulto, e rodeava e varava o seu vulto como um fóco luminoso sobre os contornos de uma estatua. Fernando de Castro era uma ruina ambulante.

Mas, deixemos essa pungente descripção, porque se a tomar como o necrologio de uma alma de puro artista — pode causar-lhe um accesso de magua que eu desejo evitar, para a gloria eterna e scintillante dos seus olhos; e se a tomar, porventura, como um excesso ridiculo da minha tosca maneira de transmittir impressões — pode muito bem causar-lhe um sorriso que iria, então, lançar sobre o meu pobre amigo a pá de cal da sua esplendida ironia de mulher.

Creia-me, pois, que foi assim, simplesmente e naturalmente assim, que eu vi esse moço, sobre a collina, em frente ao oceano. E vendo-o, e admirando-o, apertei-o nos meus braços, sem uma palavra, sentindo uma angustia que me aquecia os olhos, empolgado por uma compaixão transbordante. Elle comprehendeu o meu espanto e a minha commoção — porque atravez dos seus infinitos desastres conservava, como um rude castigo da sorte, a intelligencia e a lucidez. Comprehendeu, e sem se inquietar com a indiscreção da minha analyse, como um ho-

mem que sacudido por todas as vicissitudes só deseja dos outros homens, seus irmãos, a bondade e a piedade —apertava-me tambem nos braços magros, e sorria consolado, e tinha os olhos humidos.

Caminhámos, então, devagar, até o ponto mais elevado e deserto da collina, e ahi lhe pedi immediatamente a sua historia : a historia da sua decadencia.

Fernando coçava o queixo onde negrejava uma barba de trez dias :

—— Você quer a minha historia ! E' o primeiro e talvez seja o ultimo amigo que m'a pede ! Pois bem, vou contar-lh'a.

Tirou um lenço escuro do bolso e passou-o pelos olhos :

—— Ha seis annos — disse-me — perdi meu pai, que apesar da sua posição era pobre. Vendo que não podia proseguir nos estudos, arranjei um emprego, e ia vivendo relativamente feliz. Mas um anno depois do emprego tive uma horrivel allucinação : casei-me ! Casei-me, e este accidente expulsou-me de vez de toda felicidade. Eis ahi a minha historia, meu amigo : não tem prologo, não tem entrecho, não tem epilogo; conta-se em quatro palavras; todavia, posso

affirmar-lhe que bem poucas no mundo encerram tanta dor.

Eu ouvia-o calado, e francamente não podia descobrir onde estava a clamorosa dor do Fernando. Elle, porem, percebendo o meu embaraço, continuou :

— Nunca mais fiz um verso; nunca mais abri um livro, a não ser todos os dias o Livro do Ponto da Repartição, que não tem attractivos. Nunca mais respirei !

Adivinhei, pois, minha amiga, (como todo o mundo adivinharia) uma dessas tragédias soturnas, desconhecidas e amargas, que duram toda a existencia, que se desenrolam entre quatro paredes de alcova, que ninguem, nem mesmo a creatura mais intima, conhece; que é um rugido de coleras abafadas, e que toda gente chama, sorrindo: — a paz domestica !

Miseravelmente curioso como sou, tive logo um desejo alegre e feroz de penetrar naquella devastação familiar e revolver impaciente o lixo moral daquella desventura. E antes mesmo que o meu amigo accendesse o cigarro que me pedira, fui direito, certeiro, inflexivel, á ulcera viva do seu soffrimento :

— Então, Fernando; contrariedades,

hein ? ! Incompatibilidades de temperamento ! ! E' o diabo !

Elle expellia uma fumaça, muito calmo:

— Esse tabaco *blond !* Que delicia ! Quantas recordações ! . . .

Depois de elogiar o cigarro, desejando dar-me uma idéa concisa e rapida do seu desastre :

— O meu casamento foi uma fatalidade. Eu — como você sabia, tinha horror, um horror doentio e profundo, a essa ligação perpetua de duas creaturas; e evitava-a cautelosamente. Julgava-me um forte ! Mas, sabe você o que me fez casar, ou antes, o que contribuiu para a minha perda ? Foi o mar ! !

Fiquei atordoado com a explicação. O mar ! O Oceano Atlantico provocando casamentos como qualquer chiromante bem pago ! Ora, minha amiga, eu ignorava a desgraçada influencia dessa verde massa de aguas nas miserias matrimoniaes. Por isso exclamei, attonito :

— O mar ! E' possivel ? !

— Sim; o mar, — repetiu Fernando, convicto. Imagine : era uma festa de annos do Teixeira, que morava por aqui nesse tempo. Eu estava na festa. Essa creatura que

hoje é minha esposa, tambem estava; e eu fiz-lhe a côrte. Dancei, recitei no meio da sala do baile. Ella, com uma sagacidade felina, comprehendeu a minha delirante estupidez, e deitava-me os grandes olhos castanhos, o sorriso, a ternura, os gestos, todos os fluidos da sua seducção. Tal qual como os felinos ! Eu, ai de mim ! comecei a sentir angustias no estomago. Você já reparou como fica o estomago quando a gente recebe uma forte impressão ? E' uma agonia, um começo de incendio, uma ansiedade que nem nos deixa respirar. E' o orgão essencialmente attingido nessas crises de amor ! Mas, já um extravagante physiologista fala nisso, e confusamente explica o phenomeno, attribuindo-o ao pneumogastrico, á digestão, ás contracções do pyloro e a outras miserias. Depois do estomago, logo depois, diz o physiologista, vem o figado; mas a acção do figado, mais lenta . . .

Interrompi-o subitamente :

—— Deixe o figado, Fernando. Não acha que o figado é demais ?

Elle sorriu e continuou resignadamente a historia negra da sua paixão :

—— Pois, ahi vai : eu estava estomacalmente perturbado, porem ainda sentia no

cerebro raros lampejos de raciocinio. Antevia o futuro pobre, com uma moça pobre, nesta terra pauperrima. Era um desesperado combate dentro de mim mesmo entre o sentimento e a consciencia. Para o meio da noite fomos todos dar um passeio pela praia, a convite do dono da casa. O Teixeira é boa creatura, bom pai de familia, homem de bem. Mas tem uma descahida que eu penso que é hereditaria : — é mettido a poeta ! Não faz versos, graças á divina Providencia, porem ama a Natureza com sentimentalismo, com um enthusiasmo piegas. Fica horas inteiras admirando uma arvore, um poente vermelho, um rio que corre, um rochedo. Elle é assim, coitado. A mulher, a D. Cotinha, apesar de honesta, é assim tambem, e recita Castro Alves ao piano, emquanto o Teixeira, bemaventurado e sorridente, lhe deita um olhar unctuoso. O filho delles, o Themistocles, idem, idem, com a aggravante de publicar sonetos ordinarios de vez em quando. Já vê por ahi, que eu estava encarcerado num covil bucolico, perigosamente bucolico. Não acha ?

— E' verdade !

Eu, minha amiga, havia perdido toda a esperança de conhecer a vida intima do Fer-

nando, e pensei mesmo que elle, arrependido de me introduzir como testemunha nas amarguras do seu lar, ia por isso, divagando e contornando o assumpto até que a noite descesse ou nos viesse o enfado. E assim, tomando-lhe a deixa sobre a morbida tendencia do Teixeira e de toda a familia do Teixeira, aventei, displicente :

— Isso é epidemico, filho. Todo o paiz está atacado desse mal incuravel. E' um paiz de Teixeiras, de Cotinhas e de Themistocles. Pobres de nós !

— Aqui, sobretudo ! Aqui é o fóco original ! Bradou o meu amigo, abrangendo com os braços magros todo o Estado. Mas, como ia dizendo, o Teixeira levou-nos á praia, tudo de braço dado como um cortejo de noivado na roça — para irmos ver o luar, as ondas, a espuma das ondas, as rochas e a areia muito branca e muito fina que entrava pelos sapatos. Dei, então, o braço ao meu algoz. Precisa que lhe diga o resto ?

Calou-se, mas mesmo calado parecia interrogar-me com os olhos esgazeados e tristes. E eu percebi que o meu desconsolado amigo mantinha um evidente escrupulo em me envolver nas suas maguas intimas. Res-

pondi com tristeza, sem nenhuma esperança de lhe extrahir os segredos :

—— E' facil comprehender . . .

Fernando tirou o chapéo, e apontando para o oceano rompeu a bradar, quasi furioso, estendendo para a verde immensidade das aguas a sua mão descarnada :

—— Mar infinito ! Suprema força da Natureza ! Origem de toda vida ! Mar perfido ! Mar infame ! Massa estupida e insipida ! Foste a causa da minha horrenda tortura, e eu te amaldiçôo para todo o sempre !

—— Mas, filho . . . ia eu atalhando-o.

Elle deixou as invectivas, fatigado, e voltou-se para mim :

—— Oh ! Deixe-me bradar as minhas queixas. E' o unico lenitivo que tenho, e sou sincero quando maldigo esse miseravel oceano, o que, aliás, faço raramente. Foi elle o culpado da minha desdita, e tenho-lhe um odio atroz ! Sabe lá você o que é a gente estar de braço dado com uma giboiasinha de saias, cheirando a baunilha e a *Aglaia*, numa praia branca, numa noite de lua, em frente ao mar, depois de cinco valsas seguidas, dois recitativos e trez copos de cerveja ? Sabe lá quanto magnetismo, quanta poesia, quanta seducção ha em tudo isso ?

Sabe lá como é formidavel e invencivel essa conspiração de todas as forças idyllicas da terra, das aguas e do céo ? Sabe lá ? !

—— Não; não sei — respondi tristemente. Nunca experimentei; nunca tive essa felicidade . . . Mas deve ser esplendido ! Uma praia ! . . . O luar ! . . . De braço dado ! . . .

Fernando recuou um passo, mediu-me com o olhar escandalisado, os braços abertos de espanto e horror :

—— Não sabe, desgraçado ! E acha esplendido ! Esplendido ! Pois olhe : é um despenhadeiro, uma catastrophe, uma sentença de morte. Peça a Deus, todos os dias, que o defenda desse cataclysmo. Por esse momento de insania Você perderá mais do que a vida — perderá a liberdade, a vontade, o livre arbitrio, todos os privilegios do sexo, a intelligencia e o caracter e a vergonha. Evite um momento desses como quem evita um mau encontro, uma facada no ventre, um abysmo, o cholera morbus. E' o conselho de um homem que ha cinco annos arrasta a vida como quem arrasta cadeias de ferro.

—— Obrigado.

Deixei de sorrir, minha amiga. Fernan-

do falava com gravidade, e respirava, olhando fixamente o oceano sacudido pelo nordeste e arrojando contra os recifes o fragor das suas ondas.

Eu estava quasi commovido. E tomado de larga piedade do seu aspecto, da sua ruina physica e moral, da sua triste pobreza, da sua roupa e do seu desgosto, tive vontade de lhe offerecer alguma cousa que o salvasse, que o arrebatasse para a alegria e para outros destinos. Mas, eu não tinha nem meios nem poderes para o assombro desse milagre. Pensei, olhei em torno, apalpei-me, procurando qualquer cousa que salvasse o meu infeliz amigo. E como nada me occorresse e nada possuisse — metti a mão no bolso e offereci-lhe outro cigarro.

Elle accendeu-o pressuroso, num mudo agradecimento, e proseguiu com a mesma dolorosa serenidade :

—— Eu ia perdendo todos os sentidos. O meu braço roçava no seu braço; as palavras vinham-me á bocca, perturbadas e ardentes. Um effluvio suave e traspassante (que naturalmente partia das forças ignotas desse vil oceano) penetrava-me na alma. O meu amor subia como uma columna de thermometro sobre uma fogueira. Para

que mais ? ! Dobravamos um angulo de rocha. O cortejo distanciara-se um minuto. Um minuto, apenas ! O tempo sufficiente para um beijo ! Trocámos o beijo ! Não desmaiei porque nunca fui sujeito a desmaios. Ai ! O que se sente quando essas mucosas sensibilissimas se unem, se comprimem, se esmagam allucinadamente num espasmo em que todos os nervos crepitam fulminados ! E' um relampago de emoções ! Não sei; não me lembro de nada mais. Esse beijo matou-me ! Um mez depois eramos noivos ! Cinco mezes mais tarde eu subia a um patibulo que tinha uma vaga fórma de altar.

O meu pobre amigo ansiava. Emfim suspirou como se voltasse dos fundos de um pesadello.

—— Cinco annos ! Ha cinco annos que me suicido moralmente e intellectualmente. Perdi tudo : a dignidade, a vontade, a esperança e o appetite. E nem ao menos sou espirita, porque só os homens atacados de espiritismo possuem a singular prerogativa de gosar as proprias dores, e ainda agradecem a Deus a gloria de soffrel-as ! E' uma humanidade á parte, talvez burlesca, mas fe-

liz, excessivamente feliz. Veja você ! Nem ao menos sou espirita !

Acabrunhado com o seu soffrimento, consolei-o, e não sei. porque — talvez por uma estranha commiseração, —pedi :

— Escreva um romance sobre esse thema, Fernando. E' uma idéa ! Você poderá encontrar um refugio e um consolo, escrevendo-o. Que bellas paginas e que grande lição para a mocidade ! Experimente, meu amigo.

— Eu ! Um romance ! Gemeu Fernando. E' possivel que você queira fazer espirito num caso tão grave ? Não lhe mereço piedade ?

Atalhei-o serenamente, pondo a mão sobre o seu hombro :

— Não é espirito nem perversidade. Se o seu caso não fosse tão doloroso, e se eu não o julgasse capaz de escrever um romance, não daria o conselho.

Fernando lançava largos gestos em volta como se procurasse um logar e um meio de fazer romances realistas. E desanimado, num suspiro pungente :

— Mas escrever como, aonde, em que? Em casa ? Prefiro a morte pela variola. Minha mulher entende que o homem casado

que lê e escreve litteratura é um pelintra e um insensato. Por assim o entender queimou todos os meus versos logo depois da lua de mel, que aliás durou pouco tempo e extinguiu-se num eclypse total e definitivo. Por assim o entender fez do meu gabinete o salão de recreio dos meus filhos, e transformou todos os meus livros em papelotes para o cabello. Foi-se assim toda a collecção do Anatole, todo o Maupassant, todo o Flaubert. Tudo !

—— E' horrivel, Fernando ! Murmurei angustiado.

Calou-se um segundo e interrogou-me :

—— Aonde posso eu escrever um romance ? Na Repartição ? Seria demittido a bem do serviço publico antes do primeiro capitulo. E para que mais um livro sobre tão sórdido assumpto ? Seria um brado de desespero, de furor, de raiva, desde a primeira á ultima folha, ou então, um gemido dilacerante uivando por trezentas paginas a fio. Nenhum leitor teria a intrepidez de ir ao fim de tamanha ignominia !

Depois desse jacto de pessimismo e desconsolo, descambou para os intimos tormentos do seu lar.

* * *

Não vale a pena, minha amiga, transmittir-lhe aqui, nesta carta que vae tão longa e tão enfadonha, a soturna historia de um lar agitado e lugubre. Todos nós sabemos como são esses turvos interiores, onde duas creaturas travam durante toda a vida a mais surda e mais viva guerra que se pode imaginar. Ha por ahi um milhar de livros que repetem monotamente essas tragédias intimas, e eu não desejo tomar a sua doce attenção com o pedantismo e a irreverencia dos meus desvaneios em torno de uma psychologia que toda gente conhece.

O que eu quero — e infelizmente não sei dizer — é que observe como esse caso do meu amigo Fernando de Castro se parece com o alegre caso do Jorge Mendes. Ha entre ambos apenas a differença topographica : um, nas praias do oceano; outro, nos barrancos do Amatary.

Mas é evidente que em ambos subsiste o

mesmo mysterio, a mesma poesia, o mesmo magnetismo das aguas profundas.

Fernando de Castro seria fatalmente o mesmo desgraçado frangalho humano, se o seu idyllio se tivesse passado nos barrancos do Amatary, em frente á grandeza e á majestade do Amazonas. Jorge Mendes teria as mesmas sensações de deslumbramento e de encanto, se houvesse percorrido com a sua eleita, de braço dado, as praias do Atlantico.

E sabe porque, minha amiga ? Porque a Natureza tem uma logica formidavel. O Amazonas — pobre fio dagua que escorre do Pico andino de *Vilcanota*, no *Telhado do Mundo*, e é depois o *Mar Dulce* de Orellana — despeja no oceano a immensidade das suas aguas. O oceano — credoe consciente e amavel — devolve essas aguas por intermedio das chuvas brutaes que inundam todo o Valle, em longos mezes de inverno.

Eis ahi o phenomeno singular : O Amazonas e o Atlantico fazem uma simples permuta de velhos amigos. A agua, pois, é a mesma, com os mesmos principios, a mesma origem, as mesmas qualidades essenciaes. E se ha uma logica tão perfeita para os phenomenos physicos, por que não existirá essa logica para os phenomenos moraes ?

E' por isso, minha amiga, que á proporção que me vão sahindo da penna essas melancolicas leviandades litterarias, sinto dentro de mim uma serena, indefinida piedade por esse moço fidalgo e poeta que foi victima do magnetismo das aguas — como esse misero Fernando de Castro.

Deus tenha misericordia de ambos !

A. P.

INDICE

Sucurijú 9
Coração de caboclo 29
A casa abandonada. 49
Os dois gemidos 73
Suicidio 97
A surra 113
Zé Amancio 137
Engano de rumo 159
Direito de seringueiro 183
Os crimes de Antonio Candido 199
Remorsos 217
Magnetismo das aguas 243